MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

REVISTA OSESP

EDIÇÃO Nº5, 2016

AGO-SET

MARKUS STENZ REGE A *SINFONIA Nº 7*, DE HENZE, E *SHÉHÉRAZADE*, DE RAVEL, COM PARTICIPAÇÃO DA MEZZO SOPRANO DENISE DE FREITAS

RECITAIS OSESP:
KHATIA BUNIATISHVILI INTERPRETA PEÇAS DE CHOPIN, LISZT, RAVEL E STRAVINSKY

O QUINTETO DE FAGOTES DA OSESP INTERPRETA A ESTREIA MUNDIAL DE *PINACOTECA — SETE GRAVURAS SONORAS*, ENCOMENDA DA OSESP A ROBERTO SION

MARKUS STENZ REGE O *CONCERTO Nº 4 PARA PIANO E ORQUESTRA*, DE CAMARGO GUARNIERI, COM O SOLISTA PAULO ÁLVARES

GEOFFROY JOURDAIN REGE OBRAS DE COMPOSITORES FRANCESES COM O CORO DA OSESP

O QUARTETO OSESP INTERPRETA OBRAS DE VILLA-LOBOS, BARTÓK E DUTILLEUX

NATHALIE STUTZMANN REGE A *GRANDE MISSA EM DÓ MENOR*, DE MOZART, COM O CORO DA OSESP E AS VOZES DE EKATERINA SIURINA, EMÖKE BARÁTH, MARCOS THADEU E SABAH TEIXEIRA

KHATIA BUNIATISHVILI INTERPRETA O *CONCERTO PARA PIANO EM LÁ MENOR*, DE SCHUMANN, SOB REGÊNCIA DE NATHALIE STUTZMANN

RECITAIS OSESP:
OS PIANISTAS PAULO ÁLVARES E OLGA KOPYLOVA APRESENTAM OBRAS DE SCHUBERT, BRAHMS, POULENC E BARTÓK

ISAAC KARABTCHEVSKY REGE XAVIER DE MAISTRE NO *CONCERTO PARA HARPA*, DE GINASTERA

MÚSICA NA CABEÇA: ENCONTRO COM A ARTISTA ASSOCIADA NATHALIE STUTZMANN

Desde 2012, a *Revista Osesp* tem ISSN, um selo de reconhecimento intelectual e acadêmico. Isso significa que os textos aqui publicados são dignos de referência na área e podem ser indexados nos sistemas nacionais e internacionais de pesquisa.

MARAVILHAS E MISTÉRIOS

4

SINFONIAS DE SCHUBERT

AGO 8 — 4, 5, 6

MARKUS STENZ — REGENTE
DENISE DE FREITAS — MEZZO SOPRANO

HANS WERNER HENZE
MAURICE RAVEL

AGO 14 — 7

OLGA KOPYLOVA — PIANO
PAULO ÁLVARES — PIANO

FRANZ SCHUBERT
JOHANNES BRAHMS
FRANCIS POULENC
BÉLA BARTÓK

11,13 AGO 20

QUINTETO DE FAGOTES DA OSESP
ALEXANDRE SILVÉRIO
JOSÉ ARION LIÑAREZ
FILIPE DE CASTRO
FRANCISCO FORMIGA
ROMEU RABELO

FRANCISCO MIGNONE
ROBERTO SION
MODEST MUSSORGSKY

11,12,13 AGO 26

OSESP
MARKUS STENZ — REGENTE
PAULO ÁLVARES — PIANO

FRANZ SCHUBERT
JEAN-FÉRY REBEL
M. CAMARGO GUARNIERI

AGO 34 — 28

CORO DA OSESP
GEOFFROY JOURDAIN — REGENTE

MAURICE RAVEL
PHILIPPE HERSANT
OLIVIER MESSIAEN
PASCAL DUSAPIN
PHILIPPE FÉNELON
JEAN-LOUIS FLORENTZ

SET 41 — 11

QUARTETO OSESP
EMMANUELE BALDINI — VIOLINO
DAVI GRATON — VIOLINO
PETER PAS — VIOLA
ILIA LAPOREV — VIOLONCELO

HENRI DUTILLEUX
BÉLA BARTÓK
HEITOR VILLA-LOBOS

SET 46 — 15, 16,17

OSESP
NATHALIE STUTZMANN — REGENTE
EKATERINA SIURINA — SOPRANO
EMÖKE BARÁTH — SOPRANO
MARCOS THADEU — TENOR
SABAH TEIXEIRA — BAIXO-BARÍTONO
CORO DA OSESP
CORO ACADÊMICO DA OSESP

FRANZ SCHUBERT
WOLFGANG A. MOZART

SET 52 — 22,23,24

OSESP
NATHALIE STUTZMANN — REGENTE
KHATIA BUNIATISHVILI — PIANO

ÉDOUARD LALO
ROBERT SCHUMANN
GEORGES BIZET

SET 58 — 25

KHATIA BUNIATISHVILI — PIANO

FRÉDÉRIC CHOPIN
FRANZ LISZT
MAURICE RAVEL
IGOR STRAVINSKY

SET 29,30 64 — OUT 1

OSESP
ISAAC KARABTCHEVSKY — REGENTE
XAVIER DE MAISTRE — HARPA

ALBERTO GINASTERA
HEITOR VILLA-LOBOS

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

MINISTÉRIO DA CULTURA
BRASIL GOVERNO FEDERAL

PATROCÍNIO

Itaú Personnalité
BM&F Bovespa – A Nova Bolsa
Banco do Brasil Seguros
MAPFRE Seguros
Deloitte.
BancoVotorantim
Mattos Filho > Mattos Filho, Veiga Filho, Marrey Jr e Quiroga Advogados

APOIO

Scotiabank
Credit Suisse
correcta alimentos
Bain & Company
pontofrio – fundação viavarejo
BCG – The Boston Consulting Group
FANEM®
broadcast+
Liberté • Égalité • Fraternité – République Française – Consulado Geral da França em São Paulo
NEXTMIDIA
Tivoli Collection – São Paulo-Mofarrej – Brasil – Conference Hotel & Elements Spa by Banyan Tree
exceda
ASCAEL – Qualidade, Confiança e Tradição que fazem a diferença
Localiza – Aluguel de Carros
PHILIPS

VEÍCULOS

FOLHA – Não dá pra não ler.
CBN 25 anos
CartaCapital
Brasileiros
TOP
CULT
revista piauí
UOL

PARA PATROCINAR E APOIAR A OSESP

marketing@osesp.art.br

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

EURO 2016

A **Osesp** é convidada dos três maiores festivais de música da Europa: **Edimburgo, BBC Proms (Londres) e Lucerna**

Antes de embarcar, apresenta o repertório na **Sala São Paulo**

CONCERTOS A PREÇO POPULAR

AGO
17 **QUA**

19H30

OSESP
MARIN ALSOP REGENTE

MARLOS NOBRE, VILLA-LOBOS e RACHMANINOV

R$15
por concerto

22H

PARCERIA INÉDITA
OSESP E JAZZ SINFÔNICA
MARIN ALSOP REGENTE

100 ANOS DE MÚSICA POPULAR BRASILEIRA
PIXINGUINHA, CAYMMI, DOMINGUINHOS, TOM JOBIM E HERMETO PASCHOAL, entre outros.

osesp.art.br

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

PATROCÍNIO
BM&F BOVESPA A Nova Bolsa

REALIZAÇÃO
Jazz Sinfônica
INSTITUTO PENSARTE ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA FUNDAÇÃO OSESP
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO Secretaria da Cultura
MINISTÉRIO DA CULTURA
BRASIL GOVERNO FEDERAL

SCHUBERTÍADE, TELA DE JULIUS SCHMID (1897)

MARAVILHAS E MISTÉRIOS

AS SINFONIAS DE SCHUBERT

Morto aos 31 anos, Schubert chegou a trabalhar em quinze sinfonias, das quais cerca de metade não foi concluída ou ficou apenas no esboço. Chama atenção o fato de que uma de suas mais célebres criações seja, justamente, a *Sinfonia nº 8,* conhecida como *Inacabada*. Schubert também deixou incompletas várias outras partituras (em especial de música de câmara). Impossibilidade de concluir? Angústia diante da morte ou da doença? A discussão continua aberta.

As primeiras sinfonias (da que recebeu o número 1, em Ré Maior, até a *Sexta*, em Dó Maior), compostas entre 1813 e 1818, não apresentam problema de numeração, ainda que o esboço de uma outra sinfonia em Ré Maior seja anterior a esse primeiro conjunto. Com a *Sinfonia em Mi Menor* (1821), que se segue aos esboços de dois projetos não levados a cabo, as coisas se complicam: essa partitura bastante adiantada comporta apenas 110 compassos orquestrados e foi alvo de diversas tentativas de término, uma das quais de Brian Newbould, com o título de *Sinfonia nº 7* (há uma gravação dela regida por Gabriel Chmura).

A célebre *Sinfonia Inacabada*, a oitava da cronologia tradicional, só contém dois movimentos (que, interligados por íntima unidade orgânica, produzem a paradoxal impressão de integralidade), assim como o esboço de um *scherzo* terminado por Schubert numa versão para piano. Segue-se uma *Sonata Para Piano a Quatro Mãos em Dó Maior*, que foi orquestrada várias vezes, notadamente por Joseph Joachim

e René Leibowitz (esta versão foi interpretada em Paris, em 1966). Uma sinfonia abortada?

Durante muito tempo, acreditou-se que Schubert tivesse iniciado em seguida a composição de uma sinfonia chamada *Gmunden-Gastein* (dois locais visitados pelo compositor no verão de 1825). Perdida, teria sido sucedida em 1828 pela *Grande Sinfonia em Dó*. Mas as pesquisas mais recentes tendem a provar que a *Gmunden-Gastein* e a *Grande* são uma única sinfonia. Por fim, parece que Schubert ainda alimentou certo número de projetos para orquestra que não conseguiu concretizar; em especial, uma última sinfonia para a qual Peter Gülke e, depois, de novo, Newbould tentaram propor uma versão "integral" com o nome de *Sinfonia nº 10* (gravada sob regência de Pierre Bartholomée).

Essa sucessão de projetos alimentou os trabalhos dos historiadores da música (dentre os quais, na França, os de Paul-Gilbert Langevin) e complicou a numeração das sinfonias de Schubert. Durante muito tempo, a *Grande Sinfonia* foi a *Sétima*, por ser a última terminada da série. Depois, decidiu-se atribuir o número *8* à *Sinfonia Inacabada*, a partir da constatação de que ela tem todos os elementos de uma partitura coerente. Então, os musicólogos atribuíram o número 9 à *Grande*, imaginando que um dia encontrariam a *Gmunden-Gastein*, que então receberia o número 7.[1]

A seguir, tratarei com mais detalhe das *Sinfonias* números *3*, *4* e *8*, interpretadas na Temporada 2016 da Osesp.

As seis primeiras sinfonias de Schubert formam um ciclo que pode ser situado na linhagem das sinfonias de Haydn ou de Mozart e que, por sua vez, serviu de inspiração para as sinfonias para cordas compostas no início dos anos 1820 pelo jovem Mendelssohn. As três primeiras só foram estreadas várias décadas depois da morte do compositor, por August Manns, no Crystal Palace de Londres. As três seguintes foram tocadas por uma orquestra de amadores, com Schubert ainda vivo.

A *Sinfonia nº 3*, que estreou em 19 de fevereiro de 1881, foi composta em algumas semanas, de maio a julho de 1815. Começa com um "Adagio Maestoso", em duas seções, com uma amplitude e um colorido esplêndidos. Em seguida, ainda no primeiro movimento, o clarinete lança o primeiro tema, incisivo e irônico, de um "Allegro Con Brio".

Segue-se um "Allegretto", no qual a biógrafa Brigitte Massin vê "um minueto camuflado".[2] Schubert tira proveito da suavidade do timbre do clarinete e de sua capacidade de dialogar com os outros instrumentos de sopro.

O incisivo "Menuetto: Vivace" que vem depois é arejado por um trio em forma de valsa popular, confiado às madeiras. No "Presto Vivace" final, voltamos ao ardor juvenil do primeiro movimento. O motivo principal é dado pelas cordas e pontuado pelos sopros e pelos tímpanos. A música parece acelerar cada vez mais, e ouvidos atentos reconhecerão o ritmo da tarantela.

Concluída em 27 de abril de 1816, a *Sinfonia nº 4* sucede em alguns meses à composição de *Erlkönig* [O Rei Dos Elfos]. No mesmo ano, Schubert foi recusado para um posto de professor de música em Laibach (hoje Liubliana, capital da Eslovênia), apesar do apoio de seu mestre Salieri. Ato contínuo, desiste de se casar. Teriam sido esses os motivos que o levaram a batizar como "Trágica" sua *Quarta Sinfonia*? Também se pode justificar a escolha do título pela tonalidade Dó Menor (referência à *Quinta* de Beethoven) ou pela orquestração opulenta, com ênfase nas trompas (duas em Dó, duas em Mi Bemol), que emprestam um caráter épico à obra.

1 Hoje, alguns regentes e editores, atendo-se à cronologia das sinfonias constituídas de movimentos inteiramente compostos, atribuem o número 7 à *Sinfonia Inacabada* e o número 8 à *Grande*.

2 MASSIN, Brigitte. *Franz Schubert*. Paris: Fayard, 1993.

O "Adagio Molto", aberto por um acorde sinistro, afirma as intenções do compositor: pessimismo e gravidade. O violento "Allegro" que o segue se expande numa agitação quase eufórica, enquanto o movimento lento, em vez de trazer repouso, é percorrido pela mesma tensão, mas sem ter o desenho de uma marcha fúnebre. Somente o breve e sólido "Menuetto" pode ser considerado uma trégua na febre apaixonada que percorre a obra de cabo a rabo, e está presente no final exaltado, irresistível, concluído por três acordes, sem aviso prévio.

A primeira audição da *Sinfonia nº 4* foi realizada num dos muitos saraus na casa de Otto Hatwig, em Schottenhof, tendo Ferdinand Schubert, irmão do compositor, como primeiro violino e o próprio Franz na viola. A estreia propriamente pública ocorreu em 19 de novembro de 1849, em Leipzig, sob a regência de August Ferdinand Riccius.

A história da *Sinfonia nº 8 — Inacabada* é famosa. Aceito como membro da Sociedade Musical da Estíria por Joseph Hüttenbrenner, Schubert promete enviar-lhe uma sinfonia, mas só lhe entrega dois movimentos (datados de 30 de outubro de 1822). Conservadas entre os papéis da Sociedade, as partituras só foram reveladas em 1860 ao regente Johann von Herbeck, que se incumbiu de sua primeira audição em 17 de setembro de 1865, no Musikverein de Viena.

O célebre crítico vienense Eduard Hanslick relata a emoção provocada naquele dia por uma peça cujo colorido orquestral inaugura uma era nova: "Quando, após alguns compassos de introdução, o clarinete e o oboé entoam em uníssono seu canto suave acima do calmo murmúrio dos violinos, até uma criança reconheceria o autor, e pela sala corre uma exclamação mal abafada, como que sussurrada: Schubert! Ele mal acaba de entrar, mas parece que pode ser reconhecido pelos passos, pela maneira de empurrar o trinco da porta."

Essa partitura pungente inspirou numerosas hipóteses e várias tentativas de conclusão, mas nenhuma prevaleceu. A mais séria continua sendo a de Newbould, que orquestrou o "Scherzo" e propôs que, como final, se tocasse o primeiro entreato da música de cena de *Rosamunde*.

É difícil acreditar que o autor desses dois movimentos seja o mesmo que escreveu as seis sinfonias anteriores. O clima já não é de vitória ou de alegria desenvolta. Dessa vez, o compositor fala de si mesmo e lastima seu destino; abre novas portas — e elas se escancaram, como demonstram os pianíssimos descendentes do "Andante".

Pela tensão que contêm, o "Allegro Moderato" e o "Andante Con Moto" não poderiam ir mais longe, nem, com muito mais motivo, poderiam tolerar que a eles sucedesse qualquer "Scherzo" (já vimos que Schubert só deixara um esboço do terceiro movimento). Sem que sejam realmente rápidos ou lentos, esses dois movimentos comportam uma carga de tristeza e de infinito pessimismo.

O primeiro começa com uma melodia dolorosa do oboé que, percorrendo um desenvolvimento corroído por dissonâncias, redunda em certas ascensões em direção à loucura. A presença de três trombones (pela primeira vez, numa sinfonia de Schubert) torna tudo ainda mais ameaçador.

No segundo, encontra-se o mesmo sentimento de fracasso, uma mistura de raiva e angústia, consolações fugazes rapidamente varridas. Essa narrativa de deploração, que fala de toda a aflição do compositor, é confiada ao clarinete. Os compassos finais são cheios de delicadeza e resignação.

A não conclusão seria sinal de um desejo intenso de infinito?

CHRISTIAN WASSELIN é colaborador da revista *Opéra* e da Radio France, além de autor dos livros *Berlioz: Les Deux Ailes de l'Âme* (Gallimard, 1989), *Berlioz ou le Voyage d'Orphée* (Rocher, 2003) e *Clara, le Soleil Noir de Robert Schumann* (Scali, 2007). Tradução de Ivone Benedetti.

AGO

4 QUI 21H CEDRO
5 SEX 21H ARAUCÁRIA
6 SÁB 16H30 MOGNO

IN MEMORIAM
STELLA DOUFEXIS [1968-2015]

OSESP
MARKUS STENZ REGENTE
DENISE DE FREITAS MEZZO SOPRANO

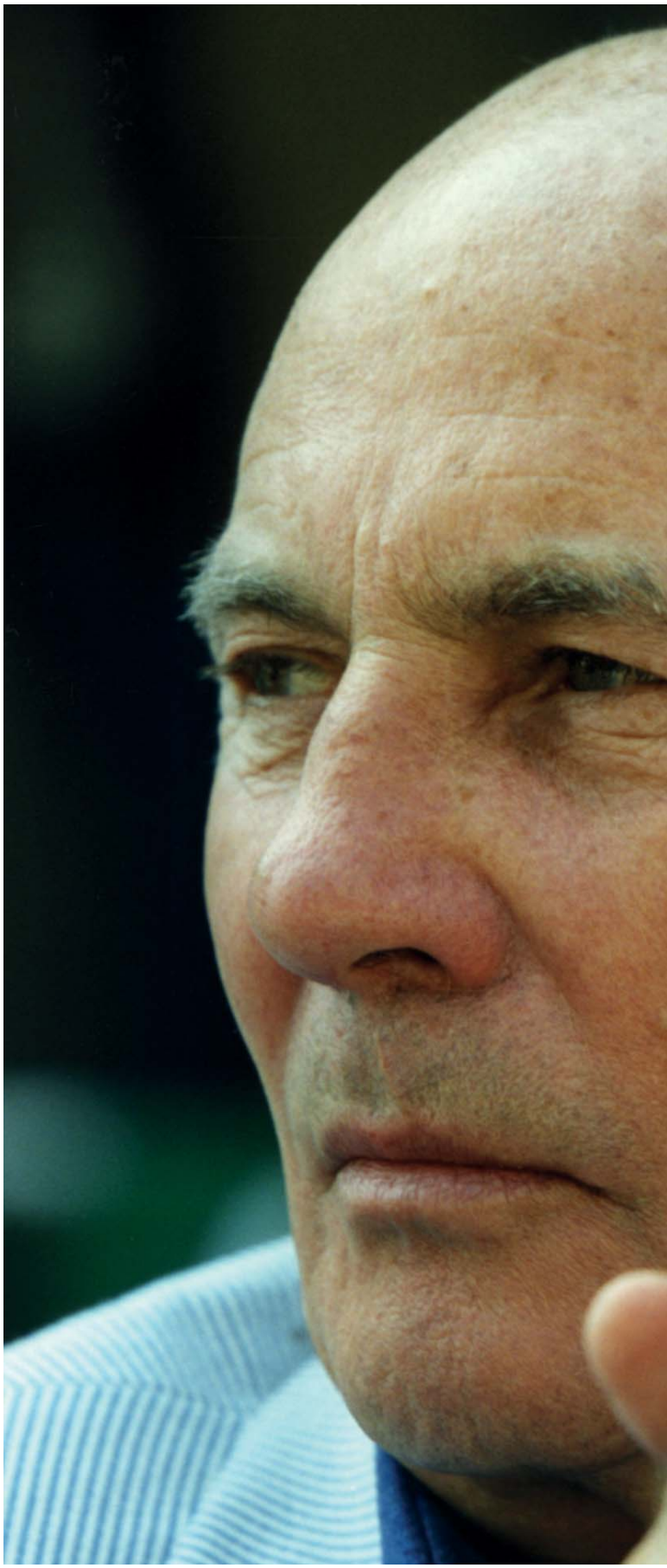
HANS WERNER HENZE [1926-2012]
Sinfonia N° 7 [1983-84]
- Tanz: Lebhaft und beseelt [Dança: Vívido e Inspirado]
- Ruhig bewegt [Movendo-se Calmamente]
- Unablässig in Bewegung [Incessantemente em Movimento]
- Ruhig, verhalten [Calmo, Contido]

37 MIN

MAURICE RAVEL [1875-1937]
Shéhérazade [1903]
- Asie [Ásia]
- La Flûte Enchantée [A Flauta Mágica]
- L'Indifférente [A Indiferente]

17 MIN

Bolero [1928]
16 MIN



HANS WERNER HENZE

Na *Sinfonia nº 7*, procurei me submeter completamente às regras tradicionais da sinfonia clássica, a fim de moldar minha expressão musical como se a estivesse fundindo numa fornalha e, dessa forma, permitir que a obra alcançasse o ouvinte da maneira mais direta e clara possível.

O primeiro movimento é uma espécie de dança germânica, uma "Alemanda", por assim dizer; o segundo é um *Lied*. O terceiro, um *scherzo*, é uma representação do sofrimento do poeta alemão Friedrich Hölderlin na instituição psiquiátrica do Dr. Autenrieth, em Tubinga. O último movimento é uma encenação do poema *Hälfte des Lebens* [Metade da Vida], de Hölderlin.

HANS WERNER HENZE. Tradução de Jayme da Costa Pinto.

Nascido em Gütersloh, em 1926, Hans Werner Henze testemunhou, ainda criança, o processo de estigmatização da música, das artes e da literatura modernas pelos nazistas. No fim da década de 1940, entrou em contato com o serialismo e passou a frequentar os Cursos de Verão para Música Nova de Darmstadt.

Henze deixou a Alemanha em 1953 e se estabeleceu na Itália. O distanciamento geográfico da teoria musical alemã contemporânea contribuiu para que desenvolvesse novas e variadas formas de expressão.

Entre 1980 e 1991, de volta a seu país natal, foi titular de uma cátedra na Staatliche Hochschule für Musik, em Colônia. Também foi compositor residente do Berkshire Music Center, em Tanglewood, em 1983 e entre 1988 e 1996, bem como da Orquestra Filarmônica de Berlim, em 1991. Em 1976, fundou a Cantiere Internazionale d'Arte, em Montepulciano e, em 1988, criou o Festival Internacional de Música Nova, dedicado à ópera, em Munique, evento que comandou até 1996.

Henze é autor de concertos, oratórios, ciclos de canções e música de câmara, além de dez sinfonias e várias óperas, que fizeram dele um dos compositores contemporâneos mais tocados de nossa época.

Texto publicado no *site* da editora Schott Music.
Tradução de Jayme Costa Pinto.

Francês de origem basca, nascido em 1875 na cidade de Ciboure, o compositor Maurice Ravel não foi infenso à corrente abertamente "exoticizante", verificada na música erudita de sua época. Para tanto, parecem ter contribuído as suas origens, que o aproximavam da Espanha, de algum modo pensada como espaço exótico devido ao seu passado mouro — lembremos *Carmen*, de Bizet, ou os "temas hispano-árabes" que, segundo o próprio Ravel, constituíam seu *Bolero* —, bem como à excelente formação intelectual proporcionada pela família do compositor, o que lhe permitiu voos de longo alcance.

Dentre suas principais obras — peças para piano, orquestrais, músicas de câmara, melodias e obras líricas — estão, além de *Bolero,* o *Concerto Para Piano em Sol Maior* (1929-31), *Daphnis e Chloé* (1909-12), *Pavana Para Uma Infanta Defunta* (1899-1901) e *Rapsódia Espanhola* (1907-8). Ravel morreu em 1937 em decorrência de uma doença neurológica contraída em 1932, ano em que estreou uma de suas obras-primas, o sombrio *Concerto Para Piano Para a Mão Esquerda*, dedicado ao pianista Paul Wittgenstein, que perdera a mão direita durante a Primeira Guerra Mundial.

Em 1898, Ravel compôs sua abertura *Shéhérazade,* em parte influenciado pelo sucesso da obra homônima do russo Nikolai Rimsky-Korsakov, lançada dez anos antes. A abertura não foi bem recebida, e talvez por isso Ravel não tenha hesitado em dar o mesmo título a um ciclo de canções que compôs em 1903, baseado em poemas de Tristan Klingsor, pseudônimo de Léon Leclère (1874-1966), poeta, músico e crítico de arte francês — e, assim como Ravel, membro do coletivo de artistas Os Apaches.

O compositor pediu que seu amigo recitasse os poemas em voz alta, para melhor captar as intenções expressivas de cada verso. "Asie" [Ásia] começa com a evocação, três vezes repetida, do nome do continente, descrito no poema de Klingsor como "antiga terra maravilhosa [...] onde a fantasia dorme como uma imperatriz". Passagens lânguidas são alternadas com outras mais agitadas, sempre orquestradas com a elegância e originalidade características de Ravel.

A canção seguinte, "La Flûte Enchantée" [A Flauta Mágica], traz a tranquilidade de uma tarde quente. O texto descreve a melancolia de uma jovem que ouve as melodias de uma flauta, tocadas ao longe por seu amado.

"L'Indifférent" [A Indiferente] é a última e a mais breve das três canções. Depois de uma belíssima introdução, ouve-se a descrição de um possível encontro amoroso, que afinal não se concretiza.

Tanto a abertura quanto o ciclo de canções *Shéhérazade* constituem, junto com *Introdução e Allegro*, de 1905, *Ma Mère l'Oye* [Mamãe Gansa], de 1911-2, e o inacabado oratório-balé *Morgiane*, a parte, por assim dizer, "orientalista" da obra de Ravel.

O sucesso de *Bolero,* de 1928, causou algum incômodo ao compositor, que considerava a peça banal. Essa opinião não é compartilhada pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss, que dedicou uma longa passagem de seu livro *O Homem Nu* à análise da peça. O *Bolero* se divide em dois temas, ambos com nove aparições, cada uma a cargo de um instrumento ou pequeno conjunto de instrumentos, até o apogeu final, em que a orquestra comparece em massa. Para Lévi-Strauss, um dos aspectos fundamentais do *Bolero* de Ravel é a "ambiguidade entre as codificações e recodificações binárias do discurso musical e o metro ternário que o escande, entre a simetria complexa predominante na construção e a assimetria simples predominante na exposição".[3]

Para outros comentadores, o *Bolero* é uma espécie de "manual de orquestração" legado por Ravel a seus discípulos.

MAMEDE JAROUCHE é professor de literatura árabe na USP e tradutor do *Livro das Mil e Uma Noites* (Globo, 2005), dentre outras obras.

Este programa é dedicado à memória da mezzo soprano Stella Doufexis [1968-2015], parceira muito estimada da Osesp. Originalmente convidada para cantar *Shéhérazade*, Stella faleceu em dezembro passado, para consternação de todos que a conheceram.

3 LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Homem Nu*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

SÉRIE OSESP
PERSONNALITÉ
2 0 1 6

Itaú
PERSONNALITÉ

Uma experiência única que desperta você para muitas outras.

DPZ&T

OSESP

Quando a música toca, inspira.
E, quando inspira, transforma.
Música é um convite a viver
novas experiências. Ouça,
inspire-se, imagine, transforme.

Itaú Personnalité apresenta:
Série Osesp Personnalité 2016,
Estado de Escuta.

Estacionamento gratuito
e lounge com degustações especiais
para clientes Personnalité.

itaupersonnalite.com.br/experiencia

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

HENZE
SYMPHONIES 7 & 9; BARCAROLA PER GRANDE ORCHESTRA; THREE AUDEN SONGS
Berliner Philharmoniker
City of Birmingham Symphony Orchestra
Sir Simon Rattle, regente
Ingo Metzmacher, regente
Ian Bostridge, tenor
Julius Drake, piano
WARNER CLASSICS, 2009

RAVEL
SHÉHÉRAZADE
L'Orchestre de la Suisse Romande
Ernest Ansermet, regente
Régine Crespin, soprano
DECCA, 2007

BOLÉRO; RAPSODIE ESPAGNOLE
Orchestre de Paris
Jean Martinon, regente
EMI, 1993

SUGESTÕES DE LEITURA

Hans Werner Henze
BOHEMIAN FIFTHS: AN AUTOBIOGRAPHY
Princeton University Press, 1999

Guy Rickards
HARTMANN, HINDEMITH AND HENZE
Phaidon, 1995

Marcel Marnat
MAURICE RAVEL
Fayard, 1995

Roger Nichols
RAVEL
Yale University Press, 2013

INTERNET

MAURICE-RAVEL.NET

MARKUS STENZ REGENTE

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

O regente alemão Markus Stenz estudou na Hochschule für Musik, em Colônia, com Volker Wangenheim, e em Tanglewood (Estados Unidos). Já regeu as filarmônicas de Munique, Berlim, Londres e Los Angeles; as sinfônicas de Viena, Melbourne, Baltimore, Boston, Chicago, da Rádio de Hesse e da Rádio da Baviera, além das orquestras Real do Concertgebouw de Amsterdã e da Gewandhaus de Leipzig. É regente titular da Filarmônica da Rádio Holandesa e principal regente convidado da Sinfônica de Baltimore. Fez importantes gravações com a Orquestra Gürzenich de Colônia, como o ciclo completo das sinfonias de Mahler (Oehms Classics, 2016) e *Gurre-Lieder*, de Schoenberg (Hyperion, 2015).

DENISE DE FREITAS MEZZO SOPRANO

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM 2015

Nascida em São Paulo, Denise de Freitas estudou canto com Lenice Prioli e se aperfeiçoou com Catherine Green e Patricia McCaffrey, nos Estados Unidos, e com Sylvia Sass, na França. Apresentou-se na Sala São Paulo como solista junto à Osesp nas obras *El Sombrero de Tres Picos*, de Manuel de Falla, sob regência de Josep Pons, e na *Sinfonia nº 9*, de Beethoven, regida por Rafael Frühbeck de Burgos. Apresentações recentes incluem *A Valquíria*, de Wagner, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, e *Il Trovatore* e *Falstaff*, ambas de Verdi, no Theatro Municipal de São Paulo. Recebeu por três vezes o prêmio Carlos Gomes: em 2004, 2009 e 2012.

A harmonia da música nos inspira.

O mercado também é uma orquestra.
Dá o tom e cria o ritmo do sobe e desce dos negócios gerados a cada milissegundo.

A integração entre músicos e instrumentos soa com perfeição.
E inspira a Bolsa na busca por novas possibilidades de negócios para oferecermos aos nossos clientes.
Para nós, eles são a nossa melhor plateia.

A Bolsa, como maestro, autorregula o mercado para acompanhar o ritmo das informações.
E contribui para a harmonia do espetáculo.

BM&FBOVESPA e Osesp, desenvolvendo a sociedade, o mercado e o País.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

Temporada
2016

facebook.com/bolsapravoce
@bmfbovespa
linkedin.com.br/company/bm&fbovespa

BM&F BOVESPA
A Nova Bolsa

7 DOM 16H RECITAIS OSESP

OLGA KOPYLOVA PIANO
PAULO ÁLVARES PIANO

FRANZ SCHUBERT [1797-1828] SCHUBERT EM FOCO

Fantasia em Fá Menor, D 940 (Op.post.103) [1828]
- Allegro Molto Moderato
- Largo
- Scherzo: Allegro Vivace
- Finale: Allegro Molto Moderato

18 MIN

JOHANNES BRAHMS [1833-97]

Variações Sobre um Tema de Haydn, Op.56b [1873-4]
- Tema — Coral de Santo Antonio: Andante
- Variação I: Andante Con Moto
- Variação II: Vivace
- Variação III: Con Moto
- Variação IV: Andante
- Variação V: Poco Presto
- Variação VI: Vivace
- Variação VII: Grazioso
- Variação VIII: Poco Presto
- Finale: Andante

18 MIN

FRANCIS POULENC [1899-1963]

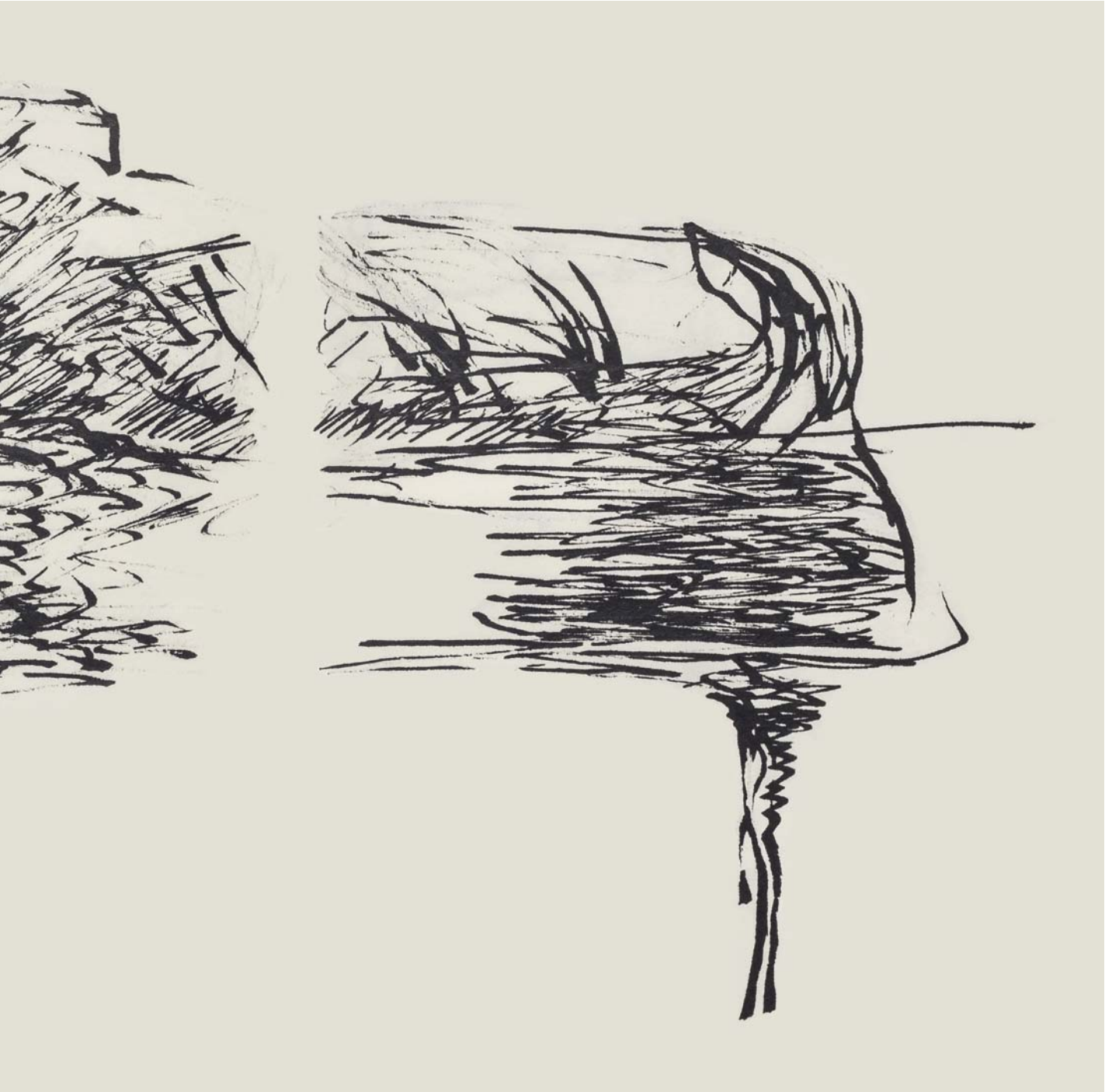
Sonata Para Dois Pianos [1953]
- Prólogo: Extremement Lent et Calme [Extremamente Lento e Calmo]
- Allegro Molto: Très Rythmé [Muito Ritmado]
- Andante Lirico: Lentement [Lentamente]
- Epílogo: Allegro Giocoso

19 MIN

BÉLA BARTÓK [1881-1945] COMPOSITOR TRANSVERSAL

Sete Peças do Mikrokosmos [1926-37]
- Ritmo Búlgaro
- Estudo de Acordes e Trinados
- Moto Perpétuo
- Breve Cânone e sua Inversão
- Nova Canção Folclórica Húngara
- Invenção Cromática
- Ostinato

9 MIN



DESENHO DE JACQUELINE ARONIS (2016)

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

SCHUBERT
PIANO DUETS
Benjamin Britten, piano
Sviatoslav Richter, piano
DECCA, 2004

MUSIC FOR PIANO 4 HANDS
Malcolm Bilson, piano
Robert Levin, piano
DEUTSCHE GRAMMOPHON, 1998

BRAHMS
HAYDN VARIATIONS FOR 2 PIANOS
Sir Georg Solti, piano
Murray Perahia, piano
CBS, 1988

POULENC
SONATA FOR TWO PIANOS
Alexander Tamir, piano
Bracha Eden, piano
DECCA, 1997

BARTÓK
MIKROKOSMOS
György Sándor, piano
SONY, 1993

Ao trazer obras importantes dos séculos XIX e XX, este programa abrange enormes possibilidades do repertório para dois pianos e piano a quatro mãos. Toda a variabilidade de comunicação entre os dois instrumentistas é amplamente explorada, da cooperação mais sutil à oposição mais discrepante e áspera.

Schubert escreveu sua *Fantasia em Fá Menor* em 1828 e dedicou-a a sua pupila Karoline Esterházy. O vocabulário explorado na peça, assim como nas últimas sonatas para piano, representa o ápice da poética do compositor: pungência melódica, complexidade e fluidez estrutural, opulentos contrastes, economia de meios.

A primeira parte apresenta um tema melancólico em Fá Menor desenvolvido em evoluções dramáticas para retornar à atmosfera íntima na conclusão. A segunda parte, em Fá Sustenido Menor, apresenta um tema grandioso e ritmicamente dilacerado, com vibrantes trilos entre os dois executantes, dando dimensão orquestral à trama camerística. A terceira parte explode com uma dança fulminante de origem húngara, em que vigor e delicadeza contrastam em turbilhões fascinantes. Retornando à melodia inicial num "Allegro Molto Moderato", Schubert conclui a peça entre monumentalismo arquitetônico e fragmentações resignadas.

Compostas em 1873-4, inicialmente para orquestra e depois para dois pianos, as *Variações Sobre um Tema de Haydn*, de Brahms, partem de uma melodia bastante original, organizada em duas frases de cinco compassos — assimetria estrutural que perpassa todos seus desenvolvimentos. As nove variações subsequentes exploram esse material de maneira ora lírica e ornamental, ora polimétrica e ritmicamente agitada.

A concepção orquestral dá à escrita pianística uma dimensão suculenta e antifonal, às vezes massiva e acórdica, outras, etérea e tranquila. Contrastando diferentes retratos do tema caleidoscopicamente transformado, as variações sucedem-se turbulentas, desfazendo-se num prestíssimo com surdina, em que a ideia original se evapora em granulações virtuosísticas entre os dois pianos. De maneira grandiosa e espetacular, Brahms recupera a melodia do *Coral de Santo Antonio* no final, após intensa fermentação polifônica, concluindo o ciclo de maneira exuberante e extrovertida.

Escrita em 1953, a *Sonata Para Dois Pianos* é sem dúvida uma das obras mais coesas e representativas do estilo heterogêneo e depurado de Francis Poulenc. Após uma abertura ácida e metálica, em que as cordas dos instrumentos vibram como sinos brutalmente percutidos, o discurso musical modula gradualmente para estruturas tonais-modais mais acessíveis e simples, dosando dissonâncias e consonâncias com grande habilidade teatral.

O segundo movimento oscila vigor neoclássico com passagens lentas escuras e quase expressionistas, compondo um quadro formal compacto e eficiente. Após um *intermezzo* lírico no terceiro movimento, em que a genialidade melódica do compositor brilha em toda sua rica inventividade, Poulenc conclui a peça com um explosivo "Allegro Giocoso" em forma rondó. Nesse movimento final, a cinemática neobarroca se aproxima dos sons de máquinas da música dos anos 1920, reminiscências de Prokofiev e Stravinsky. Jatos de força rítmica e momentos de coágulos dissonantes e angustiosos pontuam o discurso musical, com aspereza e impacto.

Ao adaptar para dois pianos *Sete Peças do Mikrokosmos*, Bartók procurava ampliar o repertório para seus concertos com Ditta Pásztory — uma maneira de garantir sua sobrevivência em território americano. As miniaturas representam todo seu vocabulário, vasto e multidirecional. Explorando o cromatismo de maneira vigorosa e controlada, o compositor utiliza de maneira personalíssima os doze sons de nossa escala convencional.

Mas não é só: Bartók aproveita melodias modais harmonizadas com extrema modernidade; traz suas pesquisas rítmicas metamorfoseadas num folclore imaginário; revitaliza técnicas contrapontísticas; explora contrastes e desníveis de texturas harmonicamente heterogêneas. Aqui, o compositor se expressa em toda a plenitude da maturidade.

PAULO ÁLVARES

LEIA MAIS SOBRE BARTÓK NO NÚMERO ESPECIAL DA *REVISTA OSESP* SOBRE O COMPOSITOR TRANSVERSAL, DISTRIBUÍDO GRATUITAMENTE NA SALA SÃO PAULO.

SUGESTÕES DE LEITURA

Christopher H. Gibbs (org.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO SCHUBERT
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1997

Walter Frisch e Kevin C. Karnes (orgs.)
BRAHMS AND HIS WORLD
PRINCETON UNIVERSITY PRESS, 2009

Richard D. E. Burton
FRANCIS POULENC
ABSOLUTE, 2003

Amanda Bayley (org.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO BARTÓK
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2001

Lauro Machado Coelho
NELA VIVE A ALMA DE SEU POVO: VIDA E OBRA DE BÉLA BARTÓK
ALGOL, 2010

INTERNET

SCHUBERT-ONLINE.AT
JOHANNESBRAHMS.ORG
POULENC.FR
ZTI.HU

OLGA KOPYLOVA PIANO

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM 2014

Pianista titular da Osesp desde 1999, Olga Kopylova nasceu no Uzbequistão, na antiga União Soviética. Começou a ter aulas de piano com o pai aos quatro anos; pouco depois, ingressou na Escola Especial de Música de Uspensky. Em 1997, foi admitida no Conservatório Tchaikovsky, sob a orientação de Ludmila Roshina e Mikhail Kollontai. Lançou o CD de piano solo *Estrela da Manhã* (CDA, 2006), em que interpreta obras de Prokofiev, Rachmaninov, Medtner e Scriabin.

PAULO ÁLVARES PIANO

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM 2013

O paulista Paulo Álvares é bacharel pela USP e mestre pela Texas Christian University. Foi aluno de Caio Pagano e Steven De Groote e frequentou a Escola Superior de Música de Colônia, onde estudou com Aloys Kontarsky e Hans Ulrich Humpert. Já se apresentou com as orquestras Sinfônica da WDR (Colônia) e Sinfônica da Rádio de Saarbrücken, dentre outras. É professor na Escola Superior de Música de Colônia (Alemanha), onde coordena o Ensemble für Improvisation und Aleatorische Musik, e no Instituto Politécnico de Castelo Branco, em Portugal.

Promover a democratização da cultura como um valor maior, capaz de modificar a vida das pessoas.

Em nosso dia a dia, trabalhamos para proteger tudo o que é essencial para sua família. E a cultura é uma delas. Por isso, apoiamos o projeto Descubra a Orquestra, desenvolvido pela OSESP, que garante o acesso de milhares de brasileiros a ações educativas e musicais de qualidade.

BANCO DO BRASIL Seguros

MAPFRE SEGUROS

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

REALIZAÇÃO

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

CARNAVAL EM MADUREIRA, TELA DE TARSILA DO AMARAL (1924)

HORA DA MÚSICA, TELA DE OSCAR PEREIRA DA SILVA (1

11 QUI 19H SOLISTAS DA OSESP NOITE
13 SÁB 14H45 SOLISTAS DA OSESP TARDE

QUINTETO DE FAGOTES DA OSESP

ALEXANDRE SILVÉRIO
JOSÉ ARION LIÑAREZ
FILIPE DE CASTRO
FRANCISCO FORMIGA
ROMEU RABELO

FRANCISCO MIGNONE [1897-1986]

Quatro Peças Brasileiras [1930]

- Maroca
- Maxixando
- Nazareth
- Toada

12 MIN

ROBERTO SION [1946]

Pinacoteca – Sete Gravuras Sonoras [2016]

ENCOMENDA OSESP, ESTREIA MUNDIAL

- Abertura: Ergue-se o Lyceu
- Carnaval em Madureira
- A Hora da Música
- Praia de Botafogo
- Crianças
- Ventania
- Aos Pés da Cruz
- Batuque

10 MIN

MODEST MUSSORGSKY [1839-81]

Quadros de Uma Exposição [1874]

[ARRANJO DE JEAN-CHRISTOPHE DASSONVILLE]

25 MIN

901)

PRAIA DE BOTAFOGO, TELA DE EDUARDO DE MARTINO (1870)

A Osesp, em parceria com a Pinacoteca do Estado de São Paulo, convida o público desse concerto a visitar o acervo do museu e conhecer as sete obras que inspiraram Roberto Sion na composição de *Pinacoteca – Sete Gravuras Sonoras*. Basta apresentar o canhoto do ingresso desta apresentação na entrada da Pinacoteca.

Válido até 14 de agosto de 2016.

Foi uma surpresa honrosa e mais que agradável receber a encomenda de criar, para o quinteto de fagotes da Osesp, uma peça com cerca de doze minutos, nos moldes de *Quadros de Uma Exposição*, de Mussorgsky, a partir de obras do acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Desde logo, enxerguei o desafio como uma despretensiosa e simpática homenagem à monumental obra que Mussorgsky nos legou, e que, ao mesmo tempo, levava em conta um acervo de pinturas próximo a nós, brasileiros.

Compor é sempre uma aventura ao mesmo tempo feliz e desafiadora. Feliz a medida que há algo de lúdico no fazer composicional, no armar e desarmar ideias, no desvendar caminhos: o prazer das descobertas misturado ao desafio de lidar com problemas formais e estéticos, que inevitavelmente vão surgindo até o ponto de se considerar que o melhor, para aquele momento e para aquela peça, foi alcançado. Quando o resultado pode ser compartilhado com intérpretes e público, o processo chega à sua meta final — mas se completa e se renova cada vez que a música é tocada. Comunhão perfeita.

CRIANÇAS, TELA DE KARL ERNST PAPF (1886)

VENTANIA, TELA DE ANTONIO PARREIRAS (1888)

BATUQUE, TELA DE CARLOS PRADO (1935)

AOS PÉS DA CRUZ, TELA DE SAMSON FLEXOR (1949)

Pinacoteca — Sete Gravuras Sonoras começou — como era inevitável — com visitas ao museu, leituras de catálogos e fotos referenciais, a fim de descobrir quais pinturas, a meus olhos, pediam para se disfarçar em música. Felizmente, muitas delas! Ao final, fiz uma seleção, com a agradável sensação de que as restantes poderiam ainda inspirar futuras obras. Levei em conta, nesse processo, andamentos mais rápidos ou lentos, atmosferas, contrastes que as pinturas sugeriam para o equilíbrio da composição.

"Ergue-se o Lyceu" abre a suíte, homenageando Ramos de Azevedo e Domiziano Rossi, projetistas em 1896 do prédio do Liceu de Artes e Ofícios, que, em 1905, passaria a sediar a Pinacoteca de São Paulo. A seguir, um maxixe em estilo tonal/atonal se reporta à obra *Carnaval em Madureira*. Uma valsa sobre o quadro *A Hora da Música* evoca um antigo sarau à luz de velas. "Praia de Botafogo" descreve languidamente uma seresta ao luar, tal como sugere noturnamente a pintura. Quatro rostos infantis distribuídos circularmente em colagem no quadro *Crianças* inspiram um coral a quatro vozes, harmonicamente livre, interrompido propositalmente por frases em Mi Maior, travessas e ágeis. A seguir, o quadro *Ventania* é descrito por ininterruptas escalas ascendentes e descendentes, muito rápidas, que se dissolvem aos poucos no tempo. A tela *Aos Pés da Cruz* é descrita por sons dissonantes livremente criados, acordes cada vez mais tensos, procurando traduzir solenemente os últimos instantes da Paixão. A composição se encerra sob a égide da pintura *Batuque,* em que a escala pentatônica, contrapontos rítmicos constantes e mesmo a liberdade jazzística da improvisação descrevem toda a pujança que a música africana traz, com sua inestimável contribuição para a música das Américas.

Todas as peças solicitam os cinco solistas continuamente. A fim de estabelecer mais um elo com a obra de Mussorgsky, tive a ideia de parafrasear a famosa *promenade* com um pequeno tema em quatro variações, que oferece a ligação entre os movimentos e dá a oportunidade para que cada um dos instrumentistas seja ouvido individualmente.

ROBERTO SION

QUINTETO DE FAGOTES DA OSESP

Fundado em 2011, o quinteto reúne os integrantes do naipe de fagotes da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. A proposta do grupo é explorar a sonoridade do fagote e popularizá-lo. O repertório inclui obras originais para essa formação e vai do Barroco a compositores contemporâneos, além de transcrições e arranjos inovadores.

Deloitte.

A arte impacta a vida

A transformação do mundo começa na criatividade

A Deloitte tem o propósito de gerar impactos positivos para seus clientes, seus profissionais e a sociedade. Por isso, apoia a Academia de Música da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP), que retém e desenvolve jovens músicos do Brasil – uma geração que ajuda a construir, com seu talento, um mundo melhor para se viver.

www.deloitte.com
#impactthatmatters

© 2016 Deloitte Touche Tohmatsu. Todos os direitos reservados.

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

11 QUI 21H CARNAÚBA
12 SEX 21H PAINEIRA
13 SÁB 16H30 IMBUIA

OSESP
MARKUS STENZ REGENTE
PAULO ÁLVARES PIANO

FELIX MENDELSSOHN-BARTHOLDY [1809-47]
Mar Calmo, Viagem Próspera, Op.27 [1828]
13 MIN

FRANZ SCHUBERT [1797-1828] SCHUBERT EM FOCO
Sinfonia Nº 8 em Si Menor, D 759
— Inacabada [1822]
- Allegro Moderato
- Andante Con Moto
25 MIN

JEAN-FÉRY REBEL [1666-1747]
Os Elementos: O Caos [1737]
7 MIN

M. CAMARGO GUARNIERI [1907-93]
Concerto Nº 4 Para Piano e Orquestra [1968]
- Resoluto
- Profundamente Triste. Vivo. Profundamente Triste
- Rápido
24 MIN

TATU, OBRA DE ARTHUR LUIZ PIZA (1971)

Aos doze anos, Mendelssohn foi levado a Weimar por seu professor de composição, Carl Friedrich Zelter (1758-1832), para conhecer ninguém menos que Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), então um senhor de mais de setenta anos. Assim nasceu uma genuína relação de amizade, que duraria até a morte do poeta, cerca de dez anos depois.

Em 1828, Mendelssohn compôs uma abertura baseada em dois poemas de Goethe: "Meeresstille" [Mar Calmo] e "Glückliche Fahrt" [Viagem Próspera], ambos escritos em 1796. Os mesmos versos, cheios de contrastes, já haviam inspirado Beethoven e Schubert, mas a versão de Mendelssohn — a única que contou com a bênção do poeta — foi a que se tornou mais conhecida. O termo "abertura" pode ser enganador: não se trata de música introdutória a um espetáculo, mas sim de um pequeno poema sinfônico, aqui estruturado em duas partes — uma lenta, outra rápida.

A calmaria do mar no poema de Goethe não é razão para paz de espírito, mas de preocupação: para a navegação do século XVIII, a falta de vento era um verdadeiro problema. Daí o caráter sombrio e algo melancólico criado por Mendelssohn na primeira parte de *Mar Calmo, Viagem Próspera*. Um solo de flauta traz as correntes de ar necessárias para a viagem, propondo a transição para a segunda parte, quando a música navega por mares beethovenianos, com céu claro e marinheiros cheios de ímpeto, até um desfecho triunfal.

Em 1721, Jean-Féry Rebel dirigiu em Paris a ópera-balé *Les Éléments* [Os Elementos], de Destouches e De Lalande. Foi nessa ocasião que o rei Luís XV dançou num palco pela primeira vez. Dezesseis anos mais tarde, Rebel compôs sua própria versão para *Os Elementos* — uma "sinfonia-balé", gênero que ele mesmo criara, em que a relação entre música e dança dos espetáculos não tinha a intermediação de um libreto. Escrito alguns meses depois, "O Caos" foi incorporado como prólogo — não dançado — à obra.

Os *clusters* que abrem "O Caos" poderiam ser vistos como uma notável prefiguração de procedimentos vanguardistas que marcariam a música do início do século XX. No entanto, a peça não apresenta um esforço de desenvolvimento da linguagem tonal, mas uma tentativa de fazer música descritiva. O próprio Rebel anotou que essa introdução, com todas as notas de uma oitava tocadas simultaneamente, era "o próprio caos": a confusão que reinava entre os elementos — terra, ar, água e fogo — antes da criação.

Sem o apoio de cenários, figurinos e uma narrativa propriamente literária, Rebel construiu uma música bastante original, tanto pela ênfase no discurso harmônico quanto pelo cuidado com a escolha dos timbres, aspectos que seriam retomados e desenvolvidos pelo também francês Rameau. Mas, de novo, a motivação do compositor era imitar a natureza, mais do que inovar a linguagem. Em nota sobre a peça, Rebel escreveu que os contrabaixos representam a terra; as flautas imitam o murmúrio da água corrente; as longas notas seguidas por trêmulos nos *piccolos* descrevem o ar; e os violinos, com frases vivas e brilhantes, simbolizam a atividade do fogo.

RICARDO TEPERMAN é doutorando em antropologia social na Universidade de São Paulo e editor da *Revista Osesp*.

CAMARGO GUARNIERI, *C.* 1950

LEIA SOBRE A *SINFONIA Nº 8 — INACABADA* NO ENSAIO *"SINFONIAS DE SCHUBERT: MARAVILHAS E MISTÉRIOS"*, DE CHRISTIAN WASSELIN, NA PÁGINA 5

Em 1968, Camargo Guarnieri era um artista premiado nacional e internacionalmente, maestro e professor de composição e regência na Universidade Federal de Goiás e tinha sua obra reconhecida além de nossas fronteiras. No ano anterior, sua *Sinfonia nº 4* fora estreada pela Sinfônica de Portland — sob regência de Paul Vermel — e transmitida pela Voz da América.

Quando recebeu a encomenda para o *Concerto nº 4 Para Piano,* estava imerso em canções: escrevera catorze no espaço de um ano, sem contar *O Caso do Vestido*, cantata para narrador, soprano, coro e orquestra, sobre poema de Carlos Drummond de Andrade.

À semelhança do *Concerto nº 3 Para Piano* (1963), encomenda da Rádio MEC, o *Quarto* também foi encomendado, dessa vez pelo Governo do Rio Grande do Sul, por meio da Pró Arte Brasil Sociedade de Artes, de Porto Alegre. Dedicado ao pianista Roberto Szidon, o *Concerto* foi por ele estreado em 6 de setembro de 1972, tendo o próprio Guarnieri como regente.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

MENDELSSOHN
SYMPHONY NO. 5 "REFORMATION"
OVERTURE: RUY BLAS;
CALM SEA AND PROSPEOUS VOYAGE
London Symphony Orchestra
Sir John Eliot Gardiner, regente
LSO LIVE, 2015

SCHUBERT
SYMPHONIEN NOS. 3 & 8
Wiener Philharmoniker
Carlos Kleiber, regente
DEUTSCHE GRAMMOPHON, 1997

SYMPHONIEN NOS. 8 & 9
Berliner Philharmoniker
Herbert von Karajan, regente
EMI CLASSICS, 1997

REBEL
LES ÉLÉMENTS
The Academy of Ancient Music
Christopher Hogwood, regente
POLYGRAM RECORDS, 1989

CAMARGO GUARNIERI
CONCERTOS 3 & 4 PARA PIANO
Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC
Camargo Guarnieri, regente
Laís de Souza Brasil, piano
FUNARTE, 1979

A análise dos manuscritos da obra e a documentação pessoal do compositor apontam para dois fatos que se traduzem musicalmente na partitura. O primeiro é que a maturidade lapidou o processo de criação e marcou sua expressão mais íntima. Em vez de trabalhar no papel desde as primeiras ideias, Guarnieri passou a refletir e planejar para depois escrever a parte do solista, e as primeiras marcações para o conjunto que acompanha. No início do ano de 1968, deu notícia do projeto de um novo concerto a seu amigo e primeiro professor de composição, Lamberto Baldi, que, em maio, pediu novidades. Guarnieri escreveu: "Antigamente, não deixava que as ideias caminhassem dentro de mim. [...] Agora, com os cabelos brancos, prefiro ruminá-las e, quando surgem para a minha vida interior, sei usá-las melhor."[4]

Até o final daquele ano, ficaria pronta a parte do piano com a redução da orquestra — ou seja, o contorno principal das vozes dos instrumentos —, embora o compositor ainda não tivesse definido os principais timbres a explorar. Sempre disposto a criar ambiente novo para o piano — ele escreveu ao todo seis concertos para este instrumento, além de quatro outras obras em que o teclado é protagonista —, Guarnieri pediu desta vez uma orquestra sem os violinos. Na obra, a percussão é rica e variada e, para contrabalançar a ausência das notas agudas do naipe das cordas, o compositor faz uso de muitos diálogos com as madeiras, como flauta, flautim, oboé e clarinetes.

Ainda em conversa com o antigo mestre, Guarnieri confessou a vontade de inovar — e de forma radical. O compositor considerava a inclusão de uma guitarra elétrica ou de um instrumento musical da cultura gaúcha: gaita de boca, sanfona (ou bandoneon) e até mesmo a *zampogna* (tipo de gaita de fole de origem italiana). Embora tenha abandonado ambas as ideias, a menção não é de se estranhar quando observamos a história da música popular brasileira daquele momento.

A vontade de usar a guitarra foi deixada para trás em meio às discussões sobre o emprego do instru-

4 Baldi, Lamberto. Carta para Camargo Guarnieri. Montevidéu, maio de 1968. Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.

mento em nossa música popular. Estas eram alimentadas, de um lado, pelos compositores que escreviam canções de protesto e temáticas voltadas para a vida do país (grupo que veio a ser conhecido como MPB); e, de outro, pelos artistas da chamada Jovem Guarda (com a Tropicália começando a embaralhar as coisas). A disputa ganhara as ruas, com direito a passeatas contra o emprego da guitarra na música popular, situação *sui generis* na música de qualquer nação. Guarnieri também abandonaria a ideia de colocar um instrumento representativo da cultura gaúcha.

O compositor queria provocar uma impressão forte, e uma possível tradução de sua vontade de inovar talvez seja o uso constante de melodias que seus intérpretes e estudiosos costumam chamar de melodias seriais, pouco praticadas na temática do compositor até meados da década de 1950. De fato, o *Concerto nº 4* começa em ritmo agitado. O primeiro movimento, "Resoluto", é breve. O desenvolvimento, central, inclui uma longa cadência do solista. Em sua porção final, o vibrafone, as flautas e os clarinetes são muito atuantes.

O segundo movimento, "Profundamente Triste", confirma o outro ponto que os manuscritos e as notas do compositor não escondem: em 1968, Guarnieri estava muito apreensivo com os tempos sombrios da política nacional e, sempre que tinha a oportunidade de falar a respeito para os amigos, lamentava a situação política e econômica. Emoldurado pela orquestra, que traz contrastes fortes entre as madeiras, os sopros e a percussão, é o mais longo dos três movimentos do *Concerto*. Nele, Guarnieri acolhe a melodia "Meu Boi Barroso", declaração do grande afeto do compositor pelos muitos amigos do Rio Grande do Sul.

Apesar da indicação "Rápido" para o andamento do último movimento, ele é rico em nuances. O conjunto ora ralenta, ora retoma o clima mais veloz do início, com destaque para a participação do agogô e do triângulo, principalmente. Construído em cima de três melodias principais, apresentadas na sequência ABCBA, o movimento conclui a peça de forma extremamente viva e brilhante.

FLÁVIA CAMARGO TONI é professora titular do IEB/USP e organizadora do livro *A Música Popular Brasileira na Vitrola de Mário de Andrade* (Editora Senac, 2004).

SUGESTÕES DE LEITURA

R. Larry Todd
MENDELSSOHN: A LIFE IN MUSIC
OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2005

Elizabeth Norman McKay
FRANZ SCHUBERT: A BIOGRAPHY
OXFORD UNIVERSITY PRESS, 1996

Catherine Essac
JEAN-FÉRY REBEL 1666-1747: MUSICIEN DES ÉLEMÉNTS
CNRS, 2007

Flávio Silva (org.)
CAMARGO GUARNIERI: O TEMPO E A MÚSICA
IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO/FUNARTE, 2001

INTERNET

FRANZSCHUBERT.ORG.UK
SCHUBERT-ONLINE.AT
FELIXMENDELSSOHN.COM

MARKUS STENZ REGENTE

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Ver p.12

PAULO ÁLVARES PIANO

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM 2013

Ver p.18

BancoVotorantim

INSPIRAR A **VIDA** POR MEIO DA **MÚSICA.**

O **Banco Votorantim** é um banco brasileiro que acredita ser possível fazer a diferença na vida das pessoas, tornando a arte acessível a todos. Por isso, temos o orgulho de apoiar a **Osesp**, que há mais de 60 anos desenvolve um trabalho de disseminação da cultura e da música erudita na sociedade.

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

www.bancovotorantim.com.br

Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800 728 0083, deficientes auditivos e de fala: 0800 701 8661, 24 horas por dia, 7 dias por semana, ou e-mail sac@bancovotorantim.com.br. Ouvidoria: 0800 707 0083, deficientes auditivos e de fala: 0800 701 8661, exceto feriados nacionais, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h. Caixa Postal 21074, Rua Barão do Triunfo, 242, São Paulo - SP, CEP 04602-970. Formulário de contato disponível no site do Banco Votorantim S.A.

28 DOM 16H CORO DA OSESP

CORO DA OSESP
GEOFFROY JOURDAIN REGENTE

MAURICE RAVEL [1875-1937]
Três Canções [1914-5]
- Nicolette
- Trois Beaux Oiseaux du Paradis
  [Três Belos Pássaros do Paraíso]
- Ronde [Ronda]

7 MIN

Trois Poèmes de Stéphane Mallarmé: Soupir
[Três Poemas de Stéphane Mallarmé: Suspiro] [1913]
[ARRANJO DE CLYTUS GOTTWALD]

4 MIN

Ballade de la Reine Morte d'Aimer
[Balada da Rainha Morta de Amar] [1893]
[ARRANJO DE VINCENT MANAC'H]

3 MIN

PHILIPPE HERSANT [1948]
L'Infinito [O Infinito] [1993]

12 MIN

OLIVIER MESSIAEN [1908-92]
O Sacrum Convivium [Ó Banquete Sagrado] [1937]

4 MIN

PASCAL DUSAPIN [1955]
Umbrae Mortis [Sombra da Morte] [1997]

5 MIN

PHILIPPE FÉNELON [1952]
Zwei Psalmen [Dois Salmos] [2000]
- Am Staub [No Pó]
- Zeige Mir [Mostre-me]

5 MIN

JEAN-LOUIS FLORENTZ [1947-2004]
Asmarâ [1992]

17 MIN

A FACE OCULTA DE PARIS, FOTO DE FABIO FAGU COSTA

O repertório francês do século XX para coro de câmara *a cappella* é bastante escasso. Três canções de Debussy, três de Ravel e nada mais muito importante digno de registro, exceto pela obra de Francis Poulenc.

É verdade que, na segunda metade do século, por impulso da atuação de Marcel Couraud na Radio France, ocorreu uma importante renovação do interesse pela escrita vocal polifônica, mas destinada sobretudo a pequenos conjuntos vocais em dispositivos essencialmente solísticos. De uns vinte anos para cá, vários coros profissionais de câmara surgiram na França e são órfãos de repertório.

O programa deste concerto demonstra essa carência: é composto por obras que são o único *opus* para coro *a cappella* do compositor (*Três Canções*, de Ravel; *O Sacrum Convivium*, de Messiaen; *Asmarâ*, de Florentz; *Umbrae Mortis*, de Dusapin); por transcrições para coro de obras destinadas a outros conjuntos (arranjos de Manac'h e de Gottwald para obras de Ravel, prática muito difundida na França, para o bem e para o mal); ou por obras compostas originalmente para conjunto de solistas e rearranjadas posteriormente para coro (*L'Infinito,* de Hersant; *Zwei Psalmen*, de Fénelon).

Portanto, as escolhas que orientaram a seleção foram feitas a partir de um *corpus* relativamente restrito. É possível identificar certa unidade estilística nessa seleção, um provável Classicismo "à francesa", que aqui se justifica, apesar dos universos estéticos muito diferentes, de Fénelon a Dusapin, porque quase todos os compositores fazem referência a um gênero do passado: Ravel, com suas "canções", presta homenagem à canção polifônica do século XVI; Hersant, ao madrigal italiano; Dusapin, ao contraponto erudito dos motetos do Renascimento...

As *Três Canções* de Ravel foram escritas entre 1914 e 1915, quando o compositor aguardava a partida para a guerra. Publicadas em 1916 e cantadas pela primeira vez em outubro de 1917, são um dos últimos testemunhos (em especial, "Três Belos Pássaros do Paraíso") do mundo que caminharia definitivamente para o horror do conflito mundial. Cabe notar que os poemas, cheios de estranheza, mas também de humor, são do próprio Ravel.

Compostos em 1913 e apresentados pela primeira vez no ano seguinte, os *Três Poemas de Stéphane Mallarmé* destinavam-se originalmente a soprano e pequeno conjunto instrumental. Ravel dizia: "Considero Mallarmé não só o maior poeta francês, como também o *único*, pois [...] exorcizou essa língua, como mágico que era. Libertou os pensamentos alados e os devaneios inconscientes de sua prisão."

Tal como o *Pierrô Lunar,* de Schoenberg, ou os *Três Poemas da Lírica Japonesa,* de Stravinsky, que estrearam na mesma ocasião dos *Poemas* de Ravel, esse ciclo é considerado uma obra vocal fundadora da modernidade. O arranjo para coro de "Suspiro" é de Clytus Gottwald, um dos maiores regentes corais do século XX, com grande participação na cena contemporânea, conhecido hoje em dia por suas hábeis transcrições para coro *a cappella*.

Já a *Balada da Rainha Morta de Amar* é uma obra de juventude, da época em que Ravel estudava no Conservatório de Paris. Escrita em 1893, é considerada frequentemente a primeira obra significativa do compositor, ainda muito influenciado pelo estilo de Erik Satie.

A peça ficou inédita até 1975, dois anos depois do nascimento de Vincent Manac'h, compositor representativo da renovação da arte coral francesa. Manac'h revisita a *Balada*, orquestrando-a de maneira muito sutil para dois coros: o coro "que ressoa" age sobre o coro principal (ao qual é confiado o texto) como seu reflexo, mais ou menos como o pedal sobre a tábua harmônica de um piano.

Philippe Hersant estava trabalhando em *L'Infinito*, obra inicialmente prevista para conjunto de solistas, quando chegou a notícia da morte de Federico Fellini, em 1993. Seu último filme, *A Voz da Lua*, estava impregnado da poesia de Giacomo Leopardi (1789-1837), motivo da escolha desse texto magnífico. A ele se somam um prólogo e um epílogo que se valem dos primeiros versos de um hino à lua, também de Leopardi, recitado pelo personagem principal no filme de Fellini.

Há alguns anos, sugeri a Philippe Hersant adaptar essa peça para coro de câmara, pois me parecia que as texturas se prestavam mais a isso. *L'Infinito* estreou em sua nova versão (que substitui a antiga no catálogo do compositor) na interpretação do grupo Les Cris de Paris.

Escrita em 1937, com base numa prece atribuída a São Tomás de Aquino, *O Sacrum Convivium* é a única obra coral *a cappella* de Olivier Messiaen. Toda a face mística da personalidade do mestre está aí exemplificada: simplicidade e humildade, contemplação e deslumbramento. Trata-se de um tipo de literatura coral relativamente pouco explorado pelos grandes compositores. Esse moteto teve excepcional difusão na França e figura no repertório de numerosos conjuntos.

Umbrae Mortis é uma obra composta em 1997 por Pascal Dusapin, o mais famoso compositor francês de sua geração. Sua linguagem personalíssima está frequentemente impregnada de canto, e Dusapin distinguiu-se muitas vezes na arte vocal e lírica.

Essa peça curta foi escrita originalmente como música de cena, mas nunca foi apresentada dessa maneira. Concebida em relação direta com o *Réquiem* de Johannes Ockeghem (uma das primeiras composições assinadas para a missa dos mortos), *Umbrae Mortis* é dedicada à memória do compositor Francisco Guerrero (1528-99), como uma espécie de moteto profano.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

RAVEL
THE COMPLETE EDITION
The Monteverdi Choir
Sir John Eliot Gardiner, regente
DECCA, 2012

COMPLETE MÉLODIES
Ensemble Contemporaneo dell'Umbria
Marco Momi, regente
Filippo Farinelli, piano
Claudia Giottoli, flauta
Giacomo Menna, violoncelo
Monica Piccinini, soprano
Elisabetta Lombardi, mezzo soprano
Sophie Marilley, mezzo soprano
Christian Immler, barítono
BRILLIANT CLASSICS, 2015

MESSIAEN
TROIS PETITES LITURGIES; CINQ RECHANTS; O SACRUM CONVIVIUM
London Sinfonietta
London Sinfonietta Chorus
London Sinfonietta Voices
Terry Edwards, regente
VIRGIN CLASSICS, 1991

DUSAPIN
REQUIEM(S)
Choir de Chambre Accentus
Laurence Equilbey, regente
NAÏVE, 2000

FLORENTZ
LA CASA DE VELÁZQUEZ : 75e ANNIVERSAIRE
Soli-Tutti
Denis Gautheyrie, regente
CASA DE VELÁZQUEZ, 2006

Em 1997, Philippe Fénelon acabou de escrever um grande ciclo de obras para conjunto vocal de solistas com base nos poemas de Rainer Maria Rilke, concebido como um livro de madrigais. Assim como os madrigais italianos do Renascimento podiam dar ensejo à *contrafacta* (ou seja, sua música podia servir de suporte para textos sacros), Philippe Fénelon reutilizou duas peças desse ciclo em 2000, atribuindo-lhes um texto religioso (excertos de salmos) e destinando-os a um coro de câmara. Assim nasceram os belíssimos *Zwei Psalmen* [Dois Salmos].

Asmarâ, de Jean-Louis Florentz, foi composta e apresentada pela primeira vez em 1992 e é, sem dúvida alguma, a obra mais original de música sacra francesa da segunda metade do século XX. Além de compositor de talento, Florentz é também um etnomusicólogo respeitado, autor de importantes pesquisas no nordeste africano.

Asmarâ é um salmo cantado em ge'ez (ou etíope litúrgico). Os cristãos ortodoxos da Etiópia são depositários da liturgia considerada a mais antiga da cristandade (com frequência esquecemos que essa parte do mundo foi evangelizada antes da Europa). Todos os motivos melódicos e rítmicos utilizados aqui por Florentz são extraídos dessa esplêndida tradição.

GEOFFROY JOURDAIN. Tradução de Ivone Benedetti.
(Ver na página ao lado.)

GEOFFROY JOURDAIN REGENTE

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Geoffroy Jourdain iniciou seus estudos em Musicologia na Sorbonne e teve mentores como Patrick Marco e Pierre Cao. Foi diretor do Coral da Orquestra de Paris e é fundador e diretor musical do Le Cris de Paris, grupo vocal de música contemporânea. Já trabalhou com regentes como Pierre Boulez, Christoph Eschenbach, Rafael Frühbeck de Burgos, Philippe Herreweghe, Richard Hickox, Paavo Järvi, Marek Janowski, Gennady Rozhdestvensky e Esa-Pekka Salonen. Foi premiado pela Fundação Marcel Bleustein-Blanchet e pela Fondation de France.

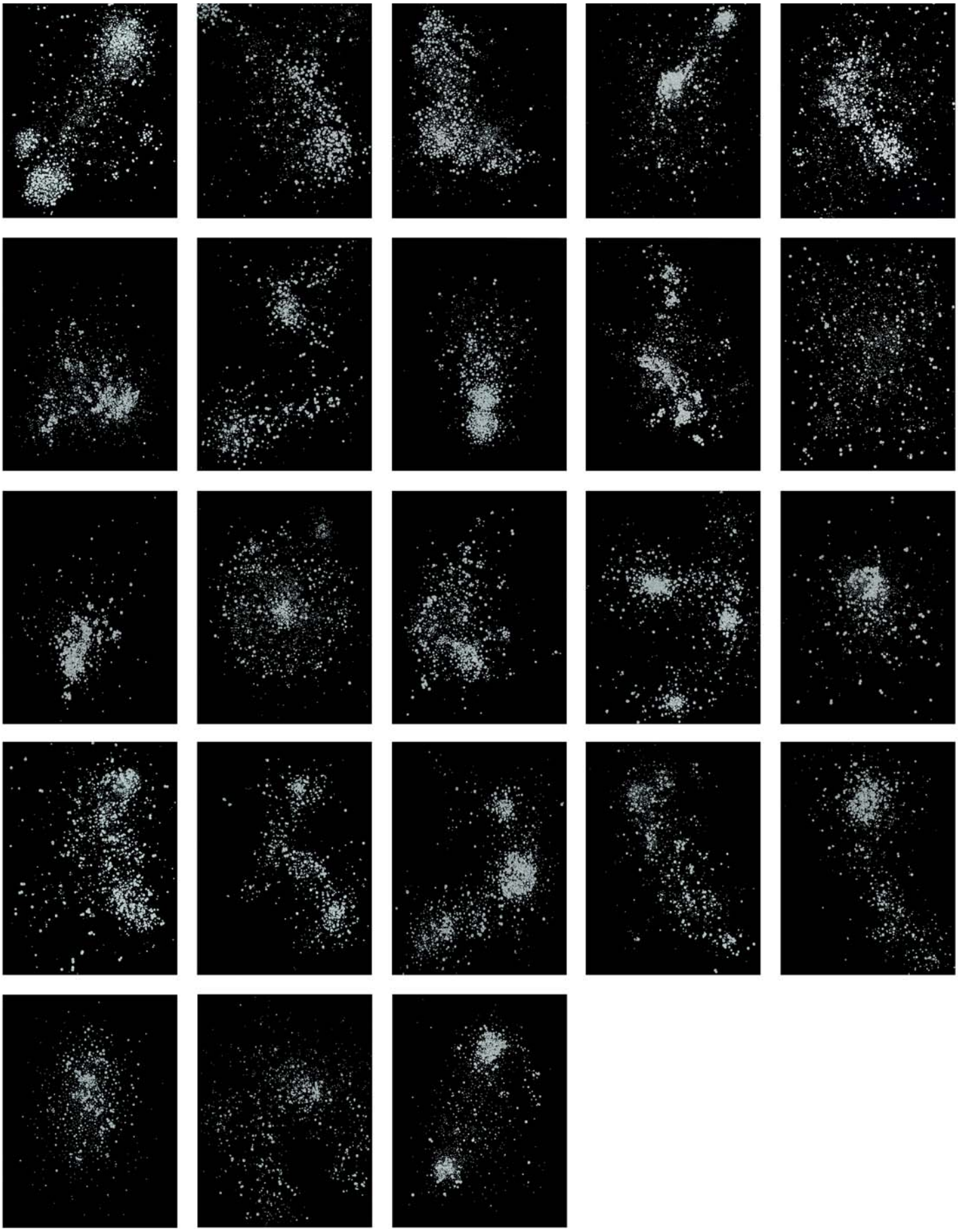
SUGESTÕES DE LEITURA

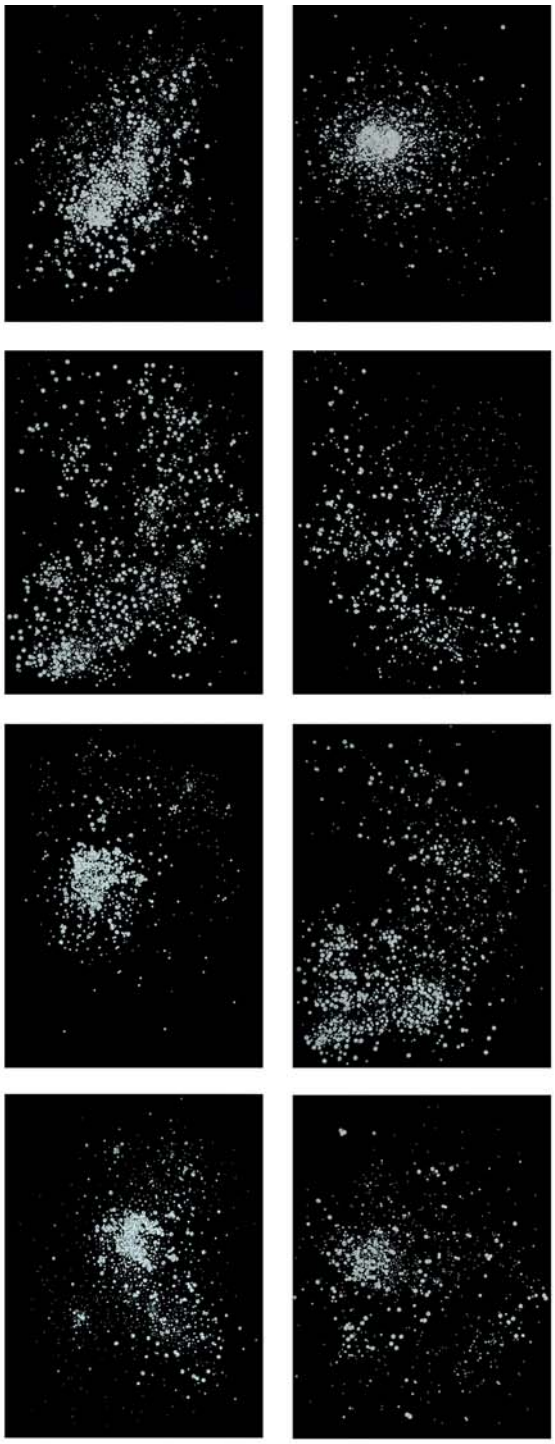
Marcel Marnat
MAURICE RAVEL
FAYARD, 1995

Roger Nichols
RAVEL
YALE UNIVERSITY PRESS, 2013

INTERNET

MAURICE-RAVEL.NET
PHILIPPEFENELON.NET
JEANLOUISFLORENTZ.COM
PHILIPPEHERSANT.COM





SET

11 DOM 16H QUARTETO OSESP

QUARTETO OSESP

HENRI DUTILLEUX [1916-2013] DUTILLEUX 100

Ainsi la Nuit [Assim a Noite] [1973-6]

- Nocturne: Libre et Souple [Noturno: Livre e Flexível]
- Parenthèse 1. Miroir d'Espace [Parêntese 1. Espelho de Espaço]
- Parenthèse 2. Litanies [Parêntese 2. Litanias]
- Parenthèse 3. Litanies II [Parêntese 3. Litanias II]
- Parenthèse 4. Constellations [Parêntese 4. Constelações]
- Nocturne II [Noturno II]
- Temps Suspendu [Tempo Suspenso]

18 MIN

BÉLA BARTÓK [1881-1945] COMPOSITOR TRANSVERSAL

Quarteto N° 3 em Dó Sustenido Maior [1927]

- Prima Parte: Moderato
- Secunda Parte: Allegro
- Ricapitulazione Della Prima Parte: Moderato
- Coda: Allegro Molto

15 MIN

HEITOR VILLA-LOBOS [1887-1959]

Quarteto de Cordas N° 2 [1915]

- Allegro Non Troppo
- Scherzo: Allegro
- Andante
- Allegro Deciso

20 MIN

MIL E UMA NOITES POSSÍVEIS – DEZEMBRO DE 2008, OBRA DE RIVANE NEUENSCHWANDER (2008).

Antes de se tornar a partitura que conhecemos, *Ainsi la Nuit* [Assim a Noite] foi concebida como uma sucessão de cinco estudos para quarteto de cordas. Tinham então o título de *Nuits* [Noites]. Essa primeira versão da obra de Henri Dutilleux, da qual nos resta hoje uma versão lacunar com três estudos, tinha como objetivo explorar as potencialidades acústicas e técnicas de fragmentos isolados.

Concluído em 1974, esse projeto inicial deu origem a um prolongamento da escrita rumo a um conjunto de "sete seções interligadas, a maioria delas por parênteses em geral brevíssimos, mas importantes pela função orgânica que lhes é atribuída", como escreveu o compositor no prefácio da partitura.

Ainsi la Nuit é uma das composições mais complexas de Dutilleux, mas também uma das mais fascinantes. A matriz harmônica e dinâmica que serve de base para a introdução da obra nada mais é que o material que será a estrutura de numerosas sequências, dentre as quais as "Litanias" e "Tempo Suspenso". O "período estático do qual emergem movimentos lineares", que "às vezes ecoam sons da natureza" no primeiro "Noturno", contrasta, a distância, com a mobilidade e a vivacidade extremas do segundo "Noturno".

A "escrita em leque" de "Espelho de Espaço" parece explorar um conjunto de quatro sons que, como logo se percebe, é uma possível projeção dos intervalos do canto baseado num cromatismo retrógrado, apresentado no primeiro "Parêntese" e ouvido depois de maneira clara em "Litania II".

A obra termina explorando um "movimento de relojoaria [que] se instala progressivamente sobre um fundo de harmônicos de sinos distantes. O tempo parece imobilizado."

MAXIME JOOS é musicólogo, autor de *La Perception du Temps Musical Chez Henri Dutilleux* (L'Harmattan, 1999) e professor de História da Música e Análise no Conservatório de Lille (França). Texto publicado no *site* da Cité de la Musique, republicado sob autorização. Tradução de Ivone Benedetti.

Em 1922, Béla Bartók juntou-se a Igor Stravinsky, Darius Milhaud e Alban Berg para fundar a ISCM (International Society For Contemporary Music) [Sociedade Internacional de Música Contemporânea], em Salzburgo. A *Suíte Lírica* (1926), para quarteto de cordas, de Berg, foi estreada nos concertos da ISCM e, segundo o musicólogo Elliott Antokoletz, teria influenciado Bartók a compor os *Quartetos nº 3* e *nº 4*.

Os quatro movimentos do *Quarteto nº 3* são tocados continuamente, sem interrupções. Apesar de intitulada "Recapitulação", a terceira parte não é uma repetição exata da primeira, e a "Coda" (quarto movimento) acaba sendo correspondente ao segundo movimento.

A primeira seção, ou movimento, é a mais curta e alterna entre apresentações do tema principal — apresentado logo após a sustentação do acorde inicial — e suas elaborações. Esse tema retorna no final da seção, tocado pela viola e pelo primeiro violino sobre um *ostinato* do violoncelo.

A entrada do segundo movimento é marcada pelo trinado do segundo violino, seguido pelo glissando ascendente da viola, com sequência de acordes de três notas no violoncelo. As melodias são tocadas em pares de instrumentos, com diversas texturas de acompanhamento, até a chegada de uma fuga dupla, cujo sujeito é apresentado pelo segundo violino e pela viola e respondido a seguir pelo primeiro violino e pelo violoncelo.

A dinâmica se intensifica, levando a uma passagem em que os instrumentos tocam amplos glissandos, passagens em que os dedos dos músicos "escorregam" rapidamente pela escala dos instrumentos, dando uma sensação vertiginosa. Então, o movimento se aquieta um pouco e leva às seções seguintes, em que começam as recapitulações modificadas da primeira e da segunda partes.

Apesar de extremamente conciso, com cerca de quinze minutos, o *Quarteto nº 3* de Bartók é uma das obras mais influentes do século XX e uma das mais importantes da literatura para quarteto de cordas. O ciclo de seis quartetos de Bartók equipara-se aos últimos quartetos de Beethoven como referências incontornáveis, para que as gerações posteriores de compositores de todo o mundo explorem ao máximo a expressividade e as possibilidades desse gênero.

Composto em 1915, o *Quarteto nº 2* de Heitor Villa-Lobos é obra típica da fase inicial do compositor, tanto no que diz respeito ao material harmônico quanto em relação ao tratamento formal. O conceito de forma cíclica, em que os temas de um movimento recorrem nos demais, se deve historicamente a Mendelssohn, Schumann, Liszt e Franck.

Segundo Charles Rosen, "a sonata cíclica [é uma forma] na qual cada movimento está baseado na transformação dos temas dos demais movimentos".[1] Trata-se de um conceito modificado da forma-sonata clássica, adaptado ao estilo musical predominante do século XIX. Os processos de transformação motívica ganham mais importância do que a polarização entre as áreas tonais. A ideia de variação contínua prevalece e faz com que a textura se torne mais unificada do que normalmente ocorre no estilo clássico, e o resultado é um efeito "quase hipnótico". Outra característica importante é o deslocamento do clímax do final do desenvolvimento (típico do Classicismo) para a coda.[2] Essas características, herdadas do Romantismo, estão presentes no *Quarteto nº 2* de Villa-Lobos.

Após a composição de seu *Quarteto nº 1*, bem distante da tradicional estrutura do quarteto de cordas, Villa-Lobos decidiu adotar o formato mais tradicional, em quatro movimentos contrastantes, nas obras subsequentes, dando preferência ao *scherzo* como movimento intermediário (segundo ou terceiro). No *Quarteto nº 2,* há intercâmbio entre os temas dos quatro movimentos, o que condiz com as definições habituais da forma cíclica. Além disso, as dimensões dos movimentos proporcionam a oportunidade de manipulação temática, o que dá a essa peça um fôlego composicional consideravelmente maior do que a primeira investida de Villa-Lobos no gênero.

Devido ao constante trabalho temático realizado pelo compositor no primeiro movimento, prevalece a sensação constante de desenvolvimento, compensada pela inserção de três melodias mais extensas e

---

1 ROSEN, Charles. *Sonata Forms*. Nova York: W. W. Norton, 1988, p. 3931.

2 Ibidem, pp. 392-3.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

DUTILLEUX
AINSI LA NUIT
Arditti String Quartet
MONTAIGNE, 2000

Quatuor Sine Nomine
ERATO, 1994

BARTÓK
THE 6 STRING QUARTETS
Takács Quartet
DECCA, 1997

VILLA-LOBOS
A INTEGRAL DOS QUARTETOS DE CORDAS
Quarteto Radamés Gnattali
BISCOITO FINO, 2012

expressivas (temas "líricos"), apresentadas de maneira truncada pelo primeiro violino. A textura de acompanhamento dessas melodias é nitidamente homofônica, ocasionalmente com um toque de conotação nacionalista.

No segundo movimento, "Scherzo", Villa-Lobos explora rápidos arpejos e combinações entre o uso das surdinas e dos sons harmônicos. No entanto, a métrica em compasso binário e o caráter não chegam a evocar o humor de Beethoven nem o tom macabro/burlesco de Franck ou o exotismo de Debussy e Ravel em seus *scherzos*. Villa-Lobos tentou caracterizá-lo por meio de timbres e figurações, mas o caráter de *scherzo* ficou mais bem definido a partir do seu *Quarteto nº 3*.

O terceiro movimento começa com um enigmático acorde aumentado, seguido por um tema *arioso*. O caráter lírico da passagem faz lembrar a "Canção de Amor", de *Floresta do Amazonas* (1958), também do compositor. No quarto movimento, há a recapitulação dos temas apresentados, seguindo para um final de natureza apoteótica, que se expressa pela própria aceleração do andamento.

O *Quarteto nº 2* se tornou um marco no desenvolvimento técnico do compositor, demonstrando mais ambição em relação à forma do que no quarteto anterior e antecipando a realização mais amadurecida desse projeto composicional que viria no seguinte. É muito provável que Villa-Lobos tenha estudado os quartetos de Franck, Debussy e Ravel para assimilar os elementos que identificou como potencialmente renovadores e, com eles, forjar seu próprio estilo dentro desse meio de expressão.

PAULO DE TARSO SALLES é compositor, professor de Teoria Musical no Departamento de Música da ECA-USP e autor dos livros *Aberturas e Impasses: o Pós-modernismo na Música e Seus Reflexos no Brasil — 1970 -1980* (Ed. Unesp, 2005) e *Villa-Lobos: Processos Composicionais* (Ed. Unicamp, 2009).

QUARTETO OSESP

Fundado em 2008, o Quarteto Osesp reúne o spalla da orquestra, Emmanuele Baldini, o violinista Davi Graton, o violista Peter Pas e o violoncelista Ilia Laporev. Tem como uma de suas características a reunião de músicos que se formaram em escolas diferentes — italiana, brasileira, norte-americana e belga. A soma dessas tradições contribui para enriquecer a identidade do grupo. Desde sua fundação, o Quarteto Osesp tem sua própria série na Sala São Paulo, na qual são apresentadas obras clássicas e propostas inovadoras e criativas. Seu repertório é extremamente vasto, incluindo obras que vão da época barroca até os jovens compositores contemporâneos. Dentre os que já se apresentaram com o grupo, estão artistas como Ricardo Castro, Antonio Meneses, Arnaldo Cohen, David Aaron Carpenter, Nicholas Angelich, Nathalie Stutzmann, Jean-Efflam Bavouzet e Osmo Vänskä.

SUGESTÕES DE LEITURA

Pierre Gervasoni
HENRI DUTILLEUX
ACTES SUD, 2016

Amanda Bayley (org.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO BARTÓK
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2001

Paulo de Tarso Salles
VILLA-LOBOS: PROCESSOS COMPOSICIONAIS
EDITORA UNICAMP, 2009

INTERNET

DUTILLEUX2016.COM
ZTI.HU/BARTOK
MUSEUVILLALOBOS.ORG.BR

15 QUI 21H JACARANDÁ
16 SEX 21H PEQUIÁ
17 SÁB 16H30 IPÊ

OSESP
NATHALIE STUTZMANN REGENTE ARTISTA ASSOCIADA
EKATERINA SIURINA SOPRANO
EMÖKE BARÁTH SOPRANO
MARCOS THADEU TENOR
SABAH TEIXEIRA BAIXO-BARÍTONO
CORO DA OSESP
CORO ACADÊMICO DA OSESP

SCHUBERT EM FOCO

FRANZ SCHUBERT [1797-1828]
Sinfonia Nº 4 em Dó Menor, D 417 — Trágica [1816]
- Adagio Molto. Allegro Vivace
- Andante
- Menuetto: Allegro Vivace
- Allegro

31 MIN

WOLFGANG A. MOZART [1756-91]
Grande Missa em Dó Menor, KV 427 [1782-3]
- Kyrie
- Gloria
- Credo
- Sanctus
- Benedictus

56 MIN

LEIA SOBRE A *SINFONIA Nº 4* NO ENSAIO "SINFONIAS DE SCHUBERT: MARAVILHAS E MISTÉRIOS", DE CHRISTIAN WASSELIN, NA PÁGINA 4

CONSOLAÇÃO. FOTO DE ARTHUR NESTROVSKI, 2016.

A *Grande Missa em Dó Menor,* de Mozart, é a obra central da trilogia formada também pela *Missa em Si Menor,* de Bach, e a *Missa Solemnis,* de Beethoven — três monumentos que sintetizam quase 75 anos de música sacra europeia.

Depois de abandonar, em maio de 1781, os serviços que prestava ao arcebispo de Salzburgo, Mozart encontrava-se automaticamente desobrigado de compor música sacra de qualquer espécie. No entanto, começou a escrever uma nova missa durante o verão de 1782, em Viena. Em carta ao seu pai, datada de 4 de janeiro de 1783, Mozart afirmava ter feito o juramento de compor uma missa para ser apresentada em Salzburgo por ocasião da viagem que faria à sua cidade natal com a noiva Constanze Weber. O compositor mencionava ainda que, como prova de seu comprometimento, já teria esboçado metade da partitura de uma missa bastante promissora.

Mozart empregou nessa obra a forma missa-cantata, que já estava em desuso na época e cuja expressão máxima é a esplêndida *Missa em Si Menor,* de Bach. Ignoramos as razões que levaram Mozart a abandonar a composição dessa grande missa, sem concluí-la. Não há vestígios da parte final do "Credo" nem da existência do "Agnus Dei".

A obra foi executada pela primeira vez em 26 de agosto de 1783, após um único ensaio, no mosteiro beneditino de São Pedro de Salzburgo, durante um ofício religioso. Constanze cantou a parte de primeira soprano. Não sabemos o que o compositor fez com a parte que ainda não havia sido composta, mas provavelmente utilizou o "Agnus Dei" de uma de suas missas anteriores.

Dessa grandiosa composição emana a presença dos espíritos de Bach e Händel, como também de Hasse, Graun e, por momentos, de Pergolesi e Scarlatti. Mais do que qualquer outra obra religiosa coral-sinfônica da época, a *Grande Missa em Dó Menor* de Mozart sintetiza todo o século XVIII.

O título deriva do movimento inicial, o único em Dó Menor. Este magnífico "Kyrie" é ao mesmo tempo penitente e soberanamente otimista; sua melodia evoca até mesmo certa sensualidade.

O "Gloria" divide-se em oito diferentes seções, de tonalidades e expressão muito contrastantes, concebidas de acordo com a função litúrgica em que

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

SCHUBERT
SYMPHONIES 4 & 6
Wiener Philharmoniker
Riccardo Muti, regente
EMI, 1990

MOZART
MESSE EN UT MINEUR
Orchestre des Champs Elysees
Collegium Vocale Gent
La Chapelle Royale
Philippe Herreweghe, regente
Scot Weir, tenor
Peter Kooy, baixo
Jennifer Larmore, mezzo soprano
Christiane Oelze, soprano
HARMONIA MUNDI, 1993

GROSSE MESSE C-MOLL
Symphonieorchester des Bayerischen Rundfunks
Chor des Bayerischen Rundfunks
Leonard Bernstein, regente
Arleen Auger, soprano
Frederica von Stade, mezzo soprano
Frank Lopardo, tenor
Cornelius Hauptmann, baixo
DEUTSCHE GRAMMOPHON, 1992

Radio-Symphonie-Orchester Berlin
Chor der St. Hedwigs-Kathedrale
RIAS-Kammerchor
NDR-Chor
Ferenc Fricsay, regente
Maria Stader, soprano
Hertha Töpper, contralto
Ernst Haefliger, tenor
Ivan Sardi, baixo
DEUTSCHE GRAMMOPHON, 2000

GREAT MASS IN C MINOR
The Academy of Ancient Music
Winchester Cathedral Choir
Winchester College Quiristers
Christopher Hogwood, regente
Arleen Auger, soprano
Lynne Dawson, soprano
John Mark Ainsley, tenor
David Thomas, baixo
DECCA, 1999

GREAT MASS IN C MINOR (DVD)
Royal Stockholm
Philharmonic Orchestra
Monteverdi Choir
Eric Ericson Chamber Choir
Sir John Eliot Gardiner, regente
Miah Persson, soprano
Ann Hallenberg, mezzo soprano
Helge Ronning, tenor
Peter Mattei, barítono
MEDICI ARTS, 2008

se inserem. Primeiramente, há o "Gloria in Excelsis Deo", apresentando repetidamente dois admiráveis temas. O primeiro lembra claramente um trecho do "Aleluia", do *Messias* de Händel, e o outro, calmo e lírico, é delicadamente amparado pelas cordas. A seguir, temos um elegante movimento de sonata: a ária "Laudamus Te". "Gratias Agimus Tibi" é um movimento lento e majestoso, de ritmo penetrante e rigoroso, lembrando também Händel, de quem Mozart foi sincero admirador. Um dueto para duas sopranos e cordas é seguido de um sublime "Qui Tollis", um movimento para coro duplo. O "Quonian" é um trio, no qual o tenor solista dialoga com duas sopranos. O ritmo melódico e os rápidos melismas nos transportam novamente para a exuberância da abertura da seção do "Gloria". Finalmente, após uma solene introdução de seis compassos sobre as palavras "Jesu Christe", surge uma fuga em Dó Maior, que evoca o final da *Sinfonia Júpiter*. Esta fuga coral com seus muitos *stretti*,[1] suas inversões temáticas e seus episódios floreados, tem sido muitas vezes comparada à fuga composta por Bach em sua *Missa em Si Menor*.

Como já observado, o "Credo" é textualmente incompleto. No primeiro de seus dois movimentos, ouvimos um exultante ato de fé. Alegre diálogo entre sopros e cordas acompanha o coro, como a afirmar a crença na salvação espiritual. No segundo movimento, a conhecida ária "Et Incarnatus Est" expressa o dogma que é o fulcro do cristianismo: o mistério de Deus que se faz homem. Esse mistério é manifestado por soprano, flauta, oboé e fagote, com cordas e órgão, num canto ao mesmo tempo terno, rapsódico, amoroso e estático. Nada é necessário depois disso: a profissão de fé é completa e perfeita, mesmo se as palavras são os elos faltantes.

Após os dois movimentos que Mozart compôs para o "Credo", há mais dois movimentos para coro duplo. Primeiramente, o majestoso "Sanctus", com uma brilhante e jovial fuga sobre as palavras "Hosanna in Excelsis". O baixo solista, as duas sopranos e o tenor formam o quarteto para o "Benedictus". O coro duplo retorna para a conclu-

1 *Stretto* (plural: *stretti*): Forma de imitação que precede o final da fuga e das formas derivadas, quando o tema e a resposta se sucedem com entradas cada vez mais próximas.

são da fuga do "Hosanna" no final da *Missa*, num clima de glorioso esplendor.

A instrumentação da *Missa* levou em conta os recursos existentes em Salzburgo: uma flauta (utilizada somente no trecho "Et Incarnatus Est"), dois oboés, dois fagotes, duas trompas, dois trompetes, três trombones, tímpanos, cordas e órgão.

O fato de Mozart jamais ter concluído a *Grande Missa em Dó Menor* fez com que a obra se tornasse objeto de muitas especulações. O compositor reaproveitou vários trechos dessa *Missa* em 1785, quando precisava criar com grande urgência o oratório *Davide Penitente* e dispunha de pouquíssimo tempo para a elaboração da nova obra.

Depois da *Grande Missa*, Mozart somente voltou a abordar o gênero sacro em seu último ano de vida, ao compor o célebre *Réquiem*, obra que também permaneceu inacabada.

AMARAL VIEIRA é compositor, pianista, musicólogo e pedagogo. É membro da Academia Brasileira de Música e apresentador do programa de rádio *Laudate Dominum*, na Cultura FM.

NÃO PERCA O ENCONTRO COM NATHALIE STUTZMANN NA SÉRIE "MÚSICA NA CABEÇA", DIA 15 DE SETEMBRO, ÀS 20H, NA SALA SÃO PAULO

SUGESTÕES DE LEITURA

Elizabeth Norman McKay
FRANZ SCHUBERT: A BIOGRAPHY
OXFORD UNIVERSITY PRESS, 1996

Christopher H. Gibbs (org.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO SCHUBERT
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1997

Simon P. Keefe (ed.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO MOZART
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003

INTERNET

FRANZSCHUBERT.ORG.UK
SCHUBERT-ONLINE.AT
WOLFGANG-AMADEUS.AT

NATHALIE STUTZMANN REGENTE

ARTISTA ASSOCIADA

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM 2014

Nascida em Suresnes, na França, iniciou os estudos musicais com a mãe, Christiane Stutzmann, antes de ingressar na École d'Art Lyrique de l'Opéra de Paris. Apresentou-se em renomadas salas, com orquestras como as sinfônicas de Londres e de Paris, além das filarmônicas de Berlim e de Viena. Paralelamente ao trabalho como cantora, atua também como regente — é Artista Associada da Osesp e da Orquestra de Câmara de Paris. Em 2009, fundou a orquestra de câmara Orfeo 55, com foco no repertório do século XVIII. Recebeu do Estado francês os títulos de Chevalier Des Arts et Des Lettres e Chevalier de l'Ordre National du Mérite. Com mais de 75 gravações ao longo da carreira, lançou em 2011 o disco *Prima Donna*, com árias de Vivaldi, pela Deutsche Grammophon. Em fevereiro de 2014, fez sua estreia como regente de ópera com uma montagem de *L'Elisir d'Amore*, de Donizetti, na Ópera de Monte Carlo.

EKATERINA SIURINA SOPRANO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascida em Ecaterimburgo, na Rússia, a soprano Ekaterina Siurina estudou na Academia Russa de Artes Teatrais, em Moscou. Venceu a competição Rimsky-Korsakov, em São Petersburgo, e já se apresentou nos festivais de Glyndebourne e Salzburgo e em salas como a Staatsoper (Berlim), o Metropolitan (Nova York), a Royal Opera House (Londres), a Opéra Garnier (Paris) e o Teatro alla Scala (Milão). Em 2014, lançou seu primeiro CD solo, *Amore e Morte*, pelo selo Opus Arte.

EMÖKE BARÁTH SOPRANO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascida na Hungria, a soprano Emöke Baráth estudou na Academia Franz Liszt em Budapeste, com Júlia Pászthy, e no Conservatorio Luigi Cherubini, em Florença, com Leonardo De Lisi. Ganhou o grande prêmio da Academia do Festival de Verbier e o prêmio Junior Prima Díj, e se apresentou em casas como a Ópera Estatal de Budapeste, o Theater an der Wien (Viena), o Concertgebouw (Amsterdã) e o Théâtre des Champs-Élysées (Paris).

MARCOS THADEU TENOR

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Regente do Coro Acadêmico da Osesp, preparador vocal do Coro da Osesp e do Coro Juvenil da Osesp e professor de canto na Faculdade Cantareira, Marcos Thadeu estudou com Sérgio Magnani, Berenice Menegale, Eladio Pérez-González, Esther Scliar e Carlos Alberto Pinto Fonseca. Foi solista e preparador vocal do grupo Ars Nova e do coral da UFMG, além de regente titular do Coral Lírico de Minas Gerais. Trabalhou com maestros como Michel Corboz, Eugene Kohn, Eleazar de Carvalho, Robert Shaw e David Machado.

SABAH TEIXEIRA BAIXO-BARÍTONO

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM 2014

Membro do Coro da Osesp desde 2002, Sabah Teixeira nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, e estudou canto na UFRN. Já atuou como solista junto aos grupos Audi Coelum, Madrigal da UFRN e Coro da Osesp e às orquestras Sinfônica do Rio Grande do Norte, Sinfônica da Paraíba e Camerata Fukuda, além da própria Osesp.

CORO ACADÊMICO DA OSESP

Criado em 2013 com o objetivo de formar profissionalmente jovens cantores, o Coro Acadêmico da Osesp oferece experiência de prática coral, conhecimento de repertório sinfônico para coro e orientação em técnica vocal, prosódia e dicção. Os alunos vivenciam e participam do dia a dia de um coro profissional, fazendo apresentações junto ao Coro da Osesp, dentro de sua temporada anual, além de concertos organizados pela Coordenação Pedagógica do Coro Acadêmico. O curso tem duração de 11 meses, podendo se estender por mais dois períodos de mesma duração. O Coro Acadêmico é dirigido por Marcos Thadeu, que desde 2001 é também responsável pela preparação vocal dos coros da Osesp.

22 QUI 21H CEDRO
23 SEX 21H ARAUCÁRIA
24 SÁB 16H30 MOGNO

OSESP
NATHALIE STUTZMANN REGENTE
KHATIA BUNIATISHVILI PIANO

ÉDOUARD LALO [1823-92]
O Rei de Ys: Abertura [1875-8]
11 MIN

ROBERT SCHUMANN [1810-56]
Concerto Para Piano em Lá Menor, Op.54 [1841-5]
- Allegro Affettuoso
- Intermezzo: Andantino Grazioso (Attacca)
- Allegro Vivace
32 MIN

GEORGES BIZET [1838-75]
Sinfonia N° 1 em Dó Maior [1855]
- Allegro Vivo
- Adagio
- Scherzo: Allegro Vivace
- Allegro Vivace
27 MIN

O REI DE YS, TELA DE ÉVARISTE VITAL LUMINAIS (1884)

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

LALO
LE ROI D'YS
Opéra Royal de Wallonie
Patrick Davin, regente
Giuseppina Piunti, soprano
Guylaine Girard, soprano
Eric Martin-Bonnet, baixo
Sébastien Guèze, tenor
Werner Van Mechelen, baixo-barítono
DYNAMIC, 2009

SCHUMANN
PIANO CONCERTO
City of Birmingham Symphony Orchestra
Sir Simon Rattle, regente
Lars Vogt, piano
EMI CLASSICS, 2002

KLAVIERKONZERT
Warsaw National Philharmonic Orchestra
Witold Rowicki, regente
Sviatoslav Richter, piano
DEUTSCHE GRAMMOPHON, 1996

BIZET
SYMPHONY IN C; JEUX D'ENFANTS; ROMA
Orchestre de Paris
Paavo Järvi, regente
VIRGIN CLASSICS, 2010

SUGESTÕES DE LEITURA

Beate Perrey (org.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO SCHUMANN
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2007

Gilles Thieblot
ÉDOUARD LALO
BLEU NUIT, 2009

Christoph Schwandt
GEORGES BIZET: A BIOGRAPHY
SCARECROW, 2013

INTERNET

SCHUMANN-PORTAL.DE

Aos dezesseis anos, Édouard Lalo decidiu fugir de casa para escapar das ordens do autoritário pai. Abandonou sua Lille natal para tentar a carreira como músico em Paris, onde teve aulas com François Antoine Habeneck e ganhou a vida como violinista e violista em algumas orquestras. Pouco tempo depois, passou a integrar o Quarteto Armingaud, o que explica em parte sua afinidade inicial como compositor de música de câmara. Mas suas obras mais expressivas serão sinfônicas: a *Sinfonia Espanhola*, o *Concerto Para Violoncelo* e a ópera *O Rei de Ys*.

O Rei de Ys se baseia numa antiga lenda da Bretanha, região que é o berço do Rei Arthur e de tantos outros mitos. O interesse de Lalo por esse folclore tinha uma motivação bastante pessoal: sua esposa, a contralto Julie de Maligny, era de origem bretã. A lenda em questão se passa na cidade de Ys, um centro de comércio na costa. Lá, o mar era contido por grandes diques — fonte de riqueza para a cidade e também de sua posterior extinção.

O rei de Ys promete sua filha Margared a Karnac, um dos inimigos da cidade, num gesto político para apaziguar as diferenças entre eles. Porém, Margared — como em toda boa ópera — ama secretamente outro homem, Mylio. No dia do casamento, seu amado chega à cidade e sua presença faz com que Margared desista da cerimônia e despreze seu noivo, o que causa a fúria de Karnac e do rei.

Margared então descobre que Mylio está apaixonado por outra mulher: sua irmã mais nova, Rozen. O Rei de Ys apoia a união dos dois, o que leva Margared à loucura. Ela então procura Karnac e o seduz para abrir as comportas dos diques da cidade, afundá-la no mar e acabar com o reino de seu pai. O plano dá certo; e ao ver a destruição que causou, Margared se joga no mar para tentar redimir-se com os deuses.

Auxiliado por seu libretista Édouard Blau (um dos colaboradores de Massenet em *Werther*), Lalo suprimiu esse final trágico e criou uma versão feliz: nela, São Corentin, padroeiro da cidade, observa do céu o remorso de Margared e seu sacrifício. A estátua do santo ganha vida e consegue acalmar as ondas e salvar a cidade.

A escolha da mitologia como tema pode ser um dos ecos da influência que Wagner exercia em qua-

se todos os compositores franceses da época. A orquestração também segue os moldes do mestre alemão, em sua grandiosidade e eloquência, mas Lalo obtém resultados bastante originais.

Como era costume, a "Abertura" apresenta os elementos que serão trabalhados ao longo da ópera, os *leitmotivs* dos personagens e o clima geral do enredo. Por exemplo, o dueto "En Silence Pourquoi Souffrir?" é apresentado na abertura na forma de um solo de violoncelo.

Lalo escreveu *O Rei de Ys* entre 1875 e 1878. Porém, a estreia da ópera completa levou treze anos para ocorrer, na Opéra Comique, em Paris. O sucesso foi imediato, tanto de público quanto de crítica, e seguiram-se montagens nos principais palcos líricos do mundo, como Metropolitan, em Nova York, e Royal Opera House, em Londres. A "Abertura" figura como uma das obras mais tocadas de Lalo.

Georges Bizet. A simples menção ao nome do compositor nos traz à mente, no mesmo instante, os conhecidos temas de sua obra-prima *Carmen*, escrita no ano de sua morte. Talvez alguns deem um passo adiante e o associem a Nietzsche, que mesmo imbricado no seu niilismo era um confesso apaixonado pela ópera solar de Bizet. Mas vale ir além e conhecer um pouco mais de umas das figuras mais instigantes do mundo musical francês do século XIX.

Assim como Mozart, Schubert e Mendelssohn, Alexandre César Léopold Bizet (como foi registrado) também faleceu precocemente, aos 36 anos. E, como eles, foi uma criança-prodígio: com apenas nove anos, ingressou no Conservatório de Paris, e em 1855, aos dezessete anos, compunha em menos de um mês sua *Sinfonia nº 1 em Dó Maior*.

A peça não foi interpretada em vida do compositor. Dois anos após escrevê-la, Bizet recebeu o Prix de Rome e, como parte do prêmio, ficou cinco anos entre a Itália e a França, dedicando-se apenas à composição e contrariando conselhos de amigos como Franz Liszt, que sugeria ao jovem amigo uma carreira de instrumentista.

Após a morte precoce do compositor, em 1875, sua viúva, Geneviève Halévy, entregou o manuscrito da *Sinfonia nº 1* ao maestro Reynaldo Hahn, que o guardou com outros documentos nos arquivos da Biblioteca do Conservatório de Paris. Inédita, a obra submergiu no esquecimento.

Quase sessenta anos se passaram até que o manuscrito fosse encontrado, em 1933, pelo musicólogo Jean Chantavoine. Dois anos depois, a *Sinfonia* pôde, enfim, ter sua estreia com o maestro Felix Weingartner, na Basileia (Suíça).

O fato de Bizet não ter se empenhado em publicar a obra em vida, ou sequer tê-la mencionado em correspondências, é motivo de diversas especulações. A *Sinfonia em Dó Maior* apresenta semelhanças importantes, em termos de estrutura e estilo, com a primeira sinfonia de outro compositor: Charles Gounod, professor de Bizet e um dos mais reconhecidos músicos de seu tempo. Outro detalhe importante é que a obra de Gounod foi escrita no mesmo período e apresentada nove vezes em seu ano de estreia. Essa semelhança, que pode beirar a emulação, era possivelmente reconhecida por Bizet, e o seu desinteresse em publicá-la talvez fosse uma atitude deliberada para evitar comparações indesejáveis. Com a licença do comentário anacrônico, essa não teria sido uma preocupação para o jovem Bizet, caso tivesse podido ouvir o conselho de Stravinsky: "O bom compositor não imita, rouba".

Vale ressaltar também que a sinfonia não era o gênero mais em voga na França na segunda metade do século XIX, e sim a ópera, o que levanta outra possibilidade: a do simples descaso de Bizet com sua a obra, que talvez tratasse como um exercício teórico, e não como a expressão mais completa de sua arte. No entanto, a despeito desse início aparentemente pouco promissor, a *Sinfonia nº 1*, com sua sofisticada estrutura harmônica e grande inspiração melódica, terminou por garantir lugar fixo no repertório das salas de concerto e hoje figura como uma das obras mais populares do compositor — ao lado da estrela inconteste *Carmen* e da música incidental *L'Arlésienne*.

A peça serviu de mote para um espetáculo de dança homônimo do coreógrafo George Balanchine, na década de 1940 e, mais recentemente, fez parte da trilha-sonora de *A Grande Beleza*, filme de Paolo Sorrentino. A *Sinfonia nº 1*, de Gounod, por outro lado, hoje é praticamente desconhecida.

ISABELA PULFER é assessora artística da Osesp.

Acostumado a compor peças para piano de pequeno formato, Schumann entregou-se, em 1841, ao desafio de conceber uma obra de fôlego sinfônico para esse seu instrumento predileto e aparato orquestral (que não dominava tão bem), o que resultou numa *Fantasia em Lá Menor*. A obra era dedicada à sua mulher, a grande pianista Clara Wieck, que percebeu nela a porção inicial de um verdadeiro concerto em três movimentos.

Quatro anos depois, em 1845, Schumann completou os movimentos faltantes, dedicando o (agora) *Concerto* ao pianista e compositor Ferdinand Hiller. Foi esse artista quem o estreou, em Leipzig, com sucesso triunfal. Nada levava a imaginar que um considerável período de tempo separava a composição das diferentes seções do *Concerto*, ainda mais sabendo que o humor do músico variava constantemente entre a pior depressão e a mais entusiasmada euforia. Todo o *Concerto*, em que o autor dizia ver uma encarnação do seu mundo interior, está alimentado por uma imaginação melódica que parece não ter limites. Foi isso, talvez, o que fez com que se tornasse o que continua a ser ainda hoje: um dos concertos para piano mais populares de todo o repertório.

O "Allegro Affettuoso" inicial é aberto por uma curta e provocante introdução, da qual o piano já participa. Tem-se, então, nas madeiras e trompas, o tema fundamental do movimento: oito compassos contendo uma das mais belas inspirações melódicas do compositor, na tonalidade de Lá Menor. É esse motivo que irriga o movimento inteiro com ímpeto, ora apresentado em tom maior, ora com seu ritmo engenhosamente modificado.

É dessa maneira que Schumann consegue emprestar ao movimento, a um só tempo, variedade e unidade. Isso por meio de uma escrita que, pelo tom de liberdade, lembra uma autêntica improvisação.

O movimento central, "Intermezzo: Andantino Grazioso", tem uma forma ternária simples (A-B-A), em cuja primeira parte solista e orquestra trocam frases curtas, marcadas pela clareza e pela transparência da parte de acompanhamento. O episódio central (B) fornece a ideia contrastante, em Dó Maior: um generoso fio melódico a cargo dos violoncelos e, depois, dos violinos. Sobre ele, o solista risca arabescos. Antes do final do movimento, quando já se voltou à sua primeira parte (A), a orquestra surpreende fazendo reaparecer o tema principal do primeiro andamento, ligando o "Intermezzo" diretamente ao movimento final.

O "Finale" é um *allegro* efetivamente *vivace*. Baseia-se em dois temas principais de caráter diverso. O primeiro motivo, de perfil ascendente, é mostrado pelo piano nos primeiros compassos. O segundo tema aparece depois com ritmo inesperadamente assimétrico, que leva a música a soar titubeante. O oboé exibe, então, um motivo que o piano logo assimila. Sobre esse material, o compositor articula o brilhante final, fazendo uso de contrapontos e de jogos de iluminação conseguidos por meio de modulações inesperadas. A brilhante coda de encerramento mostra, uma vez mais, o motivo principal da obra, só que com tratamento rítmico diferente de tudo o que havia sido apresentado.

[2010]

ANDRÉ MEHMARI é pianista e compositor.

NATHALIE STUTZMANN REGENTE

Artista Associada

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM 2014

Ver p. 50

KHATIA BUNIATISHVILI PIANO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascida na Geórgia, Khatia Buniatishvili estudou em Viena com Oleg Maisenberg. Apresenta-se regularmente em festivais como os de Verbier, Ravinia, Aspen, Gstaad, BBC Proms, Montpellier e Salzburgo. Já se apresentou com as orquestras de Paris e Filadélfia; as sinfônicas de São Francisco, NHK (Tóquio), Hamburgo e Lucerna; e as filarmônicas de Israel, São Petersburgo, Roterdã e Munique, dentre outras, com maestros como Kent Nagano, Zubin Mehta, Neeme Järvi, Charles Dutoit, Jaap van Zweden, Paavo Järvi, Tugan Sokhiev e Vladimir Ashkenazy.

25 DOM 16H RECITAIS OSESP

KHATIA BUNIATISHVILI PIANO

FRÉDÉRIC CHOPIN [1810-49]
Balada N° 1 em Sol Menor, Op.23 [c. 1833]
7 MIN

FRANZ LISZT [1811-86]
Réminiscences de Don Juan [Reminiscências de Don Juan], S418 [1841]
16 MIN

Três Estudos [1848-51]
- La Leggierezza [A Leveza] S.144 N° 2, em Fá Menor
- Feux Follets [Fogos Fátuos] S.139 N° 5, em Si Bemol Maior
- La Campanella [A Sineta] S.141 N° 3, em Sol Sustenido Menor

14 MIN

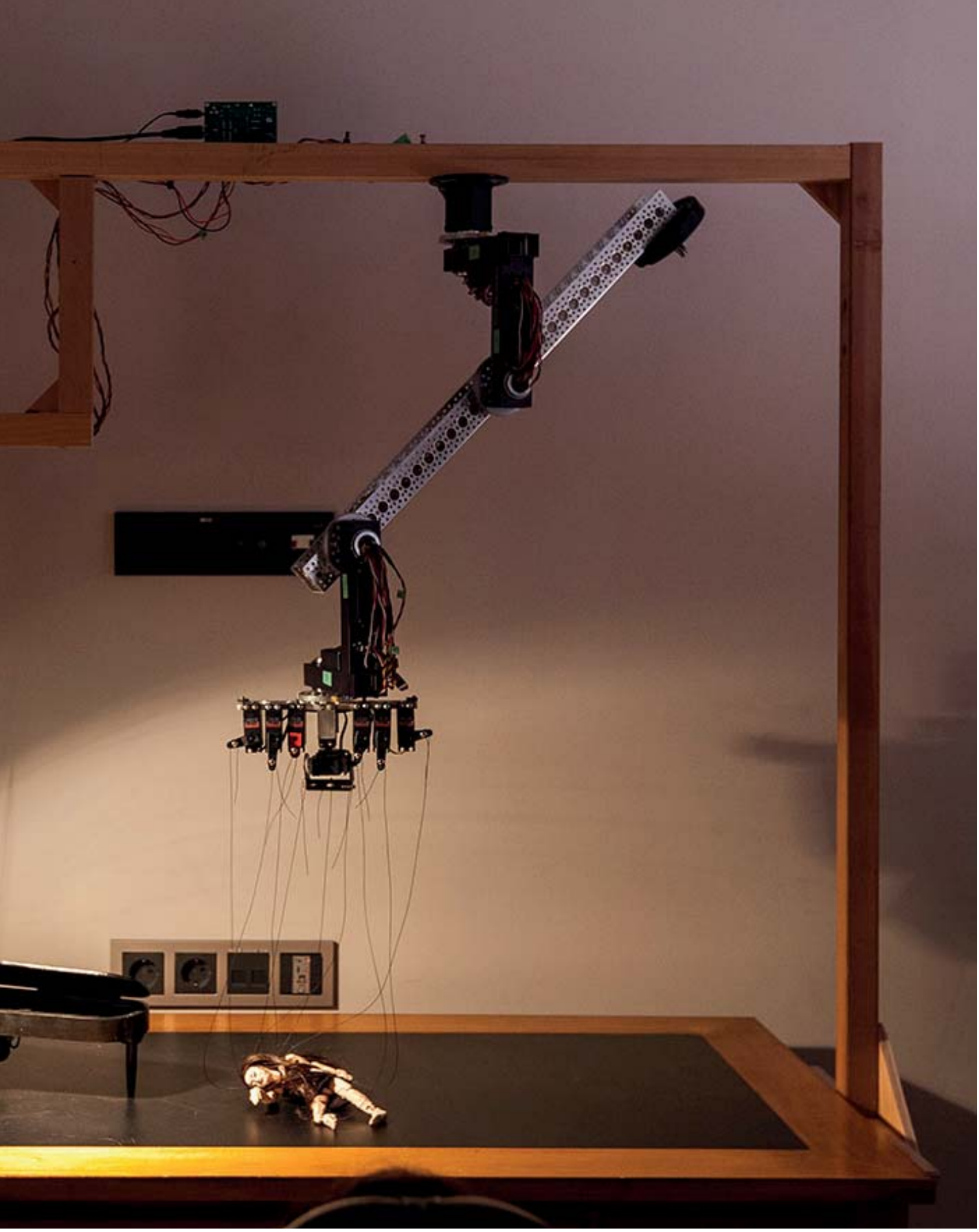
MAURICE RAVEL [1875-1937]
La Valse [A Valsa] [1919-20]
14 MIN

FRANZ LISZT [1811-86]
Rapsódia Húngara N° 2 [1847]
[Versão de Vladimir Horowitz]
9 MIN

IGOR STRAVINSKY [1882-1971]
Três Movimentos de Pétrouchka [1921]
- Danse Russe [Dança Russa]
- Chez Petrouchka [Casa de Petrouchka]
- La Semaine Grasse [A Semana Gorda]

17 MIN

VALSA TRISTE E A DANÇARINA QUE NÃO PODIA DANÇAR, OBRA DE JANET CARDIFF E GEORGE BURES MILLER (2015)



GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

CHOPIN
FAVORITE PIANO WORKS
Vladimir Ashkenazy, piano
LONDON/DECCA, 1996

EVGENY KISSIN PLAYS CHOPIN
Evgeny Kissin, piano
RCA, 2007

PRELUDES; BALLADES
Alfred Cortot, piano
NAXOS HISTORICAL, 2005

LISZT
CONCERT STUDIES; CONSOLATIONS; REMINISCENCES OF DON JUAN
Jorge Bolet, piano
LONDON/DECCA, 2002

HUNGARIAN RHAPSODIES
Alfred Brendel, piano
MUSICAL HERITAGE SOCIETY, 1999

RAVEL
LA VALSE
Nelson Freire, piano
Martha Argerich, piano
DECCA, 2007

LA VALSE
Sean Chen, piano
STEINWAY & SONS, 2014

STRAVINSKY
THREE MOVEMENTS FROM PÉTROUCHKA
Evgeny Kissin, piano
RCA, 2005

Este programa traz alguns dos exemplares mais luminosos da tradição pianística dos séculos XIX e XX e pode ser dividido em dois eixos: o da tradição romântica, com seus dois grandes representantes, Chopin e Liszt; e o do pianismo do século XX, no início do modernismo musical, com Ravel e Stravinsky.

Para o pianista e musicólogo Charles Rosen, a geração de compositores nascida ao redor de 1810 sentia um certo "mal-estar" em relação às grandes e unificadas formas do Classicismo, o que testemunharia a perda de fé e de interesse pelos equilíbrios calculados e pelas claras articulações que essas velhas estruturas pressupunham.[1] Essa "descrença" em relação às formas tradicionais levou a uma diversidade de peças de forma livre e, em geral, de duração mais curta do que formas consagradas como a sonata, por exemplo (embora o gênero nunca tenha deixado de ser praticado). Assim, surgiram os prelúdios, os noturnos, as rapsódias, os estudos e as baladas.

Ainda segundo Rosen, as baladas de Chopin têm como grande característica a fusão da narrativa e do texto poético. No entanto, elas nada têm a ver com a música programática do Romantismo, uma vez que têm forma narrativa, mas não possuem um programa.

A *Balada nº 1 em Sol Menor* integra um ciclo de quatro obras compostas por Chopin entre 1831 e 1842, todas com um único movimento. Pode-se dizer que a peça possui dois grupos de temas, que aparecem inicialmente de maneira suave e, depois, nos momentos de clímax, em fortíssimo. Após a primeira exposição completa, o tema inicial da *Balada* reaparecerá algumas vezes, encurtado e variado, como um refrão. O que ele traz em sua primeira aparição é, de fato, a ideia do início formal de uma narrativa, que se desenrolará por cerca de dez minutos e se encerrará novamente com a volta de parte desse tema, em pianíssimo, antecedendo o clímax e a coda final. Tendo integrado a trilha sonora de filmes, balés e documentários, a *Balada nº 1* é uma das obras mais conhecidas de Chopin.

---

1 Rosen, Charles. *A Geração Romântica*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 919.

As fantasias de ópera foram uma febre no século XIX, e as variações virtuosísticas de árias famosas eram garantia de público nos concertos. Em sua grande maioria, no entanto, eram apenas sequências de melodias populares arranjadas para uma apresentação exibicionista. Liszt recorreu ao gênero por diversas vezes e, embora em algumas delas não tenha ido muito além do clichê, em outras, realiza grandes sínteses.

Nas *Reminiscências de Don Juan*, Liszt combina livremente materiais de diferentes partes da ópera *Don Giovanni,* de Mozart, com destaque para a ária "Là ci Darem la Mano", sobre a qual tece variações e em que apresenta fielmente o contraste entre o enamorado e inoportuno Don Juan e a coquete Zerlina. Não foram apenas as melodias de *Don Giovanni* que Liszt transcreveu; ele aproveitou também as situações dramáticas da ópera. Escritas em 1841 (quando Liszt estava iniciando a jornada dos maiores triunfos de sua carreira como virtuose), as *Reminiscências* contêm passagens que estão harmonicamente à frente de sua época e que prefiguram o Richard Strauss de *O Cavaleiro da Rosa* (1910). Além disso, representam o ápice do pianismo daquele momento. Por suas dificuldades, é uma obra reservada aos grandes virtuoses, e talvez por isso mesmo não seja das mais conhecidas e interpretadas.

La Leggierezza [A Leveza] é um dos *Três Estudos de Concerto,* S144, compostos entre 1845 e 1849 e que, como o título indica, não são apenas estudos de técnica, mas servem também para apresentação pública. Trata-se de uma peça monotemática, com uma linha melódica relativamente simples, e que, como as outras duas do conjunto, é frequentemente tocada em recital e aparece como peça obrigatória em provas e concursos de piano.

Feux Follets [Fogos Fátuos] integra a conhecida série dos *Doze Estudos Transcendentais,* S139. O conjunto teve duas edições anteriores, sendo a versão definitiva lançada em 1852. *Feux Follets* é considerada a mais difícil do grupo, por mesclar desafios técnicos (como alta velocidade) a uma dinâmica que, na maior parte da peça, deve ser piano ou pianíssimo.

La Campanella [A Sineta] é parte dos *Grandes Estudos de Paganini,* S141, baseados em peças do compositor e virtuose do violino citado no título. Liszt utilizou o tema do terceiro movimento do *Concerto Para Violino*

nº 2, de Paganini, também conhecido como *La Campanella*. Como quase todas as peças do compositor húngaro, esta exige extremo virtuosismo técnico, especialmente no que diz respeito aos saltos da mão direita e aos trinados com o quarto e quinto dedos.

A *Rapsódia Húngara nº 2* é uma das mais populares obras de todo o repertório pianístico, tendo aparecido em vários filmes e mesmo em desenhos animados. As primeiras quinze rapsódias foram publicadas em 1853, e as quatro restantes entre 1882 e 1885. Costumava-se dizer que Liszt teria incorporado temas folclóricos ouvidos em sua Hungria natal. Mais recentemente, musicólogos apontaram que, na verdade, se tratava de melodias urbanas de autores contemporâneos, que Liszt ouvira interpretadas por músicos ciganos.

Tanto Ravel quanto Stravinsky foram figuras de proa da música produzida na primeira metade do século XX. Outra característica a uni-los, especialmente neste programa, é sua colaboração com a dança.

Terminada em 1920, *La Valse* [A Valsa] seria a terceira colaboração de Ravel com os famosos Balés Russos de Sergei Diaghilev. O empresário, no entanto, rejeitou a obra, afirmando que, a despeito de suas qualidades, não se tratava de um balé. *La Valse* tornou-se uma popular peça de concerto e, mais tarde, acabou sendo apresentada por diferentes balés, incluindo os de Ida Rubinstein e George Balanchine.

Subintitulada "poema coreográfico para orquestra", a obra é uma homenagem às valsas vienenses do século XIX, que têm seu ponto máximo na obra de Johann Strauss II. Mas nada em *La Valse* lembra a escrita convencional e de alegria controlada das valsas vienenses. A obra parte de um início escuro e calmo e segue num crescendo que atinge uma explosão arrebatadora. Foi escrita originalmente para orquestra, e o próprio Ravel fez uma transcrição para dois pianos e outra para piano solo.

Os *Três Movimentos de Petrouchka* têm igualmente relação com os Balés Russos. Originalmente, *Petrouchka* foi o segundo balé da bem-sucedida parceria entre Stravinsky e Sergei Diaghilev — antecedido pelo *Pássaro de Fogo*, de 1910, e sucedido pela *Sagração da Primavera*, de 1913.

Petrouchka estreou no Teatro do Châtelet, em Paris, em junho de 1911. Já os *Três Movimentos* nasceram dez anos depois, a pedido do pianista Arthur Rubinstein. Na verdade, os primeiros esboços feitos pelo compositor, ainda em 1910, eram de uma obra para piano e orquestra, que acabou tomando a forma de um balé por insistência de Diaghilev. Assim, a versão pianística acabou retomando a vocação original da peça.

O compositor fez questão de explicar que não era uma redução para piano de partes da obra original, mas, sim, de uma recriação essencialmente pianística do material musical do balé. O resultado é uma obra idiomática para o instrumento, e ao mesmo tempo que desafiadora, tanto do ponto de vista técnico quanto musical.

CAMILA FRÉSCA é jornalista, doutora em Música pela ECA-USP e autora de *Uma Extraordinária Revelação de Arte: Flausino Vale e o Violino Brasileiro* (Annablume, 2010).

KHATIA BUNIATISHVILI PIANO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Ver p. 57

SUGESTÕES DE LEITURA

Adam Zamoyski
CHOPIN: PRINCE OF THE ROMANTICS
HARPER, 2010

Kenneth Hamilton (org.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO LISZT
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2005

Richard Taruskin
STRAVINSKY AND THE RUSSIAN TRADITIONS: A BIOGRAPHY OF THE WORKS THROUGH MAVRA
UNIVERSITY OF CALIFORNIA PRESS, 1996

Marcel Marnat
MAURICE RAVEL
FAYARD, 1995

Roger Nichols
RAVEL
YALE UNIVERSITY PRESS, 2013

INTERNET

AMERICANLISZTSOCIETY.NET
FONDATION-IGOR-STRAVINSKY.ORG

29 QUI 21H CARNAÚBA
30 SEX 21H PAINEIRA
1 OUT
SÁB 16H30 IMBUIA

OSESP
ISAAC KARABTCHEVSKY REGENTE
XAVIER DE MAISTRE HARPA

GINASTERA 100

ALBERTO GINASTERA [1916-83]
Concerto Para Harpa, Op.25 [1956-65]
- Allegro Giusto
- Molto Moderato
- Liberamente Capriccioso. Vivace

23 MIN

HEITOR VILLA-LOBOS [1887-1959]
Sinfonia nº 2 — Ascensão [1917]
- Allegro Non Troppo
- Allegretto Scherzando
- Andante Moderato
- Allegro

50 MIN

VISTA CHINESA, FLORESTA DA TIJUCA.
FOTO DE AUGUSTO MALTA (1906).

"Na harpa, quando ela ressoa, há três coisas: a arte, a mão e a corda. No homem: o corpo, a alma e a sombra."

A citação serve de epígrafe à novela *A Harpa e a Sombra*, de Alejo Carpentier, publicada em 1978. Dividida em três partes — "A Harpa", "A Mão" e "A Sombra" —, a obra confunde ficção e história ao narrar o malsucedido projeto de beatificação de Cristóvão Colombo e convida o leitor a pensar no impacto do descobrimento da América para o mundo. É curioso que, de toda a tradição musical herdada da Europa e dentre todos os instrumentos que representam essa herança, a harpa tenha sido a escolhida como referência pelo autor. Não menos curioso é pensar o *Concerto Para Harpa,* de Alberto Ginastera, como uma das consequências da colonização europeia na América.

A harpa chegou à Argentina na primeira metade do século XVII e se espalhou pelo país por duas vias: a militar, que deu início a uma tradição profana e popular; e a religiosa, pelas mãos da Companhia de Jesus, que a utilizou como instrumento de conversão dos indígenas e de disseminação da tradição erudita europeia. No decorrer dos anos, a harpa transitou entre etnias e classes, com finalidades distintas e servindo a variados estilos musicais. Perdeu espaço na tradição popular, sendo gradativamente suplantada pelo violão. Ao mesmo tempo que perdia apelo popular, via seu prestígio social aumentar.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

GINASTERA
HARP CONCERTO; ESTANCIA; PIANO CONCERTO
Orquesta de la Ciudad de Mexico
Enrique Batiz, regente
Nancy Allen, harpa
Oscar Tarrago, piano
ASV, 1993

VILLA-LOBOS
COMPLETE SYMPHONIES
Radio - Sinfonieorchester Stuttgart des SWR
Carl St. Clair, regente
CPO, 2009

Ginastera embarcou na composição do *Concerto* em 1956, sob encomenda de Samuel Rosenbaum, que integrava o conselho da Orquestra de Filadélfia, para sua mulher, Edna Phillips, principal harpista da orquestra. Mas Ginastera só concluiu a obra em 1965, quando Edna já tinha se aposentado. O *Concerto* foi estreado nesse mesmo ano por Nicanor Zabaleta, com a Orquestra de Filadélfia, sob regência de Eugene Ormandy.

Escrito em três movimentos, o *Concerto* tem o mérito de acrescentar novas representações ao imaginário que cerca o instrumento. Distante do som angelical que geralmente se associa a ela, a harpa encarna vários papéis na obra de Ginastera. Veste-se de percussão ou violão; soa como *malambo* ou *baguala;*[1] transpira tradição ou vanguarda.

À frente da orquestra, ela reconhece sua origem. Situada no tempo e no espaço, entende sua sombra. São as mãos do homem que a transformam em arte. Filha da história, se presta a interpretações: semente ou intrusa, amável ou embusteira. Cada corpo e cada alma escolhe como tanger suas cordas.

LUCRECIA COLOMINAS é mestre em administração artística pelo Chicago College of Performing Arts da Roosevelt University e consultora de projetos da Fundação Osesp.

1 *Malambo* é uma dança virtuosística *gaucha*; *baguala* é um gênero musical folclórico do nordeste da Argentina.

A *Sinfonia nº 2 — Ascenção* [*sic*], de Villa Lobos, traz a data de 1917 – antes, portanto, do compositor ter ouvido qualquer obra sua executada por uma orquestra profissional. Porém, a estreia em 1944 sugere que ao menos parte dela pode ter sido escrita bem mais tarde. Qualquer que seja a hipótese correta, o ouvinte ficaria indeciso entre a surpresa por uma obra em que Villa-Lobos já se apresenta tão ele-mesmo, ou por sua capacidade de replicar, na maturidade, seu próprio estilo de iniciante.

Os subtítulos de várias de suas sinfonias nos levariam a crer que a visão villa-lobiana do gênero sinfônico seria predominantemente programática ou descritiva, à maneira francesa de Berlioz ou Liszt. Isso é uma das fontes de controvérsia, porque, à exceção das *Sinfonias nº 3 – A Guerra*, *nº 4 – A Vitória* e *nº 10 — Ameríndia*, os subtítulos podem dar uma pista ao ouvinte e estabelecer uma ambiência, mas não determinam forma e conteúdo.

Apontamentos sobre a *Sinfonia nº 2* indicam que o subtítulo, *Ascensão,* descreve o estado de espírito do compositor na época em que ela foi composta; pode também sugerir o momento ascendente da trajetória do compositor. Mais concretamente, os temas principais de todos os quatro movimentos da *Sinfonia nº 2* têm um agudo perfil ascendente. Estudante assíduo do *Curso de Composição Musical* de Vincent D'Indy na década de 1910, Villa-Lobos constrói sua peça de acordo com o princípio cíclico, em que ideias extraídas do primeiro movimento retornam, ora transfiguradas, ora como reminiscências, nos movimentos subsequentes, conferindo à obra coesão formal e continuidade expressiva.

No caso da *Sinfonia nº 2*, a principal ideia recorrente, ré-fá-mi, é apresentada pelos contrabaixos e violoncelos, num violento movimento sequencial ascendente, absorvido por trompas e trombones, que voltará em vários momentos como pontuação ou contraponto. Um método característico de construção sinfônica já está aqui em operação: o ornamentado acorde inicial dá a largada para motivos principais e um *ostinato*, que provavelmente veio da imaginação do compositor, mas que "registra" em nossos ouvidos como ritmo folclórico, serve de pano de fundo a uma sucessão de novas ideias, reunidas em grupos temáticos bem delineados, que alternam contemplação, lirismo e atividade frenética.

Uma miríade de influências e quase citações são filtradas, como num passe de mágica, pela habilidade de Villa-Lobos de imprimir uma marca pessoal com seu peculiar vocabulário harmônico e sua orquestração imaginativa, herdados da formação francesa, de D'Indy a Debussy. O terceiro motivo do primeiro grupo temático lembra o *Prelúdio nº 20,* Op.28, de Chopin, O segundo grupo temático poderia ter saído, como muitos outros trechos desta sinfonia, de um balé de Tchaikovsky. O intricado contraponto e o trabalho de desenvolvimento motívico são uma tentativa laboriosa de emular as sinfonias germânicas. O tema lírico do terceiro grupo temático é um reflexo da experiência de Villa-Lobos com as óperas de Puccini. Ele também tenta, nesse estágio prematuro de sua carreira, se apegar ao processo acadêmico de desenvolvimento e reexposição, mas o resultado é inevitavelmente temperado pelo seu arrebatamento.

O segundo movimento também costura, em rápida sucessão, elementos um pouco discordantes. Ecos de Dukas, Mussorgsky e Rimsky-Korsakov dão lugar a uma valsa meio velhaca, emoldurada por floreios típicos da música russa de balé. Uma passagem virtuosística do clarinete anuncia o retorno do motivo da "ascensão" sob diferentes disfarces e também um episódio contrastante.

De forma geral, Villa-Lobos reserva em suas sinfonias sua maior originalidade para as atmosferas sinistras ou dolorosas dos movimentos lentos. O desta sinfonia parece anunciar o tipo de melancolia seresteira que se tornaria, mais tarde, a marca registrada de suas *Bachianas Brasileiras*. Mais uma vez, ele introduz o retorno do motivo da ascensão, que unifica a intenção dos quatro movimentos.

O mesmo motivo, agora transformado, introduz o último movimento. Em forma de balada e menos frenético que o das *Sinfonias nº 3 e nº 4*, mas certamente elaborado com mais perícia, o movimento traz o mesmo recurso das *Sinfonias nº 1* de Brahms ou Mahler, em que a introdução de caráter fragmentado, inquieto e trágico revela, pouco a pouco, um cenário mais luminoso. Aqui, Villa-Lobos viaja gradualmente por uma profusão de seções nostálgicas e amargas, até que um ritmo mais animado vai, pouco a pouco, conduzindo a orquestra através de imensas dificuldades técnicas a uma sucessão de clí-

SUGESTÕES DE LEITURA

Eduardo Storni
GINASTERA
ESPASA-CALPE, 1983

Eero Tarasti
HEITOR VILLA-LOBOS: THE LIFE AND WORKS, 1887-1959
MCFARLAND, 1995

Fábio Zanon
VILLA-LOBOS (COLEÇÃO "FOLHA EXPLICA")
PUBLIFOLHA, 2009

INTERNET
MUSEUVILLALOBOS.ORG.BR

max cada vez mais intensos, interrompidos ora por um soturno diálogo meio wagneriano entre o clarone e a percussão, ora por uma meditação compartilhada pela flauta, pelo clarinete e pela viola solo, até que o episódio final combina apoteoticamente o motivo da ascensão com o do prelúdio de Chopin.

O fato de a orquestração desta *Segunda Sinfonia* ser notavelmente similar à da *Primeira* indica que a maior parte dela deve ter sido composta efetivamente na década de 1910. No entanto, aqui temos o retrato do artista como jovem corcel, um Villa-Lobos muito mais ambicioso e disposto a empregar toda a perícia numa obra de proporções comparáveis às das sinfonias germânicas do início do século XX, formato que ele revisitaria, com reformulações bem drásticas, a partir da *Sinfonia nº 6*, em 1944.

FÁBIO ZANON é violonista e professor da Royal Academy of Music de Londres e autor de *Villa-Lobos* (Coleção "Folha Explica", Publifolha, 2009). Desde 2013, é o coordenador artístico-pedagógico do Festival de Inverno de Campos do Jordão.

ISAAC KARABTCHEVSKY REGENTE

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM MAIO DE 2016

Em 2009, o jornal inglês *The Guardian* indicou o maestro Isaac Karabtchevsky como um dos ícones vivos do Brasil. Nascido em São Paulo, estudou regência e composição na Alemanha, sob orientação de Wolfgang Fortner, Pierre Boulez e Carl Ueter. Entre 1969 e 1994, dirigiu a Orquestra Sinfônica Brasileira e, entre 1995 e 2001, foi diretor musical do Teatro La Fenice, em Veneza. Foi também diretor artístico da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, do Theatro Municipal de São Paulo, da Orchestre National Des Pays de la Loire, na França, e da Orquestra Tonkünstler, em Viena. Recebeu a medalha do Mérito Cultural do governo austríaco e a comenda Chevalier Des Arts e Des Lettres do governo francês, além de condecorações de praticamente todos os estados brasileiros. É diretor artístico e regente titular da Petrobras Sinfônica, do Rio de Janeiro, diretor artístico do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e, desde 2011, diretor artístico do Instituto Baccarelli e da Sinfônica Heliópolis. Participa do projeto de gravação integral das sinfonias de Villa-Lobos com a Osesp, projeto que já conquistou três vezes o Prêmio da Música Brasileira (2014-15-16).

XAVIER DE MAISTRE HARPA

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascido em Toulon, na França, Xavier de Maistre começou a estudar harpa aos nove anos. Em 1998, recebeu o primeiro prêmio na International Harp Competition, em Bloomington, nos Estados Unidos. Já trabalhou com regentes como *Sir* Simon Rattle, Riccardo Muti, André Previn, Andrés Orozco-Estrada e Kristjan Järvi. Integrou a Filarmônica de Viena e foi professor na Academia de Música de Hamburgo. É artista exclusivo da Sony Music, professor convidado da Juilliard School (Nova York), da Universidade Toho (Tóquio) e do Trinity College (Londres).

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

ProacSP
Incentivo à Cultura do Estado de São Paulo

PATROCÍNIO

rede

COPATROCÍNIO

BNDES

APOIO

comgas

FRITZ DOBBERT PIANOS

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

47º

O Festival de Inverno Campos do Jordão

Dr. Luís Arrobas Martins

Agradece aos Seus Parceiros

PROMOÇÃO

Localiza
Aluguel de Carros

FOLHA
NÃO DÁ PRA NÃO LER.

MINISTÉRIO DA
CULTURA

BRASIL
GOVERNO FEDERAL

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Desde seu primeiro concerto, em 1954, a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo — Osesp — construiu uma trajetória de grande sucesso, tornando-se a instituição que é hoje. Reconhecida internacionalmente por sua excelência, a Orquestra é parte indissociável da cultura paulista e brasileira, promovendo transformações culturais e sociais profundas. Nos primeiros anos, foi dirigida pelo maestro Souza Lima e pelo italiano Bruno Roccella, mais tarde sucedidos por Eleazar de Carvalho (1912-96), que por 24 anos dirigiu a Orquestra e desenvolveu intensa atividade. Nos últimos anos sob seu comando, o grupo passou por um período de privações. Antes de seu falecimento, porém, Eleazar deixou um projeto de reformulação da Osesp. Com o empenho do governador Mário Covas, foi realizada a escolha do maestro que conduziria essa nova fase na história da Orquestra. Em 1997, o maestro John Neschling assume a direção artística da Osesp e, com o maestro Roberto Minczuk como diretor artístico adjunto, redefine e amplia as propostas deixadas por Eleazar. Em pouco tempo, a Osesp abre concursos no Brasil e no exterior, eleva os salários e melhora as condições de trabalho de seus músicos. A Sala São Paulo é inaugurada em 1999, e, nos anos seguintes, são criados os Coros Sinfônico, de Câmara, Juvenil e Infantil, o Centro de Documentação Musical, os Programas Educacionais, a editora de partituras Criadores do Brasil e a Academia de Música. Uma parceria com o selo sueco Bis e com a gravadora carioca Biscoito Fino garante a difusão da música brasileira de concerto. A criação da Fundação Osesp, em 2005, representa um marco na história da Orquestra. Com o presidente Fernando Henrique Cardoso à frente do Conselho de Administração, a Fundação coloca em prática novos padrões de gestão, que se tornaram referência no meio cultural brasileiro. Além das turnês pela América Latina (2000, 2005, 2007), Estados Unidos (2002, 2006, 2008), Europa (2003, 2007, 2010, 2012, 2013) e Brasil (2004, 2008, 2011, 2014), o grupo mantém desde 2008 o projeto Osesp Itinerante, pelo interior do estado de São Paulo, realizando concertos, oficinas e cursos de apreciação musical para mais de 70 mil pessoas. A Osesp iniciou a temporada 2010 com a nomeação de Arthur Nestrovski como diretor artístico e do maestro francês Yan Pascal Tortelier como regente titular. Em 2011, a norte-americana Marin Alsop é anunciada como nova regente titular da Orquestra por um período inicial de cinco anos, a partir de 2012. Também a partir de 2012, Celso Antunes assume o posto de regente associado da Orquestra. Neste mesmo ano, em sequência a concertos no festival BBC Proms, de Londres, e no Concertgebouw de Amsterdã, a Osesp é apontada pela crítica estrangeira (*The Guardian* e BBC Radio 3, entre outros) como uma das orquestras de ponta no circuito internacional. Lança também seus primeiros discos pelo selo Naxos, com o projeto de gravação da integral das *Sinfonias* de Prokofiev, regidas por Marin Alsop, e da integral das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtchevsky. Em 2013, Marin Alsop é nomeada diretora musical da Osesp e a orquestra realiza nova turnê europeia, apresentando-se pela primeira vez — com grande sucesso — na Salle Pleyel, em Paris, no Royal Festival Hall, em Londres, e na Philharmonie, em Berlim. Em 2014, celebrando os sessenta anos de sua criação, a Osesp fez uma turnê por cinco capitais brasileiras. No ano seguinte, merece destaque uma série de apresentações regidas por Isaac Karabtchevsky de *Gurre-Lieder*, de Schoenberg (até então inédita no Brasil), que conquistou os prêmios de melhor concerto do ano nos principais jornais e revistas. Em 2016, a Osesp, com Marin Alsop, realiza turnê pelos maiores festivais de verão da Europa.

Na **Coleção Folha Grandes Nomes da Literatura** você vai encontrar escritores como Oscar Wilde, Tolstói, Aldous Huxley, Dostoiévski e muitos outros. São autores e histórias que não apenas despertam emoções e intensificam o prazer pela leitura, como também influenciam grandes transformações na humanidade. São 28 livros que vão dar muito mais consistência à sua biblioteca e vão mudar o seu jeito de se relacionar com o mundo. Afinal, você é o que você lê. Colecione.

ASSINANTE FOLHA:

NA COMPRA DA COLEÇÃO COMPLETA GANHE 4 LIVROS E O FRETE*.

Ligue (11) 3224 3090 (Grande São Paulo) ou **0800 775 8080** (outras localidades).

WWW.FOLHA.COM.BR/NOMESDALITERATURA

FOLHA
NÃO DÁ PRA NÃO LER.

*Preço e frete válidos para os Estados de SP, RJ, MG e PR. Para outras localidades consulte www.folha.com.br/nomesdaliteratura. Confira as datas de entrega no site.

CORO DA OSESP

Criado em 1994, como Coro Sinfônico do Estado de São Paulo, o Coro da Osesp (como é chamado desde 2001) reúne um grupo de cantores de sólida formação musical e é uma referência em música vocal no Brasil. Nas apresentações junto à Osesp, em grandes obras do repertório coral-sinfônico, ou em concertos *a cappella* na Sala São Paulo e pelo interior do estado, o grupo aborda diferentes períodos musicais, com ênfase nos séculos XX e XXI e nas criações de compositores brasileiros, como Almeida Prado, Aylton Escobar, Gilberto Mendes, Francisco Mignone, Liduino Pitombeira, João Guilherme Ripper e Villa-Lobos. Entre 1995 e 2015, o Coro da Osesp teve Naomi Munakata como coordenadora e regente. Em 2014, Naomi foi nomeada Regente Honorária do grupo. Em 2009, o Coro da Osesp lançou seu primeiro disco, *Canções do Brasil*, que inclui obras de Osvaldo Lacerda, Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Marlos Nobre e Villa-Lobos, entre outros compositores brasileiros. Em 2013, lançou gravação de obras de Aylton Escobar (Selo Osesp Digital) e, em 2015, gravou obras de Bernstein junto à Orquestra Sinfônica de Baltimore regida por Marin Alsop, para CD do selo Naxos

CORO DA OSESP

REGENTE HONORÁRIA
NAOMI MUNAKATA
COORDENADOR (INTERINO)
MARCOS THADEU

SOPRANOS
ANNA CAROLINA MOURA
ELIANE CHAGAS
ÉRIKA MUNIZ
FLÁVIA KELE DE SOUSA
JAMILE EVARISTO
JI SOOK CHANG
MARINA PEREIRA
MAYNARA ARANA CUIN
NATÁLIA ÁUREA
REGIANE MARTINEZ**
ROXANA KOSTKA
TATIANE REIS*
VIVIANA CASAGRANDI MONITORA

CONTRALTOS / MEZZOS
ANA GANZERT
CELY KOZUKI
CLARISSA CABRAL
CRISTIANE MINCZUK
FABIANA PORTAS
LÉA LACERDA MONITORA
MARIA ANGÉLICA LEUTWILER
MARIA RAQUEL GABOARDI
MARIANA VALENÇA
MÔNICA WEBER BRONZATI
PATRÍCIA NACLE
SILVANA ROMANI
SOLANGE FERREIRA
VESNA BANKOVIC

TENORES
ANDERSON LUIZ DE SOUSA
CARLOS EDUARDO DO NASCIMENTO
CLAYBER GUIMARÃES
ERNANI MATHIAS ROSA
FÁBIO VIANNA PERES
JABEZ LIMA
JOCELYN MAROCCOLO
LUIZ EDUARDO GUIMARÃES
MÁRCIO SOARES BASSOUS MONITOR
ODORICO RAMOS
PAULO CERQUEIRA
RÚBEN ARAÚJO

BAIXOS / BARÍTONOS
ALDO DUARTE
ERICK SOUZA
FERNANDO COUTINHO RAMOS
FLAVIO BORGES
FRANCISCO MEIRA
ISRAEL MASCARENHAS
JOÃO VITOR LADEIRA
LAERCIO RESENDE
MOISÉS TÉSSALO
PAULO FAVARO
SABAH TEIXEIRA MONITOR

PREPARADOR VOCAL
MARCOS THADEU

PIANISTA CORREPETIDOR
FERNANDO TOMIMURA

GERÊNCIA
CLAUDIA DOS ANJOS GERENTE
SEZINANDO GABRIEL DE O. NETO INSPETOR

CORO ACADÊMICO DA OSESP

REGENTE
MARCOS THADEU

SOPRANOS
ANA CAROLINA COUTINHO
GIULIA MOURA
MARIANA SABINO
TAMARA CAETANO
THAIS AZEVEDO

CONTRALTOS
ADRIENE GREICE
EMILY ALVES
IVY SZOT
LUIZA BIONDI
NAE MATAKAS

TENORES
DANIEL BERTHOLDO
DAVID MEDRADO
MIKAEL COUTINHO
MIQUEIAS PEREIRA
RAFAEL OLIVEIRA

BAIXOS
FÚLVIO LIMA
GUILHERME AMORIM
GUILHERME ROBERTO
LUIS FIDELIS
VINÍCIUS COSTA

PIANISTA CORREPETIDORA
CAMILA OLIVEIRA

(*) MÚSICO CONVIDADO
(**) MÚSICO LICENCIADO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS
EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA.
INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETORA MUSICAL E REGENTE TITULAR
MARIN ALSOP
REGENTE ASSOCIADO
CELSO ANTUNES
REGENTE ASSISTENTE
VALENTINA PELEGGI

DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI
DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

VIOLINOS
EMMANUELE BALDINI SPALLA
DAVI GRATON SPALLA***
YURIY RAKEVICH
LEV VEKSLER***
ADRIAN PETRUTIU
IGOR SARUDIANSKY
MATTHEW THORPE
ALEXEY CHASHNIKOV
ANDERSON FARINELLI
ANDREAS UHLEMANN
CAMILA YASUDA
CAROLINA KLIEMANN
CÉSAR A. MIRANDA
CRISTIAN SANDU
DÉBORAH WANDERLEY DOS SANTOS
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
INNA MELTSER
IRINA KODIN
KATIA SPÁSSOVA
LEANDRO DIAS
MARCELO SOARES
MARCIO AUGUSTO KIM
PAULO PASCHOAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LANDIM
SUNG-EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA

VIOLAS
HORÁCIO SCHAEFER
MARIA ANGÉLICA CAMERON
PETER PAS
ANDRÉS LEPAGE
DAVID MARQUES SILVA
ÉDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
OLGA VASSILEVICH
SARAH PIRES
SIMEON GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV
ALEN BISCEVIC*

VIOLONCELOS
ILIA LAPOREV
HELOISA MEIRELLES
RODRIGO ANDRADE SILVEIRA
ADRIANA HOLTZ
BRÁULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JOO DOH
MARIA LUÍSA CAMERON
MARIALBI TRISOLIO
REGINA VASCONCELLOS
WILSON SAMPAIO

CONTRABAIXOS
ANA VALÉRIA POLES
PEDRO GADELHA
MARCO DELESTRE
MAX EBERT FILHO
ALEXANDRE ROSA
ALMIR AMARANTE
CLÁUDIO TOREZAN
JEFFERSON COLLACICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS

HARPA
LIUBA KLEVTSOVA

FLAUTAS
CLAUDIA NASCIMENTO
FABÍOLA ALVES PICCOLO
JOSÉ ANANIAS SOUZA LOPES
SÁVIO ARAÚJO

OBOÉS
ARCÁDIO MINCZUK
JOEL GISIGER
NATAN ALBUQUERQUE JR. CORNE INGLÊS
PETER APPS
RICARDO BARBOSA

CLARINETES
OVANIR BUOSI
SÉRGIO BURGANI
NIVALDO ORSI CLARONE
DANIEL ROSAS
GIULIANO ROSAS

FAGOTES
ALEXANDRE SILVÉRIO
JOSÉ ARION LIÑAREZ
ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE
FILIPE DE CASTRO
FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS
LUIZ GARCIA
ANDRÉ GONÇALVES
JOSÉ COSTA FILHO
NIKOLAY GENOV
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
SAMUEL HAMZEM
EDUARDO MINCZUK

TROMPETES
FERNANDO DISSENHA
GILBERTO SIQUEIRA
ANTONIO CARLOS LOPES JR. ***
MARCELO MATOS

TROMBONES
DARCIO GIANELLI
WAGNER POLISTCHUK
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAIXO
DARRIN COLEMAN MILLING

TUBA
A DEFINIR.

TÍMPANOS
ELIZABETH DEL GRANDE
RICARDO BOLOGNA

PERCUSSÃO
RICARDO RIGHINI 1º PERCUSSÃO
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
EDUARDO GIANESELLA
RUBÉN ZÚÑIGA

TECLADOS
OLGA KOPYLOVA

GERÊNCIA
JOEL GALMACCI GERENTE
XISTO ALVES PINTO INSPETOR
LAURA PADOVAN PASSOS

ACADEMIA DA OSESP

VIOLINO
ANA CAROLINA REBOUÇAS
NATHAN AMARAL

VIOLAS
ABNER BRASIL
CLARA DOS SANTOS

VIOLONCELOS
MATHEUS MELLO
RAFAEL DE CABOCLO

CONTRABAIXO
JESSICA ALBUQUERQUE

FLAUTA
JÚLIA DONLEY

OBOÉ
LAYLA KÖHLER

FAGOTE
ANGE BAZZANI

CLARINETE
TIAGO CARVALHO

TROMPAS
JÉSSICA VICENTE
TAYANNE SEPULVEDA

TROMPETES
ANDRÉ LACERDA
ROGER BRITO

TROMBONES
SILAS FALCÃO
HÉLIO GÓES

TROMBONE BAIXO
FILIPE ALVES

PERCUSSÃO
CARLOS DOS SANTOS

TECLADO
DANA RADU

(*) MÚSICO CONVIDADO
(***) CARGO INTERINO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA. INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

CORO INFANTIL DA OSESP

REGENTE
TERUO YOSHIDA

ALLICE SOUZA DINIZ
ANA CLARA MOREIRA DA SILVA
ANA CLARA ZAMPIERI D'ANDREA
ANA LUIZA ROSA NAVES
ANDRÉ LUIZ CARDOSO AZEVEDO
CAIO HUANCA IACOMUSSI
CAYENNE CASTRO AGUIAR
CLOE PERRUT DE GODOI
DAVID GRAÇA RIBEIRO
ENZO TOLEDO ANDREUCCETTI
FLÁVIA MOREIRA DE CARVALHO ARANTES
FRANCISCO KRINDGES GERALDINI
GABRIELA KAZAKEVICIUS
GABRIELE BUENO ALVES
GIOVANA MASKALENKA
GIOVANNA MELLO CAMARGO
GIOVANNA VITHÓRIA DIAS TEIXEIRA
HELENA CAPELOSSI
INGRID SANTOS CLE CHERUN
IRENE CHAPUIS FONSECA
IRINA ALFONSO FREDERICO
ÍRIS DE CAMPOS MELERO
ISABELLA ZANELLATTO LACERDA
IZABELA AMOROSO CAVALCANTE
JULIA CORRÊA OLIVEIRA
JULIA PIRES DE BRITTO COSTA
JULIA RIBEIRO MONTIN
JULIA SALIM PINTO
JULLIA FISCHBORN ARDANUY
LETÍCIA SAITO KOJIMA
LUCAS SHOJI
LUIZ ROBERTO QUINTEROS DOS SANTOS
LUIZA PIRES DE BRITTO COSTA
MARCELLA YURI HONMOTO TAKABATAKE
MARIA EDUARDA GONÇALVES DOS SANTOS
MARIA SIMONE SALEK SALDIAS
MARINA CELANI GUEDES
MIGUEL DE AZEVEDO MARQUES
MINA CHYNN KU ALBUQUERQUE
MURILLO BOMFIM NASCIMENTO
NATHALIA DA SILVA SANTANA
PAULA CAETANO LEITE
PAULA SANTANA SCHIMIT
PRISCILA CARDOSO TEIXEIRA
RAFAELLA MARTINS SILVA
REBECCA SANTOS DE SOUZA
RICARDO MARTINS COGHI ALVES
SARA HELEN DA SILVA
SOFIA MAGON WEBER
SOFIA MARTINS RIBEIRO COELHO DE MAGALHÃES
SOFIA SANTANA
SOFIA SPASSOVA COSTA
SOPHIE YUMI SILVA ITO
THAYNÁ FERNANDA SILVA BORGES
VIVIAN GABRIELLY AMARAL VELOSO
YOHANA ROCHA GRANATTA

PIANISTA
DANA RADU

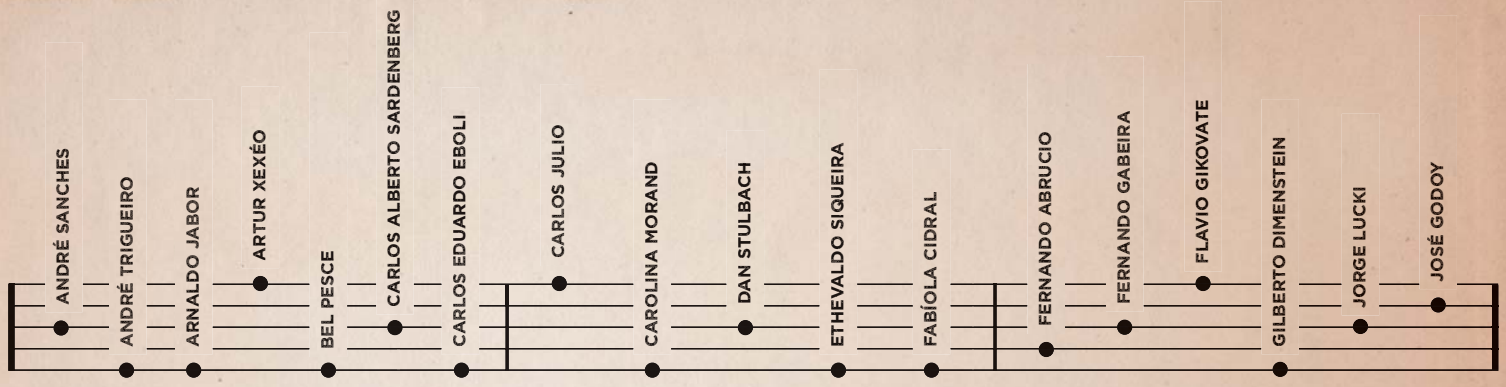
CORO JUVENIL DA OSESP

REGENTE
PAULO CELSO MOURA

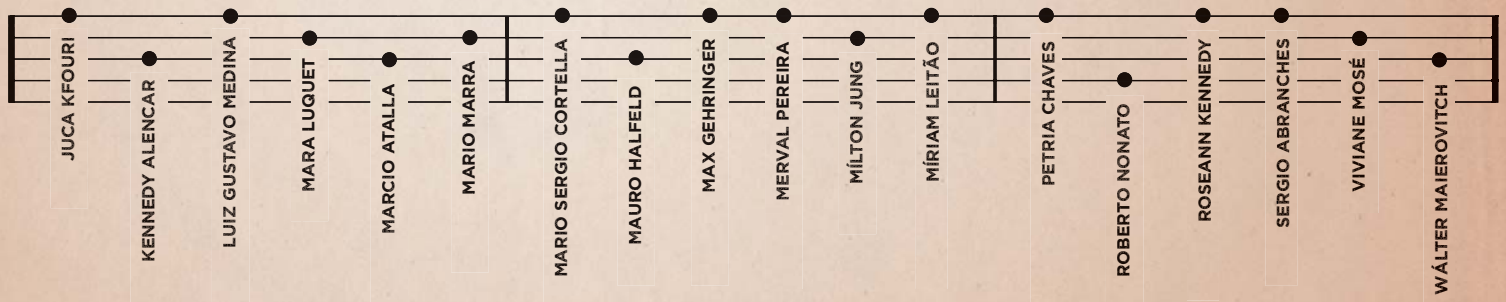
AGATHA GABRIELA E SILVA
ANA CAROLINE BERGAMASCHI FARIAS
BEATRIZ APARECIDA BARBOSA DE SOUZA
CAMILA NOBRE SANTOS
CATARINA AKEMI LOPES KAWAKANI
DANIEL DE SOUZA SILVA JUNIOR
DANIEL PRADO FILHO
ELISABETH PRIMO RIOS
ENZO ROCHA MAGRI
ESTHER CAROLAYNE SILVA FURQUIM
FERNANDA FERNANDES QUINTANILHA
FERNANDA MOREIRA DE CARVALHO ARANTES
FERNANDA MOURA DA SILVA
GABRIEL SILVA PROCÓPIO
GIOVANNA MARIA SILVA CANDIDA
GRAZIELA STEFANO VYUNAS
GUSTAVO BARRAVIERA RODRIGUES
HELLEN CRISTINA SOUZA SABINO
HENRIQUE SILVA PEDROSO
INGREDY FREITAS DOS SANTOS
IZABELA VIEIRA MARCIANO
JENNIFER ANNE SANTANA DA SILVA
JOÃO PEDRO MONTANDAN HOKAMA
JULIANA CALASANS DOS SANTOS
KEREN ANA RAMOS AQUINO
LEONARDO OLIVEIRA DE LIMA
MARGOT LOHN KULLOCK
MARIA CLARA PERRUT DE GODOI
MARIANE ELOAR SILVA CAMARGO
MATHEUS BRIAN GONÇALVES DE SOUZA
MELISSA CASSIANO DE SOUSA
NAARA ELLEN MALIAN
NATHALIA GRILLO DOMINGOS
RAQUEL BEZERRA
ROBSON RAFAEL DOS SANTOS GODOY
ROGÉRIO DA SILVA DE JESUS
SILVIO EDUARDO GOMES DA SILVA
SOPHIA ALFONSO FREDERICO
VICTORIA BEATRIZ SOUZA NIZA
VINICIUS BITANCOURT SODRÉ
VITORIA COSTA DE SOUSA

PIANISTA
DANA RADU

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS
EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA.
INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES



Para os jornalistas da **CBN**, tocar notícia é como fazer uma sinfonia.



A CBN não toca música.
Mas a equipe de âncoras é afinadíssima.
Os comentaristas são virtuoses da palavra e da informação jornalística.

CBN 25 ANOS

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE
FÁBIO COLLETTI BARBOSA
VICE-PRESIDENTE
ANTONIO CARLOS QUINTELLA
CONSELHEIROS
ALBERTO GOLDMAN
HEITOR MARTINS
HELIO MATTAR
JOSÉ CARLOS DIAS
LILIA MORITZ SCHWARCZ
MANOEL CORRÊA DO LAGO
PAULO CEZAR ARAGÃO
SÁVIO ARAÚJO

CONSELHO DE ORIENTAÇÃO

PEDRO MOREIRA SALLES
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
CELSO LAFER
HORACIO LAFER PIVA
JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES NETO

CONSELHO FISCAL

JÂNIO GOMES
MANOEL BIZARRIA GUILHERME NETO
MIGUEL SAMPOL POU

CONSELHO CONSULTIVO

ANDRÉ VITOR SINGER
ANTONIO CARLOS CARVALHO DE CAMPOS
ANTONIO CARLOS VALENTE DA SILVA
AUGUSTO LUIS RODRIGUES
DRAUZIO VARELLA
EDUARDO GIANNETTI
EDUARDO PIRAGIBE GRAEFF
EUGÊNIO BUCCI
FÁBIO MAGALHÃES
FRANCISCO VIDAL LUNA
GUILHERME WISNIK
GUSTAVO ROXO FONSECA
JAC LEIRNER
JAYME GARFINKEL
JOSÉ EUSTACHIO
JOSÉ HENRIQUE REIS LOBO
JOSÉ PASTORE
JOSÉ ROBERTO WHITAKER PENTEADO
LORENZO MAMMÌ
LUIZ SCHWARCZ
MONICA WALDVOGEL
NELSON RUSSO FERREIRA
PERSIO ARIDA
PHILIP YANG
RAUL CUTAIT
RICARDO LEAL
RICARDO OHTAKE
RÔMULO DE MELLO DIAS
SÉRGIO ADORNO
SÉRGIO GUSMÃO SUCHODOLSKI
STEFANO BRIDELLI
TATYANA FREITAS
THILO MANNHARDT
VITOR HALLACK
WILLIAM VEALE
ZÉLIA DUNCAN

(*) ESTAGIÁRIOS

DIRETORIA EXECUTIVA

MARCELO LOPES DIRETOR EXECUTIVO
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA SUPERINTENDENTE
ASSISTENTES
JULIANA DIAS FRANÇA
CAROLINA BORGES FERREIRA

DIRETORIA ARTÍSTICA

ARTHUR NESTROVSKI DIRETOR ARTÍSTICO
ISABELA PULFER ASSESSORA
DANNYELLE UEDA ASSISTENTE
PLANEJAMENTO ARTÍSTICO
ENEIDA MONACO COORDENADORA
FLÁVIO MOREIRA

FESTIVAL INTERNACIONAL DE INVERNO DE CAMPOS DO JORDÃO

FÁBIO ZANON COORDENADOR ARTÍSTICO-PEDAGÓGICO

JURÍDICO

DANIELLA ALBINO BEZERRA GERENTE
VINICIUS CARLOS SANTOS
VINICIUS KOPTCHINSKI ALVES BARRETO

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO MUSICAL E EDITORA CRIADORES DO BRASIL

ANTONIO CARLOS NEVES PINTO COORDENADOR
HERON MARTINS SILVA
CÉSAR AUGUSTO PETENÁ
FELIPE FERNANDES SILVA
GUILHERME DA SILVA TRIGINELLI
LEONARDO DA SILVA ANDRADE
RAFAEL RIBEIRO DA CUNHA
THAMIRIS FRANCO MEDEIROS
THIAGO RIBEIRO FRANCISCO*
MARINA TARATETA FRANCO DE OLIVEIRA
SEVERINA MARIA TEIXEIRA

ATIVIDADES EDUCACIONAIS

ROGÉRIO ZAGHI COORDENADOR
ACADEMIA
CAMILA ALESSANDRA RODRIGUES DA SILVA
DANA MIHAELA RADU PIANISTA CORREPETIDORA
NAGELA GARDENE SILVA NOGUEIRA
EDUCAÇÃO MUSICAL
HELENA CRISTINA HOFFMANN
BRENA FERREIRA BUENO
DANIELA DE CAMARGO SILVA
ISABELLA FRAGA LOPES PEREIRA
SIMONE BELOTTI
CORO INFANTIL
TERUO YOSHIDA REGENTE
CORO JUVENIL
PAULO CELSO MOURA REGENTE
CORO ACADÊMICO
MARCOS THADEU REGENTE
CAMILA OLIVEIRA PIANISTA CORREPETIDORA
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
RENATA LIPIA LIMA
LUCAS DE ALMEIDA SANCHES*
VICTOR LEITE DE OLIVEIRA*

MARKETING

CARLOS HARASAWA DIRETOR
ASSINATURAS
RAFAEL SANTOS
MARIA LUIZA DA SILVA
THAIS OLIVEIRA DE SOUSA
LUCAS MARQUES DA SILVA*
EVENTOS E CAPTAÇÃO PESSOA FÍSICA
MAUREN STIEVEN
GABRIELLE A. DE OLIVEIRA COELHO
CAROLYNE NATASHA LINS IKEDA*
GRAZIELA FERNANDA GAETA TOGNETTI*
RELACIONAMENTO PATROCINADORES E PARCEIROS
NATÁLIA LIMA
JULIANA MARTINS VASSOLER DE BRITTO
DANIELE FIERI SILVA
HELOISE TIEMI SILVA*

COMUNICAÇÃO

FABIANA GHANTOUS
DESIGN
BERNARD WILLIAM CARVALHO BATISTA
DEBORA NISHIOKA*
IMPRENSA
ALEXANDRE AUGUSTO ROXO FELIX
FERNANDO MAGARIAN FREITAS*
SOFIA CALABRIA Y CARNERO*
MÍDIAS DIGITAIS
NATÁLIA KIKUCHI
ISABELA FANTINI GUASCO
PUBLICIDADE / PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS
ANA PAULA SILVA MONTEIRO
GIOVANNA CAMPELO

CONTROLADORIA

CRISTINA M. P. DE MATOS CONTROLLER
ALLINE FORMIGONI ROSSI
JERONYMO R. ROMÃO
JANDUI APRIGIO MEDEIROS FILHO
HÉLIDA APARECIDA RODRIGUES DA SILVA

CONTABILIDADE

RAFAEL HENRIQUE DE SOUZA ALEIXO
LEONARDO QUEIROZ
VALÉRIA DE ALMEIDA CASSEMIRO
AILTON GABRIEL DE LIMA JR

FINANCEIRO

VERA LUCIA DOS SANTOS SOUZA
LUIS FILIPE RIBEIRO
THAYNARA DA SILVA
FELIPE PEREIRA GAMA*

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

GIACOMO CHIARELLA GERENTE
CAROLINA BENKO SGAI
SANDRA APARECIDA DIAS
STHEPHANI SANTIAGO AMERICO
RAFAEL LOURENCO PATRICIO
MAYCON MAGALHÃES DOS SANTOS**
RECEPÇÃO
ALEX DE ALMEIDA ALQUIMIM
CATIANE ARAUJO DE MELO
EUNICE DE FALCO ASSIS
MARIA JOCELMA A. R. NISHIUCHI
MICHELLY CAVALCANTE DE MOURA
VALDELICE CRISTINA DE SANTANA
SERVIÇO DE COPA
ANDREIA MARTINS DOS SANTOS
SERVIÇOS TERCEIRIZADOS
MARIA TERESA ORTONA FERREIRA
MANUTENÇÃO E OBRAS
MURILO SOBRAL COELHO
JOSÉ AUGUSTO SÃO PEDRO
MARCIEL BATISTA SANTOS
OSVALDO DE SOUZA BRITTO
ANDRE DA SILVA TENARIO
ALESSANDRO HENRIQUE ALVES DO NASCIMENTO
GABRIEL DE AZEVEDO SILVA
ROBERTO DE SOUZA SANTOS
TIAGO DE SOUZA DIAS
UALANS GOMES CONCEIÇÃO
ANDRÉ DO NASCIMENTO SANTOS
FELIPE DE CASTRO LEITE LAPA
GUILHERME FERNANDES DA SILVA*
LUIS HENRIQUE SANTOS DE SOUZA*
RECURSOS HUMANOS
LEONARDO DUTRA DI PIAZZA GERENTE
MARLENE APARECIDA DE ALMEIDA SIMÃO
THAMIRIS LANE DA SILVA
CAMILA SANTANA DE ARAUJO
INFORMÁTICA
MARCELO LEONARDO DE BARROS
GEOVANNI SILVA FERREIRA
GUSTAVO TADEU CANOA MORGADO
LUIZ HENRIQUE JOSE DA SILVA*
LUANA LAINS CARIS**
COMPRAS E SUPRIMENTOS
DEISE PEREIRA PINTO
MARIA DE FÁTIMA RIBEIRO DE SOUSA
ROSELI FERNANDES

ALMOXARIFADO
WILSON RODRIGUES DE BARROS
ARQUIVO
EDUARDO DE CARVALHO
ISABEL DE CÁSSIA CREMA GONÇALVES
SAYONARA SOUZA DOS SANTOS
GABRIEL JUSTINO DE SOUZA*

DIVISÃO OPERACIONAL
ANALIA VERÔNICA BELLI GERENTE
DEPARTAMENTO PRODUÇÃO – OSESP
ALESSANDRA CIMINO
FELIPE UBALDO MILANI
GRACE NERES ROSA
JEFERSON ROCHA DE LIMA
LIVIA MARTINS NONATO
DEPARTAMENTO TÉCNICO
KARINA FONTANA DEL PAPA GERENTE
ALINE GURGEL SIQUEIRA
ANGELA DA SILVA SARDINHA
ERIK KLAUS LIMA GOMIDES
ELIEZIO FERREIRA DE ARAUJO
GERSON DA SILVA
BIANCA PEREIRA DOS SANTOS
KAIQUE RAMOS FRANÇA*
ILUMINAÇÃO
EDIVALDO JOSÉ DA SILVA
SOM
ANDRE VITOR DE ANDRADE
FERNANDO DIONISIO VIEIRA DA SILVA
RENATO FARIA FIRMINO
MONTAGEM
RODRIGO BATISTA FERREIRA
DENILSON CARDOSO ARAUJO
EDGAR PAULO DA CONCEIÇÃO
EMERSON DE SOUZA
HUMBERTO ALVES CAROLINO
JOSÉ CARLOS FERREIRA
JÚLIO CESAR BARRETO DE SOUZA
MÁRCIO DIONIZIO SILVA
NIZINHO DEIVID ZOPELARO
RODRIGO STEVANIN
SANDRO SILVESTRE DA SILVA

DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES
MÔNICA CÁSSIA FERREIRA GERENTE
REGIANE SAMPAIO BEZERRA
FABIANE DE OLIVEIRA ARAUJO
GUILHERME VIEIRA
LARISSA BALEEIRO DA SILVA
MARIANA DE ALMEIDA NEVES
CRISTIANO GESUALDO
CONTROLADOR DE ACESSO
ADAILSON DE ANDRADE
INDICADORES
REGINALDO DOS SANTOS DE ALMEIDA
ELINE SOUZA DO CARMO
FABRÍCIO DE FREITAS SILVA
CASSIO MOISES DA SILVA*
ENRIQUE LIMA ESPINOSA*
GIOVANNI PEREIRA DOS SANTOS*
JAIR DE ARAUJO SILVA*
JESSICA NAYANNE DOS SANTOS*
JULIANA MOURA DA SILA*
KELLY BACCAGLINI*
KLEBER RODAN DE ARAUJO*
LARISSA EVARISTO*
LEANDRO DE ALMEIDA LEÃO*
LILIAN LITSUHO HASHIMOTO*
LUCAS DE OLIVEIRA VIEIRA*
LUCAS FERREIRA CARDOSO DOS SANTOS*
LUCIANA MAGALHÃES MESQUITA*
LUIS GUSTAVO SOUZA SILVA*
MARCELLA PERES BRAUM*
MARINA DE SOUZA GUIMARÃES*
ROGÉRIO AUGUSTO TEIXEIRA*
SIMONE HITOMI HOZAWA*
VINICIUS LUCIO RIBEIRO*
RONALD SANTOS BEZERRA**
CATARINE CRUZ BRITO**
DAVI SILVA SANCHES**

(*) ESTAGIÁRIOS
(**) APRENDIZES

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTA DE SÃO PAULO

OSESP

APOIE SUA ORQUESTRA

Há boas razões para ser um Associado Osesp

NATÁLIA KIKUCHI

1

Você contribui para o desenvolvimento dos projetos educacionais da Fundação Osesp: Descubra a Orquestra na Sala São Paulo, Academia de Música da Osesp e Visita Monitorada.

2

Você recebe benefícios exclusivos e convites para eventos na Sala São Paulo, que permitem um maior contato com a Osesp e com os projetos educacionais.

3

Você recupera 100% da sua contribuição, deduzindo o valor doado até o limite de 6% na declaração no modelo completo, do seu Imposto de Renda devido.

SAIBA MAIS

PROGRAMA SUA ORQUESTRA

www.osesp.art.br/suaorquestra

suaorquestra@osesp.art.br

11 3367-9581

11 3367-9582

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

PROGRAMA SUA ORQUESTRA

AGRADECEMOS A TODOS QUE CONTRIBUEM COM O NOSSO PROGRAMA DE CAPTAÇÃO DE RECURSOS PARA OS PROGRAMAS EDUCACIONAIS DA OSESP

PATRONO / ACIMA DE R$ 15.101
ALVARO LUIZ BRUZADIN FURTADO
ANDRE RODRIGUES CANO
ANDREW THOMAS CAMPBELL
ANTONIO QUINTELLA
CARLOS EDUARDO MORI PEYSER
FABIO COLLETTI BARBOSA
HEITOR MARTINS
JAYME GARFINKEL
MARCELO KAYATH
PAULO BILEZIKJIAN
WASHINGTON KATO
1 ANÔNIMO

PRESTO / DE R$ 8.101 A R$ 15.100
ANDRÉ CAMINADA
DANIEL LEMBO SCHILLER
HELIO MATTAR
HORACIO LAFER PIVA
J. ROBERTO WHITAKER PENTEADO
JOSÉ CARLOS DIAS
LILIA MORITZ SCHWARCZ
MAURICIO CASTANHO TANCREDI
PAULO APARECIDO DOS SANTOS
PEDRO SALMERON CARVALHO
PEDRO WONGTSCHOWSKI
STEFANO BRIDELLI
SYLVIO RICARDO PEREIRA DE CASTRO
TERESA CRISTINA FERNANDEZ MIAZZI

VIVACE CON BRIO / DE R$ 4.101 A R$ 8.100
ADRIANO ZAN
ALBERTO CAZAUX
ALBERTO DOMINGOS FILHO
ANTONIO DE JESUS MENDES
BOO SUNG CHOI
CARLOS ALBERTO WANDERLEY JUNIOR
CARMEM LUIZA GONZALEZ DA FONSECA
CHISLEINE FÁTIMA DE ABREU
FERNANDA MARIA VILLAÇA BOUERI
GUILHERME CAOBIANCO MARQUES
GUSTAVO ROXO
HELDER OLIVEIRA DE CASTRO
HELGA VERENA LEONI MAFFEI
ILMA TERESINHA ARNS WANG
ISRAEL VAINBOIM
JOSÉ CARLOS BAPTISTA DO NASCIMENTO
JOSÉ PASTORE
JOSÉ ROBERTO BENETI
JULIO CESAR DA COSTA
LUIS EDMUNDO PINTO DA FONSECA
LUIZ DO NASCIMENTO PEREIRA JUNIOR
LUIZ FRANCO BRANDÃO
LUIZ GONZAGA MARINHO BRANDÃO
MARCOS GOMES AMORIM
MARIA ELISA FUDABA CURCIO PEREIRA
MARIA LUIZA PIGINI SANTIAGO PEREIRA
NELSON MERCHED DAHER FILHO
PETER GREINER
RAQUEL SZTERLING NELKEN
REGINA LÚCIA ELIA GOMES
RITA DE CASSIA BARRADAS BARATA
RODRIGO RIBEIRO NOVAES
SERGIO TADEU RIBEIRO
SYLVIO RICARDO PEREIRA DE CASTRO
TARCISIO BARRETO CELESTINO
TOMASZ KOWALTOWSKI
VERA LUCIA PERES PESSÔA
VITÓRIO LUIS KEMP
WALDEMAR COELHO HACHICH
ZOROASTRO CERVINI ANDRADE
6 ANÔNIMOS

VIVACE / DE R$ 2.101 A R$ 4.100
ABNER OLIVA
ALCEU LANDI
ALFONSO HUMBERTO CELIA SILVA
ALMIR FERREIRA DE SOUSA
ALUÍZIO GUIMARÃES CUPERTINO
ANA BEATRIZ LORCH ROTH
ANA ELISABETH ADAMOVICZ DE CARVALHO
ANITA LEONI
ANTONIO CAPOZZI
ANTONIO CLARET MACIEL SANTOS
ANTONIO DIMAS
ANTONIO MARCOS VIEIRA SANTOS
ARNALDO MALHEIROS
BERTHA ROSENBERG
CARLOS ALBERTO MATTOSO CISCATO
CARLOS EDUARDO A. M. DE ANDRADE
CARLOS MACRUZ FILHO
CARLOS ROBERTO APPOLONI
CLÁUDIO CÂMARA
CLODOALDO APARECIDO ANNIBAL
DEBORAH NEALE
DORIS CATHARINE CORNELIE KNATZ KOWALTOWSKI
ED AQUINO
EDILSON DE MORAES REGO FILHO
EDITH RANZINI
EDSON MINORU FUKUDA
ELISEU MARTINS
ELZA MARIA ROCHA PADUA
ETSUKO IKEDA DE CARVALHO
EURICO RIBEIRO DE MENDONÇA
FÁTIMA PORTELLA RIBAS MARTINS
FRANCISCO SCIAROTTA NETO
FRANCISCO SEGNINI JR
GASTÃO JOSE GOULART DE AZEVEDO
GONZALO VECINA NETO
HAMILTON BOKALEFF DE OLIVEIRA JUNIOR
HELIO ELKIS
ISIS CRISTINA BARCHI
IVAN CUNHA NASCIMENTO
JAIME PINSKY
JAIRO OKRET
JAYME VOLICH
JONATHAN E. KELLNER
JOONG HYUN SHIN
JOSÉ CARLOS ROSSINI IGLÉZIAS
JOSÉ GOLDENBERG
JOSÉ NELSON FREITAS FARIAS
JUDITH MIREILLE BEHAR
JUNIA BORGES BOTELHO
KARL HEINZ KIENITZ
LAURA PALADINO DE LIMA
LAURO SOTTO
LAYDE HILDA MACHADO SIQUEIRA
LEONARDO ARRUDA DO AMARAL ANDRADE
LEONARDO KENJI RIBEIRO KITAJIMA
LUCI BANKS LEITE
LUCIA HELENA RODRIGUES CAPELA
LUIS ROBERTO SILVESTRINI
LUIZ DIEDERICHSEN VILLARES
MARCIO AUGUSTO CEVA
MARCIO MARCH GARCIA
MARIA HELENA LEONEL GANDOLFO
MARINA DE ALMEIDA AOKI
MAURICIO CARLOS MARTINS REZENDE
MAURICIO GOMES ZAMBONI
MÉRCIA LUCIA DE MELO NEVES CHADE
MIGUEL LOTITO NETTO
NELI APARECIDA DE FARIA
NELSON DE OLIVEIRA BRANCO
ORLANDO CESAR DE OLIVEIRA BARRETTO
OSWALDO HENRIQUE SILVEIRA
PAULO CAMPOS CARNEIRO
PAULO ROBERTO CAIXETA
PAULO ROBERTO PORTO CASTRO
PAULO ROBERTO SABALAUSKAS
PEDRO SPYRIDION YANNOULIS
PLINIO TADEU CRISTOFOLETTI JUNIOR
PROVVIDENZA BERTONCINI
RAFAEL GOLOMBEK
RAPHAEL PEREIRA CRIZANTHO
RENÉ HENRIQUE GÖTZ LICHT
RICARDO CARNICELLI DE OLIVEIRA
SAMI TEBECHRANI
SANTO BOCCALINI JUNIOR
SARAH VALENTE BATTISTELLA
SATOSHI YOKOTA
SERGIO PAULO RIGONATTI
SIDNEI FORTUNA
SILVIA EKMAN SIMÕES
STEPHAN WOLYNEC
TARCÍSIO SARAIVA RABELO JR.
VALDIR RODRIGUES DE SOUZA
VERA DA CONCEIÇÃO FERNANDES HACHICH
WILTON QUEIROZ DE ARAUJO
ZILMA SOUZA CAVADAS
20 ANÔNIMOS

ALLEGRO / DE R$ 1.101 A R$ 2.100
ADEMAR PEREIRA GOMES
ADRIANA NUNES
ALAOR CHIODIN
ALBINO DE BORTOLI
ALIDA MARIA FLEURY BELLANDI
ANTONIO SALATINO
ARTUR HENRIQUE DE TOLEDO DAMASCENO
CARLO CELSO LENCIONI ZANETTI
CARLOS EDUARDO MANSUELLI FORNERETO
CARLOS INÁCIO DE PAULA
CARMEN SILVIA DE MELO
CECILIA ABELHA STREMLOW
CELINEA VIEIRA PONS
CRISTIANE VIEIRA DOS SANTOS BARROS
DAUMER MARTINS DE ALMEIDA
DEBORA ARNS WANG
DÉCIO PEREIRA COUTINHO
DEMILSON BELLEZI GUILHEM
DIANA VIDAL
DIDIO KOZLOWSKI
DIONE MARIA PAZZETTO ARES
DOUGLAS CASTRO DOS REIS
ELIANA R. M. ZLOCHEVSKY
ELISABETH BRAIT
FELICIANO LUMINI
FERNANDA DE MIRANDA MARTINHO
FERNANDO CÉSAR NARDUZZO
FLAVIA HELENA PIUMA SILVEIRA
FRIEDRICH THEODOR SIMON
GERALDO GOMES SERRA
GIOCONDA DA CONCEIÇÃO SILVA
GLORIA MARIA DE ALMEIDA SOUZA TEDRUS
HELIO JULIO MARCHI
HENRIQUE HUSS
ILAN AVRICHIR
JEANETTE AZAR
JOÃO LAZARO DA SILVA
JOÃO PEDRO RODRIGUES
JOAQUIM VIEIRA DE CAMPOS NETO
JOSE ADAUTO RIBEIRO
JOSE ANTONIO MEDINA MALHADO
JOSE BILEZIKJIAN
JOSÉ CARLOS GONSALES
JOSE CERCHI FUSARI
JOSE GUILHERME VARTANIAN
JOSE HERNANI ARRYM FILHO
JOSE MARIA CARDOSO DE ASSIS
JOSE ROBERTO DE ALMEIDA MELLO
JOSÉ ROBERTO FORNAZZA
JOSÉ SUDÁ PIRES
JULENE NEVES DE OLIVEIRA JESUS
JULIO MILKO
LILIA BLIMA SCHRAIBER
LUÍS MARCELLO GALLO
LUIZ ABLAS
LUIZ CESÁRIO DE OLIVEIRA
MANOEL THEOPHILO BARBOSA FILHO
MARCELO JUNQUEIRA ANGULO
MARCELO PENTEADO COELHO
MARCIO VERONESE ALVES
MARCO TULLIO BOTTINO
MARCUS TOMAZ DE AQUINO
MARIA CECILIA SENISE MARTINELLI
MARIA INEZ CEZAR DE ANDRADE
MARIA JOSEFA SUÁREZ CRUZ
MARIA KADUNC
MARIA LUCIA PEREIRA MACHADO
MARIA TERESA ROLIM ROSA
MARINA PEREIRA BITTAR
MAURO FISBERG
MAURO NEMIROVSKY DE SIQUEIRA
MESSIAS MACIEL DO PRADO
MIGUEL SAMPOL POU
MOYSÉS FERREIRA MARTINS
NADIR DA GLORIA HAGUIARA CERVELLINI
NAPOLEON GOH MIZUSAWA
NATANIEL PICADO ALVARES
NEWTON FARIAS PRATES
OLAVO AZEVEDO GODOY CASTANHO
OSCAR MATHIAS FERREIRA
OSCAR WINDMÜLLER
PATRICIA RADINO ROUSE
PATRICK CHRISTIAN POLAK
PAULO DE TOLEDO PIZA
PAULO EMÍLIO PINTO
PAULO MENEZES FIGUEIREDO
PAULO REALI NUNES
PEDRO ALLAN GIGLIO SARKIS
REGINA COELI SAVIO GALLO
RENATA SIMON
RENATO ATILIO JORGE
RENATO DE ALMEIDA PIMENTEL MENDES
RENATO YOSHIO MURATA
ROBERTO LOPES DONKE
ROSA RANGEL
SALVATOR LICCO HAIM
SANDRA SOUZA PINTO
SELMA MARIA SCHINCARIOLI
SERGIO OMAR SILVEIRA
SILVIO ANTONIO DA SILVA
SILVIO LUIZ PARTITI FERREIRA
SONIA MARGARIDA CSORDAS
SONIA MARIA SCHINCARIOLI
THEREZINHA PRADO DE ANDRADE GOMES
THOMAZ WOOD JUNIOR
VALÉRIA GADIOLI
VICENTE PAIVA CORREIA LIMA
WAGNER SILVA RIBEIRO
WALTER JACOB CURI
WALTER MONKEN

WU FENG CHUNG
YVAN LEONARDO BARBOSA LIMA
ZOÉ MARSIGLIO
29 ANÔNIMOS

ALLEGRETTO / DE R$ 400 A R$ 1.100
ABRAHÃO SALITURE NETO
ADHEMAR MARTINHO DOS SANTOS
ADRIANA RAVANELLI RIBEIRO GILLIOTTI
ALEXANDRE CONTI MARRA
ALEXANDRE JOSE MARKO
ALEXANDRE SILVESTRE
ANA CAROLINA ALBERO BELISÁRIO
ANATOLY TYMOSZCZENKO
ANDRÉ LUIZ DE MEDEIROS M. DE BARROS
ANDRE PASQUALE ROCCO SCAVONE
ANDREE SOLAL RIBEIRO
ANNA CRISTINA BARBOSA DIAS DE CARVALHO
ANNA LAURA OLIVA
ANTONIO CARLOS MANFREDINI
AQUINOEL NEVES BORGES NETO
AVA NICOLE DRANOFF BORGER
BARBARA HELENA KLEINHAPPEL MATEUS
CAMILA MARIA PEREIRA
CARLOS ALBERTO PINTO DE QUEIROZ
CARLOS BOTAZZO
CARLOS EDUARDO CIANFLONE
CARLOS EDUARDO SEO
CARMEN GOMES TEIXEIRA
CÁSSIO BICUDO DREYFUSS
CÉLIA MARISA PRENDES
CELIA TERUMI SANDA
CÉLIO CORRÊA DE ALMEIDA FILHO
CESARE TUBERTINI
CLARA AKIKO KOBASHI SILVA
CLARICE BERCHT
CLAUDIA CRISTINA FERREIRA FERNANDES
CLAUDIA RUMI KATSUMATA
CLAUDIONOR SPINELLI
CLOVIS LEGNARE
CRISTIANE ZAKIMI
CRISTINA MARIA MIRA
DAN ANDREI
DANIEL DE ALMEIDA OKINO
DANIELA DA SILVA GOMES
DANIELE AKEMI IWAZAWA OKINO
DANUSA STUDART LUSTOSA CABRAL
DÁRCIO KITAKAWA
EDITH LUCIA MIKLOS VOGEL
EDSON DEZAN
EDUARDO ALGRANTI
EDUARDO GERMANO DA SILVA
EFRAIN CRISTIAN ZUNIGA SAAVEDRA
ELENICE SALLES KRAEMER
ELI RODRIGUES DA SILVA
ELIZABETE TSUBOMI SAITO GUIOTOKU
ELOISA CRISTINA MARON
ELOISA THOMÉ MILANI
ELY CAETANO XAVIER JUNIOR
EMA ELIANA TARICCO DE FIORI
EMILIO EUGÊNIO AULER NETO
ESMERIA ROVAI
EVANDRO BUCCINI
FABIANA IENO JUDAS
FÁBIO BATISTA BLESSA
FÁBIO FERREIRA MARINS
FAUSTO MANTOVANI
FERNANDO ANTONIO FOLLADOR
FERNANDO ANTONIO RIVETTI SUELOTTO
FERNANDO HERBELLA
FERNANDO LUIS LEITE CARREIRO
FERNANDO SILVA
GINA MARIA MANFREDINI OLIVEIRA
GIZELDA MARIA BASSI SIQUEIRA
HÉLIO JORGE GONÇALVES DE CARVALHO
IDEVAL BERNARDO DE OLIVEIRA
IRAPUA TEIXEIRA
IRENE DE ARAUJO MACHADO
ÍRIS GARDINO
IVAN CÉSAR RIBEIRO
IVONETE MARTINEZ
JANOS BELA KOVESI
JEAN FERNANDO PINHEIRO MIRANDA
JOÃO CLÁUDIO LOUREIRO
JOSÉ ESTRELLA
JOSE FERDINANDO DUCCA
JOSÉ FRANCISCO KERR SARAIVA
JOSE QUINTO JR.
JÚLIO CÉSAR FERREIRA DA SILVA
KARIN REGINA KOLBE
KOICHI MIZUTA
LARRY G. LUDWIG
LEILA TERESINHA SIMÕES RENSI
LEON CHANT DAKESSIAN
LIRIA KAORI INOUE
LÚCIA MACHADO MONTEIRO
LUCIANO ANTÔNIO PRATES JUNQUEIRA
LUCIANO GONZALES RAMOS
LUIS FERNANDO ALVES MILEO
LUIZ CARLOS C. MONTEIRO DE BARROS
LUIZ CARLOS DE CASTRO VASCONCELLOS
LUIZ CARLOS FERNANDES
LUIZ CARLOS TEIXEIRA DE SOUZA JUNIOR
LUIZ CESAR KIMURA
LUIZ EDUARDO CIRNE CORREA
LUIZ ROBERTO ALVES
MARCELO ANCONA LOPEZ
MARCELO HIDEKI TERASHIMA
MÁRCIA REGINA PADILHA
MARCIO BACCAN
MARIA CECILIA ROSSI
MARIA DA SOLEDADE DE JESUS
MARIA EMÍLIA PACHECO
MARIA EVANGELINA RAMOS DA SILVA
MARIA HERMÍNIA TAVARES DE ALMEIDA
MARIA ISABEL GARCIA
MARIA LUCIA TOKUE ITO
MARIA LUIZA MARCILIO
MARIA VIRGINIA GRAZIOLA
MARIAM ARAKAWA IRIE
MARINA PEREIRA ROJAS BOCCALANDRO
MÁRIO NELSON LEMES
MASATAKE HASEYAMA
MEIRE CRISTINA SAYURI MORISHIGUE
MIRIAM DE SOUZA KELLER
MÔNICA MAZZINI PERROTTA
MURILO LEMOS DE LEMOS
NANCY ZAMBELLI
NELSON ANDRADE
NICK DAGAN
NICOLAU KOHN
NILDE TAVARES LIMA
NILTON DIVINO D'ADDIO
OSÉAS DAVI VIANA
OSVALDO YUTAKA TSUCHIYA
OTÁVIO ROBERTI MACEDO
OZIRIS DE ALMEIDA COSTA
PASCHOAL MILANI NETTO
PATRÍCIA GAMA
PEDRO MORALES NETO
PEDRO SÉRGIO SASSIOTO
PERCIVAL HONÓRIO DE OLIVEIRA
RAFFAELLA OLIVA
REBECA LÉA BERGER
REGINA HELENA DA SILVA
REGINA VALÉRIA DOS SANTOS MAILART
REINALDO MORANO FILHO
RENATA KUTSCHAT
RICARDO SAMPAIO DE ARAUJO
RICARDO VACARO
RICARDO VASCONCELOS BOTELHO
ROBERT DE MORAES JARDIM AWERIANOW
ROBERTO LASMAN
ROBERTO LUIS AVIGNI
ROBERTO MORETTI BUENO
RODRIGO BARBOSA MELLO
ROMULO OURIVES CRUZ
ROSANA TAVARES
ROSELI RITA MARINHEIRO
RUBENS BRITO DO NASCIMENTO
RUBENS PIMENTEL SCAFF JUNIOR
SELMA S. CERNEA
SILVIA CANDAL MORATO LEITE
SILVIO ALEIXO
SUSANA AMALIA HUGHES SUPERVIELLE
SYLVIA IGNEZ DUARTE MEGDA
TEREZINHA APARECIDA SÁVIO
TIAGO DE GOIS BORGES
VALÉRIA DOS SANTOS GABRIEL
VITÓRIA REGIA MONCARI BARBOSA
VIVIANA SAPHIR DE PICCIOTTO
WALDEMAR TARDELLI FILHO
WALTER RIBEIRO TERRA
WILIAM BASSITT
WILMA PARTITI FERREIRA
YURI DE OLIVEIRA PEREIRA
ZELITA CALDEIRA FERREIRA GUEDES
61 ANÔNIMOS

ATUALIZADO EM 28/06/2016

INFORMAÇÕES ÚTEIS

PRECISO ME PREPARAR PARA OS CONCERTOS?

Não é necessário conhecimento prévio para assistir e apreciar a música apresentada pela Osesp. Entretanto, conhecer a história dos compositores e as circunstâncias das composições traz novos elementos à escuta. Com início uma hora antes dos concertos da série sinfônica, **aulas de cerca de 45 minutos de duração abordam aspectos diversos das obras do programa a ser apresentado pela Osesp na mesma data.** Para participar, basta apresentar o ingresso avulso ou de assinatura para o respectivo concerto. Nas *Revistas* você também encontra comentários de musicólogos e especialistas em linguagem acessível.

SOMENTE MÚSICA

Diferentemente de outros gêneros musicais, a música de concerto valoriza detalhes e sons muito suaves; assim, o silêncio por parte da plateia é muito importante. **Telefones celulares e outros aparelhos eletrônicos devem permanecer desligados, ou em modo silencioso, durante os concertos. Além do som, também a luz desses aparelhos pode incomodar.**

FUMAR, COMER E BEBER

Fumar em ambientes fechados é proibido por lei; lembre-se também de que não é permitido comer ou beber no interior da sala de concertos.

QUANDO APLAUDIR?

É tradição na música clássica aplaudir apenas no final das obras. Preste atenção, pois muitas peças têm vários movimentos, com pausas entre eles. Se preferir, aguarde e observe o que faz a maioria.

CHEGANDO ATRASADO

No início do concerto ou após o intervalo, as portas da sala de concerto serão fechadas logo depois do terceiro sinal. Se lhe for permitido entrar entre duas obras, siga as instruções de nossos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago que encontrar. **Precisando sair, faça-o discretamente, ciente de que não será possível retornar.**

IMPORTANTE

Pensando em seu conforto, além da implantação das três saídas para facilitar o fluxo de veículos após os concertos, outra melhoria foi aplicada ao nosso estacionamento: agora você retira o comprovante (*ticket*) na entrada e efetua o pagamento em um dos caixas, localizados no 1º subsolo (ao lado da bilheteria) e no *hall* principal da Sala São Paulo. A forma de pagamento também melhorou; além de cartão de crédito e débito, você pode utilizar o sistema Sem Parar/Via Fácil. Lembre-se: o *ticket* pode ser pago a qualquer hora, desde sua entrada até o final da apresentação. Antecipe-se. Não espere o final do concerto: pague assim que entrar ou durante o intervalo. Dessa forma, você evita filas, otimiza seu tempo e aproveita até o último acorde.

COMO DEVO ESTAR VESTIDO?
É fundamental que você se sinta confortável em sua vinda à Sala São Paulo.

E NA HORA DA TOSSE?
Não queremos que você se sinta desconfortável durante as apresentações. Como prevenção, colocamos à disposição balas (já sem papel), que podem ser encontradas nas mesas do *hall* da Sala. Lembre-se que um lenço pode ser muito útil para abafar a tosse.

CRIANÇAS
As crianças são sempre bem-vindas aos concertos, e trazê-las é a melhor forma de aproximá-las de um repertório pouco tocado nas rádios e raramente explorado pelas escolas. Aos sete anos, as crianças já apresentam uma capacidade de concentração mais desenvolvida, por isso recomendamos trazê-las a partir dessa idade. Aconselhamos a escolha de programas específicos e que não ultrapassem os sessenta minutos de duração.

SALA SÃO PAULO
Alvará de Funcionamento nº 2015/17606-00, válido até 24/07/2016.
Certificado de Acessibilidade nº 2014/17296-00.
Auto de Vistoria nº 172322 válido até 13/03/2017.

REVISTA OSESP
AGO/SET 2016

O CONTEÚDO DAS NOTAS
DE PROGRAMA É DE RESPONSABILIDADE
DE SEUS RESPECTIVOS AUTORES

ISSN 2238-0299

EDIÇÃO FINALIZADA EM
15 DE JULHO DE 2016

EDITOR
RICARDO TEPERMAN

COORDENAÇÃO EDITORAL
ANA PAULA MONTEIRO

ASSISTENTE EDITORAL
KAREN FERREIRA

PREPARAÇÃO DE TEXTO
FLÁVIO CINTRA DO AMARAL

REVISÃO
LUIZ FUKUSHIRO

PROJETO GRÁFICO
FUNDAÇÃO OSESP

DIAGRAMAÇÃO
BERNARD WILLIAN CARVALHO BATISTA

CRÉDITOS
SCHUBERTÍADE: © DOMÍNIO PÚBLICO
HENZE: © PETER ANDERSON/SCHOTT-MUSIC
MARKUS STENZ: © MOLINAVISUALS
DENISE DE FREITAS: © DIVULGAÇÃO
JACQUELINE ARONIS: ©SERGIO GUERINI
OLGA KOPYLOVA: © DIVULGAÇÃO
PAULO ÁLVARES: © DIVULGAÇÃO
CARNAVAL EM MADUREIRA: © RÔMULO FIALDINI
HORA DA MÚSICA: © ISABELLA MATHEUS
PRAIA DE BOTAFOGO: © ISABELLA MATHEUS
CRIANÇAS: © ISABELLA MATHEUS
VENTANIA: © ISABELLA MATHEUS
AOS PÉS DA CRUZ: © RÔMULO FIALDINI
BATUQUE: © ISABELLA MATHEUS
QUINTETO DE FAGOTES DA OSESP: © NATÁLIA KIKUCHI
TATU: © GALERIA RAQUEL ARNAULD
CAMARGO GUARNIERI: © GEORGE OLIVIER TONI
MARKUS STENZ: © MOLINAVISUALS
PAULO ÁLVARES: © DIVULGAÇÃO
PARIS VU DE NUIT: © FÁBIO COSTA
GEOFFROY JOURDAIN: © NATHANIEL BARUCH
MIL E UMA NOITES POSSÍVEIS: © MAURIZIO ELIA/FORTES VILAÇA
QUARTETO OSESP: © RODRIGO ROSENTHAL
CONSOLAÇÃO: © ARTHUR NESTROVSKI
NATHALIE STUTZMANN: © DIVULGAÇÃO
EKATERINA SIURINA: © DAVID ELOFER
EMÖKE BARÁTH: © DIVULGAÇÃO
MARCOS THADEU: © DIVULGAÇÃO
SABAH TEIXEIRA: © DIVULGAÇÃO
CORO ACADÊMICO DA OSESP: © RODRIGO ROSENTHAL
REI DE YS: © DOMÍNIO PÚBLICO
NATHALIE STUTZMANN: © DIVULGAÇÃO
KHATIA BUNIATISHVILI: © JULIA WESLEY
VALSA TRISTE E A DANÇARINA QUE NÃO PODIA DANÇAR: © JANET CARDIFF E GEORGE BURES MILLER
KHATIA BUNIATISHVILI: © JULIA WESLEY
VISTA CHINESA: © AUGUSTO MALTA/IMS
ISAAC KARABTCHEVSKY: © BRUNO VEIGA
XAVIER DE MAISTRE: © MARCO BORGGREVE
OSESP: © RODRIGO ROSENTHAL
CORO DA OSESP: © RODRIGO ROSENTHAL

A *REVISTA OSESP* ENVIDOU TODOS OS ESFORÇOS PARA LICENCIAR AS IMAGENS E TEXTOS CONTIDOS NESTA EDIÇÃO. TEREMOS PRAZER EM CREDITAR OS PROPRIETÁRIOS DE DIREITOS QUE PORVENTURA NÃO TENHAM SIDO LOCALIZADOS.

SALA SÃO PAULO
FUNDAÇÃO OSESP
PRAÇA JÚLIO PRESTES, 16
T 11 3367.9500

LOCAÇÃO DE ESPAÇOS NA SALA SÃO PAULO
EVENTOS@OSESP.ART.BR

ANÚNCIOS NA REVISTA OSESP
MARKETING@OSESP.ART.BR | 11 3367.9556

Cada número da *Revista Osesp* traz na capa uma obra de artista brasileiro contemporâneo, do acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Os trabalhos foram selecionados pela curadora-chefe da Pinacoteca, Valéria Piccoli, juntamente com o diretor artístico da Osesp.

ARTE NA CAPA

MARCO GIANNOTTI

São Paulo, SP, 1966
Passagem, 2007
óleo sobre tela, 250 x 200 cm
Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil.
Doação do artista, 2007
Foto: Rodrigo Rosenthal

Marco Giannotti é pintor, gravador e professor do Departamento de Artes Plásticas da USP. No início dos anos 1980, frequentou o curso de gravura de Sergio Fingermann e, em meados da década, iniciou sua produção artística. Em 1988, graduou-se em Ciências Sociais na USP, onde realizou mestrado em Filosofia e doutorado em Poéticas Visuais. Em 1993, apresentou a exposição *Fachadas*, no Masp, e, em 1997, foi premiado pela APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte). Participou da 20ª edição do Panorama de Arte Brasileira, no MAM-SP (1989), da segunda e da terceira edições da Bienal do Mercosul (1999 e 2001), dentre muitas outras exposições coletivas. Em 2007, realizou mostra individual na Pinacoteca do Estado de São Paulo.

OSESP.ART.BR

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

MINISTÉRIO DA
CULTURA